



ANNO I — Janeiro de 1925 — N.º 10

## SUMMARIO

A reforma da Escola Normal — 1925.

Do ensino do Francez — Annibal Costa.

Anatomia do aparelho visual — Barboza Vianna.

Direito usual — Othelo Reis.

A arte da escripta — Celso Lemos.

Da pratica de pedagogia na Escola de Applicaçào — Joaquina Daltro.

Relaçào da Glottologia com as Sciencias Naturaes — Francisco Antonio Dias de Abreu.

Esperanto — Porto Carreiro Neto.

Multiplicaçào dos musulmanos — Tio Ratão.

Da Educaçào e dos Educadores — Carlos da Silveira.

Algebra — Lacerda Coutinho.

Alma feiticeira da tróva — Ademar Tavares.

Lucia — Luiza Sampaio de Lacerda.

O bom Juiz — Salim Adibar.

Parnaso Infantil — Recordaçõe — Guilherme Braga.

O Luxo — Robertina dos Anjos Lima.

De agulha e linha — Gloria Swanson.

Climatologia (Notas da aula do Prof. Barboza Vianna) — Zaira Pagliaro.

Bibliographia.

Varias Noticias.



**ESCOLA Normal**  
**REVISTA DE EDUCAÇÃO**



# — A ESCOLA NORMAL —

PUBLICAÇÃO MENSAL

## EXPEDIENTE

Orgão dos Corpos docente e discente da Escola Normal do  
Districto Federal e de suas congengeres nos Estados.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

**RUA DE SÃO CHRISTOVÃO, N.º 23**

AGENCIA

Rua Chile — 17, Tel. Central 1181  
RIO DE JANEIRO.

Assignatura annual para todo o Brasil....	20\$000
Numero avulso .....	2\$000
“     atrazado .....	3\$000

Todas as assignaturas terminam em Março  
NÃO SE RESTITUEM ORIGINAES

Representantes junto ás Escolas Normaes nos Estados.

### S.PAULO

CAPITAL — Prof. Armando Gomes de Araujo  
Vice-Director da Escola

BRAZ — Alarico Borelli  
Amanuense da Escola

PIRASSUNUNGA — Prof. Mello Ayres  
Cathedratico da Escola

PIRACICABA — Prof. Joaquim Antonio do Canto  
Director do Grupo Escolar

S. CARLOS — Dr. Domingos de Vilhena  
Cathedratico da Escola

### E. DO RIO

NICTHEROY — Prof. Evangelina A. de Azevedo Cruz  
Cathedratica da Escola

### ESPIRITO SANTO

ESCOLA NORMAL DE VICTORIA

D. Maria Stella de Novaes  
Professora de Sciencias Physicas e Naturaes

### BAHIA

CAPITAL — Dr. Antonio Augusto Machado  
Cathedratico da Escola

### PERNAMBUCO

ESCOLA NORMAL OFFICIAL DO RECIFE

Prof. Eustorgio Wanderley  
Cathedratico da Escola

### AGENTES:

ARARAQUARA — Dourival Alves  
Prefeitura Municipal



## VALE A PENA ASSIGNAR "A ESCOLA NORMAL"

ASSIGNATURA DE 1925-1926

Estamos organizando um grande sorteio afim de beneficiar os nossos leitores que regularizarem a sua assignatura até o dia 30 de Abril do corrente anno.

Entre os premios, podemos desde já anunciar que serão sorteados um excellente terreno sito nos arredores desta Capital, oito exemplares do magnifico trabalho do Dr. Renato Kehl — **A fada Hygia**, dez exemplares da **Hygiene para todos**, do Prof. Barboza Vianna; cinco assignaturas da optima revista "**A Escola Primaria**" e duas do acatado mensario "**A Escola**"

Alem destes premios, continúa "**A Escola Normal**", a distribuir mensalmente entradas para diversões.



# Licção de Economia Domestica

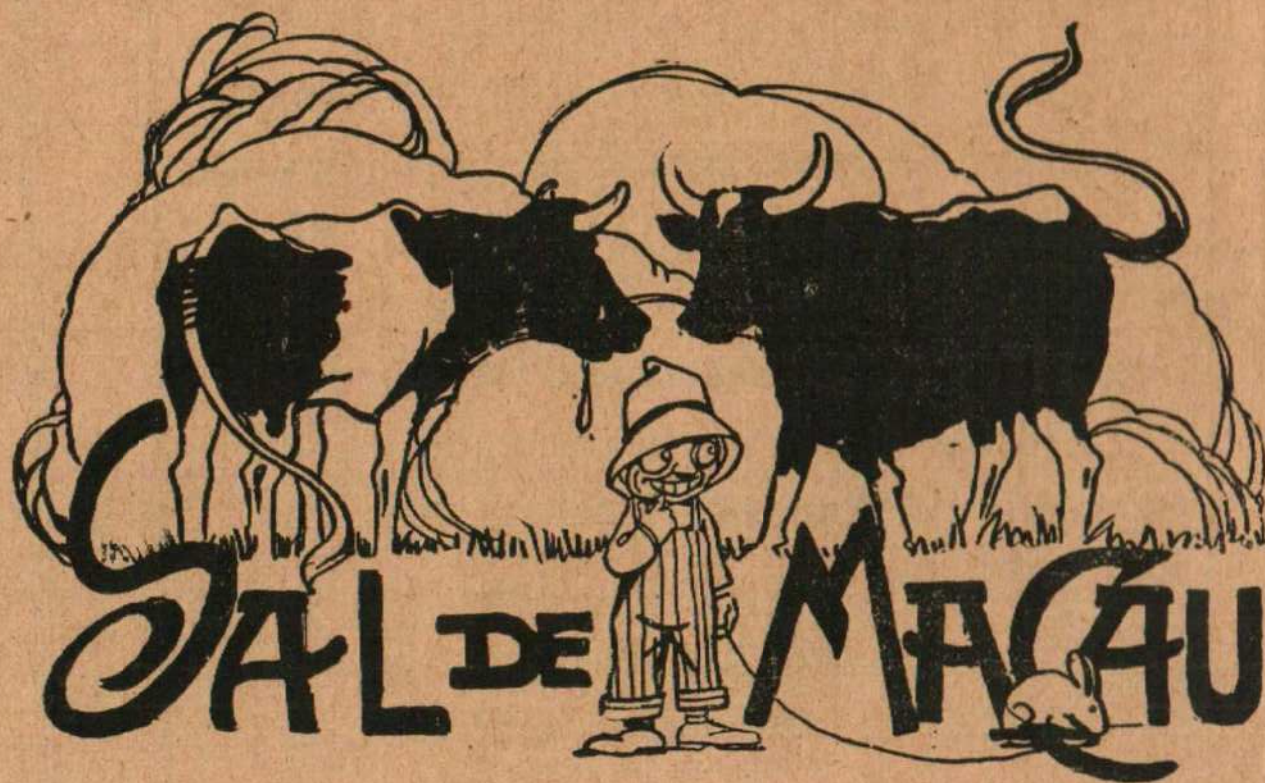
O que todas as moças devem saber

Qual o melhor sal de cosinha?

deduzamos a resposta

DA

observação do garoto



Olha, meu coelbinho si não fomares o "SAL DE MACAU"  
ficarás magro como o boi malhado. . .



# A Escola Normal

## REVISTA DE EDUCAÇÃO

DIRECTOR:

Dr. Barboza Vianna

Prof. da Escola Normal e da Faculdade de Medicina



SECRETARIA:

Zenaide Guerreiro

Professora pela Escola Normal

RIO DE JANEIRO

### A REFORMA DA ESCOLA NORMAL

Em uma das ultimas sessões do anno findo, foi apresentado a um projecto qualquer em 3.<sup>a</sup> discussão, um substitutivo pelo qual se reformava inteiramente a Escola Normal.

Sem a necessaria publicidade, ninguem discutiu o projecto que felizmente se não transformou em lei, graças a interesses pessoases, que levaram um intendente a uma providencial obstrucção.

Como todas as reformas que se fazem no Brasil, esta creava varias cadeiras no Curso Normal, vindo augmentar o numero de Professores da Escola, que já é hoje o mais elevado do mundo. (Valha-nos, ao menos, este *record*.)

Algumas das disciplinas projectadas, como a de methodologia e pedologia, cabem perfeitamente no ensino das actuaes cadeiras de Pedagogia e Psychologia, pelo que, parecia ter o projecto em vista collocar como cathedaticos determinados afilhados, tanto assim, que limitava o numero de concorrentes.

A propria divisão do curso em geral e especial, não se nos afigura feliz, pois necessitamos é da creação de varias escolas normaes primarias, disseminadas pelos differentes bairros de nossa vasta Capital.

Poderíamos, desde já, fazer esta creação, pois, os docentes e inspectoras da Escola Normal, darão para dez outras, não havendo, portanto, augmento de despeza.

Voltaremos ao assumpto quando, em Junho, se reabrir o Conselho Municipal, pois estamos certos que o actual mostrengo não voltará a figurar em ordem do dia, senão para receber um substitutivo que satisfaça as aspirações do magisterio normal.

O ensino no Districto Federal, tem as suas tradições, e, por consequencia, physionomia propria, dispensando, assim, de bom grádo, enxertos simios, que no curso normal, não lograrão existencia, como não pegaram no ensino primario.

Melhoremos o que temos, pois os resultados obtidos são bons, e tratemos de augmentar a efficiencia do ensino, pela boa ordem e pelo exemplo, sem a montagem de custosos apparatus destinados unicamente a *épatér les bourgeois*.



1925



Desenho de Raul

Ao iniciar-se o Anno Santo "A Escola Normal" deseja innumerables felicidades aos seus leitores.



# DO ENSINO DE FRANCEZ

## A ESCOLHA DO LIVRO

*Annibal Costa*

Docente da Escola Normal

Um dos pontos mais importantes, no curso de Francez da Escola Normal ou de qualquer outra casa de instrucção, é a acertada escolha do livro que deverá servir durante o anno. Actualmente ha uma tal ou qual balburdia nesse sentido, em todos os estabelecimentos de ensino. Aqui na Escola leu-se Toutey o anno todo, o que não impediu de, chegados os exames, defrontarem-se os alumnos com Filon,, Chèze, Chateaubriand, Bigot, Kühn e Monteiro. Em outra escola o livro adoptado é *Beautés* de Chateaubriand, naquelle curso é Roquette, no Pedro II é Florian (Fables) e Theatro Classico... Não ha uma orientação una; pelo contrario, nota-se falta de uniformidade e, ás vezes, de bom senso.

Que idéa fará da lingua franceza um rapaz que, durante todo o curso só leu *Beautés* de Chateaubriand? Apezar dos meritos que esse autor realmente possui, não ha negar que a lingua de hoje não é a de 1800 e que, quer em Atala, René, *Génie du Christianisme, les Martyrs*... muitas são as expressões não mais adoptadas hoje, muitos os archaismos... Além disso, o proprio estylo de Chateaubriand não me parece de molde a servir de guia para um estudante.

O periodo que mais fortemente influiu na formação do caracter de Chateaubriand creio ter sido o longo tempo passado no lugubre castello de Combourg, tendo exteriormente a paisagem monotona e triste e internamente as salas e os corredores não menos tristes e monotonos, a companhia pouco alegre de seu velho pae e a presença de sua irmã Lucilia, com a qual se ligara pelos laços mais ternos e fortes de uma sincera amizade fraternal, mas que era uma joven sonhadora, nervosa e talvez hysterica... Nota-se, em todas as suas obras, o sinete da solidão, da falta de variedade, do orgulho, elevado talvez á egolatria... Eis uma amostra:

*"Et si j'étais mort à ce moment-là; s'il n'y avait pas eu de Chateaubriand? Quel changement dans le monde!"*

Os seus heroes são elle proprio; Chactas, René, Eudore...

Pallida idéa fará da litteratura franceza o estudante que só ler *Beautés* de Chateaubriand! E' verdade que nesse livro ha, no fim, uns trechos escolhidos de Theatro Classico, mas isso apparece como que... "par dessus le marché"...

Não é possivel negar qualidades especiaes a Chateaubriand, ellas são por demais conhecidas, mas o fim do ensino de francez entre nós deve ser o de dar uma idéa geral da litteratura e familiarizar o alumno com a lingua que aprende, de modo que possa elle, sem difficuldade, manusear um Ganot, um Comberousse, ler um romance, um jornal, uma revista, um modo de usar um remedio, dar uma informação, etc.

Não se trata de mostrar só as qualidades caracteristicas deste ou daquelle autor, de commentar o genio de Corneille ou o estylo de Racine... Mesmo que assim fosse, seria incomprehensivel ler durante o anno um unico autor. Ler, pois, um só autor, seja elle Chateaubriand, Corneille, La Fontaine, Florian ou qualquer outro, é falta de bom senso. Restam as selectas ou anthologias; por ellas o alumno se familiariza com a maior parte dos bons autores e parece, portanto, ser esse o melhor processo. A orientação que se nota em quasi todas ellas, é a de começar com os autores mais antigos e progressivamente ir dando trechos



de escriptores cada vez mais modernos. Acho isso um erro. Julgo preferivel que ao alumno ainda atrazado se dêem trechos de autores modernos, escriptos em linguagem commum e actual e não eivado de archaismos e que sómente depois, se faça o alumno ler Malherbe, D'Aubigné, Balzac, Montaigne, Rabelais, Amyot, etc... e até se quizerem Froissart, Commynes, Jean de Meung e os Fabliaux...

O inverso é que não acho didactico.

Julgo, ainda mesmo assim, deficiente a selecta. E' preciso ensinar ao alumno principalmente o francez actual, o francez que é falado. O francez de uma selecta será, naturalmente, aprimorado, isento de expressões vulgares e de termos que, embora commumente empregados, não são dignos de figurarem num livro desse genero.

O processo que tenho empregado com os meus alumnos particulares é um pouco differente e o resultado tem sido bastante satisfactorio. Só o tenho empregado com alumnos particulares porque nos cursos os directores fariam cara feia e diriam que eu nunca aprendi litteratura nem pedagogia... Tem sido covardia fazer desse modo; aliás estou resolvido a mudar, pois quando julgo estar no bom caminho tenho o maior desprezo pela opinião alheia...

Acredito tambem que muitos collegas taxarão o meu systema de aberrante da boa pedagogia, de absurdo, de pouco classico e outros qualificativos ainda peiores...

Acho que devia ter o alumno, ao lado da selecta, um exemplar de um jornal qualquer (*Journal, Gaulois, Matin*, etc.) e uma revista mensal (*Je sais tout, La Science et la Vie*, etc.) A despeza seria apenas de quinhentos réis para o jornal e de uns quatro mil réis para a revista; ao todo menos de 5\$000.

Sobre o lado financeiro nada de difficil.

Mas ler o que no jornal? Tudo; desde a chronica politica e as demissões dos ministerios até os annuncios de "precisa-se de cozinheira, de pomadas para callos e de remedios que curam qualquer dôr em trez minutos".

A linguagem ahi empregada é que é a verdadeira da França, a actual, a falada, a que tem vida, a que o rapaz encontrará, si fôr á França, assim que passar o Quai d'Orsay.

Convem que o alumno leia a noticia referente a um crime sensacional, a um ministro que é accusado, ao preço dos generos, á prisão de um batedor de carteiras, á estréa de uma companhia de revistas, etc.

Os leitores acharão que esse methodo (dirão falta de methodo) aberra dos principios tradicionaes e que só se deve ler *La Fontaine, Boileau e Corneille*...

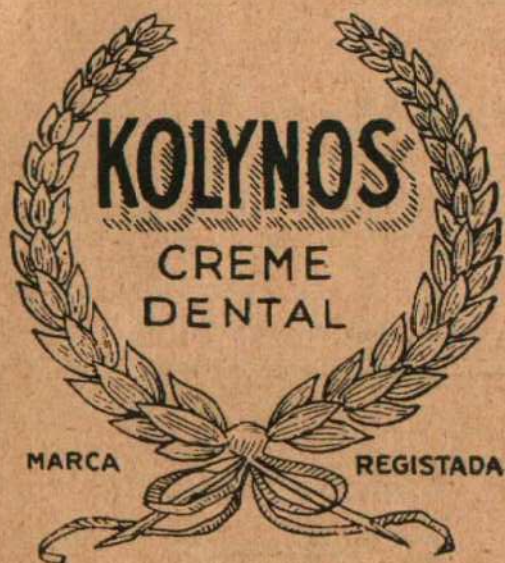
Estou certo que não deve ser assim; esses bons autores devem ser apenas um complemento; o conhecimento geral deve ser tirado da linguagem vulgar dos jornaes e das revistas.

Vou mais longe ainda; sou de opinião que num curso de pequena duração em que se deseja apenas que o alumno conheça o francez para fins praticos, commerciaes, etc., os bons autores deviam ser excluidos.

Experimentem os incredulos; ao envez de mandarem ler e traduzir "*La Cigale et la Fourmie*" ou "*Le Songe d'Athalie*", entreguem ao estudante um exemplar do "*Matin*" para ler, traduzir e commentar, e verão como são differentes os resultados...



# KOLYNOS



Uma dentadura perfeita, alva e sã é uma das condições essenciaes á belleza. Por mais harmoniosos que sejam os contornos de um rosto, perderá seu attractivo si os labios, ao descerrarem-se num sorriso, mostrarem uma dentadura suja e mal cui-

dada, e gengivas descoradas e doentias.

KOLYNOS dá aos dentes uma brancura attraheute, endurece as gengivas, desinfecta a cavidade oral e é insubstituivel como elemento da toilette diaria.

**E' UM COMPLEMENTO DA FORMOSURA E DA SAUDE  
CONSULTE O SEU DENTISTA E USE "KOLYNOS" DIARIAMENTE**

**A' VENDA EM TODA PARTE**

**Unicos Agentes para o Brasil:**

## Paul J. Christoph Company

Rua do Ouvidor, 98  
Rio de Janeiro

Rua de S. Bento, 45  
São Paulo





**Creme** Kaloderma de fama verdadeiramente universal.

Indispensavel para a toilette.

**Sabonete** Kaloderma. O sabonete de toilette mais puro e hygienico que existe.

**Pó de Arroz** Kaloderma, muito apreciado para a toilette para uso das creancas e para o banho.

**Sabonete** { Kaloderma em estojo de aluminio, para a barba.  
Kaloderma em estojo de aluminio, para viagem.

A venda em todas as casas importantes d'este artigo

**F. WOLFF & SOHN**

**KARLSRUHE**

Os unicos Perfumes de Luxo vendidos a peso

**CALYPSO**

75 %  
de economia

**F. de Séguier & C.<sup>ia</sup>**



-- RUA BETTENCOURT DA SILVA N. 16 --

Edificio do Hotel Avenida

Redução de 5 % a quem trouxer este annuncio N. 885



# ANATOMIA E PHYSIOLOGIA HUMANAS

## ANATOMIA DO APPARELHO VISUAL

*Barboza Vianna*

Cathedratico da Cadeira

Os olhos acham-se alojados nas cavidades orbitarias constituídas, em parte, pelo craneo, em parte pela face (fig. 1).

Têm as orbitas (fig. 2) a fôrma de uma pyramide quadrangular de base dirigida para deante, sendo o seu maior eixo orientado, obliquamente, de fóra para dentro. Contribuem para a sua formação, em cima (abobada) o osso frontal (fig. 2<sup>a</sup>) em baixo, (soalho) os ossos: maxillar superior, palatino e malar (fig. 2<sup>b</sup>); dentro, (parede interna) o unguis ou lacrimal, o ethmoide e o esphenoide (fig. 3) e fóra (parede externa), o esphenoide (grande aza), o malar e o frontal (fig. 1).

No apice da pyramide orbitaria encontra-se o buraco optico por onde penetra na cavidade o nervo optico (2.º par craneano), nervo sensorial, encarregado da função visual (fig. 2<sup>1</sup>).

Para fóra do buraco optico, em sua immediata vizinhança encontra-se uma outra abertura — a *fenda esphenoidal* por onde entram na orbita: os nervos motores do olho (3.º, 4.º e 6.º pares craneanos), o nervo ophtalmico (ramo de trifurcação do 5.º par), encarregado de fornecer sensibilidade aos órgãos da região e a arteria ophtalmica. Na parede superior da orbita, junto das arcadas orbitarias (superior e inferior) que limitam anteriormente a cavidade, existem duas pequenas depressões: uma externa

destinada á glandula lacrimal (fosseta lacrimal), outra interna, menor, onde se fixa a polé de reflexão do musculo grande obliquo do olho (fosseta trochlear).

Acham-se contidos na cavidade orbitaria: o globo ocular, seus musculos, seus nervos, seus vasos e a glandula lacrimal (figs. 2, 3, 5 e 6).

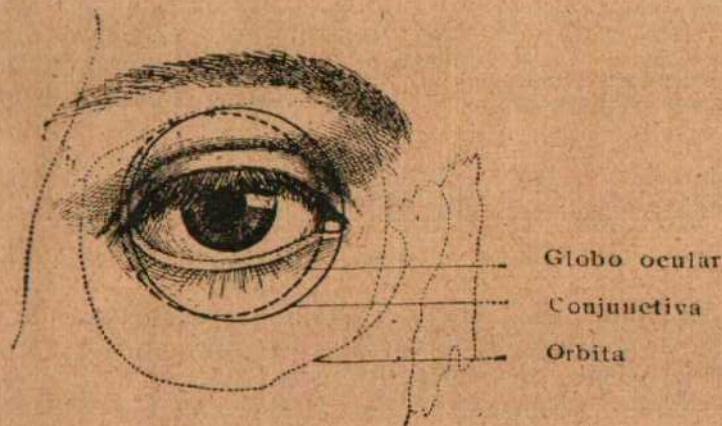


Fig. 1

### Relações do órgão visual

### GLOBO OCULAR

Tendo a fôrma de um espheróide achatado no sentido vertical é o globo ocular formado por três membranas

superpóstas: exterior, fibrósa, protectora — a *esclerotica* (fig. 3<sup>a</sup> e <sup>b</sup>); média, vascular, nutridora — a *choroide* (fig. 3<sup>b</sup>) e interior, nervosa, sensorial — a *retina* (figs. 2<sup>2</sup> e 3<sup>c</sup>).

Estas tunicas limitam uma cavidade preenchida adeante pelo humor aquoso, no meio pelo cristalino e atraz pelo humôr vitreo, tres formações transparentes que constituem os meios refringentes do olho (figs. 2 e 3).

**ESCLEROTICA** — (Fig. 3<sup>a</sup> e <sup>b</sup>) Esta membrana, muito resistente, apresenta-se de côr azulada na infancia, esbranquiçada na adolescencia e amarellada na velhice.

E' dividida em duas porções, uma anterior — a *cornea transparente* ou simplesmente *cornea*, destinada á travessia dos raios luminosos, outra posterior — *esclerotica* propriamente dita ou *cornea opaca*, parede exterior da camara escura do olho. A esclerotica é atravessada por grande numero de pequenos orifícios para passagem de vasos e nervos, não apresentando, todavia, solução de continuidade alguma. Representada, adeante, pela cornea, offerece atraz, para passagem do nervo optico, um grande numero de orifícios reunidos como em uma peneira (*lamina cribósa*), passando cada filete do nervo por um desses pertuitos. Esta disposição garante a resstencia que deve offerecer a esclerótica á pressão intraocular, para o que ainda se acha reforçada pela contiguidade da capsula de Tenon, ou aponevrose orbito-ocular que, revestindo a esclerótica, se fixa,



pelas extremidades livres, nas paredes da orbita, A' esclerótica vêm se prender os musculos motores do olho, que ahí tomam as suas inserções activas (fig. 5).

A porção anterior da esclerótica — a *cornea* — apresenta-se convexa á maneira de um vidro de relógio (figs. 2 e 6). Por ter a cornea maior espessura no centro, o

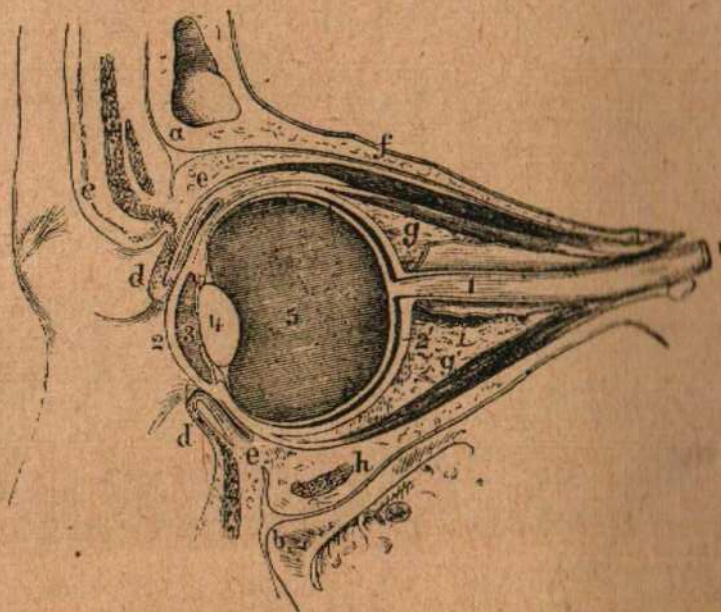


Fig. 2

#### Conjuncto do globo ocular na cavidade orbitaria

1 — Nervo optico; 2 — Retina; 3 — Camara anterior do olho; 4 — Cristalino; 5 — Camara posterior; a — osso frontal; b — maxillar superior; c — arcada orbitaria; d e d' — palpebras; e — fundo de sacco da conjunctiva; f — musculo elevador da palpebra; g — musculo recto superior; g' — recto inferior; h — musculo pequeno obliquo.

ou *urea*, é a tunica vascular do olho, que tem o duplo papel de nutrir o globo ocular e fornecer-lhe um calor constante, para que os elementos essenciaes da visão (cones e bastonetes da retina) recebam uma temperatura sufficiente ao bom desempenho de sua funcção.

Como a sclerótica, apresenta a choroide duas porções bem distinctas: uma anterior — a *iris* (fig. 3<sup>a</sup>), outra posterior — a *choroide* propriamente dita. Entre as duas porções existe uma zona limitante — o *corpo ciliar* (fig. 3<sup>x</sup>, 1, e 2).

A choroide de côr uniformemente parda, achua-se juxtaposta á retina e á esclerótica, com as quaes não contrahe adherencias, sendo relativamente facil a sua separação.

Uma formação conjunctiva — a *lamina fusca*, a isóla da esclerótica, estando em contacto com a retina por intermedio da camada pigmentar desta tunica.

A choroide apresenta tres camadas: *externa*, dos gróssos vasos, *média*, dos capilares e *interna* — a lamina vitrea.

A primeira que é a camada característica da choroide, possui dois planos um superficial, formado pelas veias e outro profundo pelas arterias. As veias formam ahí uma disposição especial e unica, apresentando turbilhões vasculares, que se destinam á formar uma estufa para os elementos nervosos, conforme já referimos.

A zona ciliar, collocada para deante da choroide propriamente dita, é uma especie de anel que se continúa para deante com a iris e para traz com a choroide.

Ella é formada por duas camadas contiguas, uma anterior, representada pelo *musculo ciliar* (fig. 3<sup>x</sup>), outra posterior, constituída pelos *processos ciliares* (fig. 3<sup>1</sup>e 1').

O *musculo ciliar*, tambem chamado musculo tensor da choroide ou musculo de Brücke, que representa um papel muito importante na accommodação da vista, é constituído por fibras lisas, de disposição variavel, sendo umas circulares e outras, em numero muito maior, radiadas.

Os *processos ciliares*, são formados pelas saliencias dos vasos, muito abundantes na choroide, envolvidos por um estroma conjunctivo e revestidos para traz por um prolongamento da lamina vitrea. São, assim, os processos ciliares, constituídos por cerca de 70 pregas, dispóstas em meridiano atraz do musculo ciliar, constituindo o seu conjuncto a chamada — *coróia ciliar*.

raio de curvatura de sua face posterior é menor do que o da face anterior. A transparencia da cornea modifica-se com a idade. Nas proximidades dos 50 annos, vê-se apparecer, na vizinhança da zona esclero-corneana, duas estreitas linhas curvas uma superior, outra inferior, que se rúnem, em uma idade mais avançada, para formar o *arco seni da cornea* ou *gérotoro*.

A cornea é revstida adeante e atraz, por tecido pithelial que se continúa respectivamente com o epithelio da conjunctiva e do diaphragma iris.

Entre as duas camadas epitheliaes encontra-se o tecido proprio da cornea collocado entre duas formações elasticas.

Na cornea, vêm-se distribuir grande numero de filetes nervosos, de que resulta a extrema sensibilidade desta membrana, necessaria á efficaz protecção do globo ocular.

Um corpo estanho na cornea por minimo que seja, provoc. tal sensação de mau estar, que obriga a sua immediata retirada.

#### CHOROIDE (fig. 3<sup>b</sup>), *tracto veal*



A IRIS (fig. 3<sup>a</sup>), que é a formação choroidéa anterior, acha-se collocada verticalmente como uma cortina, adeante do cristalino.

Representa a iris, a disposição de um diaphragma, para o que existe em seu centro um orificio de diametro variavel — a *pupilla*, vulgarmente chamada menina dos olhos, (fig. 1), que é sempre negra, por se vêr, atravez della, a camada pigmentar da retina.

Pouco accentuada nos primeiros tempos da vida, a côr da iris, accusa-se definitivamente a partir dos 3 annos de idade. Ella varia nas differentes raças, podendo-se apresentar esverdeada, azulada ou pardacenta, prestando-se os matizes destas côres a uma infinidade de combinações.

O tom do colorido ora mais claro ora mais escuro, dá pequenas cambiantes á iris do mesmo individuo sob o imperio das emoções e tambem sob a influencia de factores pathologicos.

Observando-se a face anterior da iris, nota-se uma zona circular, formada pelas anastomoses vasculares — o *pequeno circulo da iris* — que divide esta membrana em duas zonas, — uma interna ou pupillar, mais escura (annel corado interno), outra

externa ou ciliar, mais clara, (annel corado externo) (fig. 1). A iris é constituida por cinco camadas contiguas: o epithio anterior, a membrana basal anterior, o tecido proprio da iris, a membrana basal posterior e o epithio posterior.

No tecido proprio da iris, encontram-se dois musculos de fibras lisas: o esphincter pupillar e o dilatador da pupilla. O primeiro é apparentemente innervado pelo motor ocular commum (3<sup>o</sup> par craneano) e o outro pelo grande sympathico.

A pupilla mede normalmente 3 ou 4 milímetros de diametro, não sendo situada no centro da iris e sim um pouco abaixo.

Ella é banhada pelo

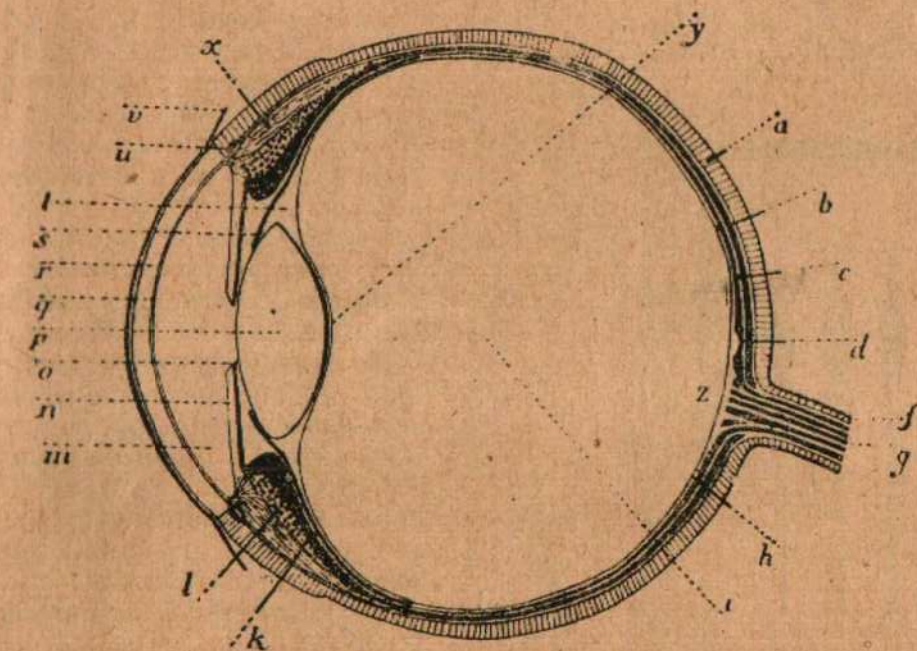


Fig. 3

#### Corte eschematico do globo ocular

a e u — esclerotica; b — choroide; c — retina; d — mancha amarella (macula lutea); f — bainha do nervo optico; z — ponto cego; h e y — membrana hyaloide; l — corpo vitreo; k, l e x — corpo ciliar; m — camara anterior do olho; n — iris; o — bordas da pupilla; p e y — cristalino; q e r — cornea; s e t — ligamento suspensor do cristalino; v — conjunctiva.

humor aquoso que se acha em contacto com a face anterior da iris passando pela pupilla para humedecer a convexidade anterior do cristalino (fig. 2<sup>a</sup>).

Servindo para limitar a quantidade de luz que deve attingir a retina, a pupilla diminúe sob a influencia de uma luz intensa e dilata-se na obscuridade.

Póde-se observar egualmente a mudançã do diametro da pupilla, pela accção de alguns agentes medicamentózos. A belladona e o seu principio activo — a atropina, dilatam a pupilla, a eserina, pelo contrario, diminúe o seu diametro.

As toxinas produzidas pelos vermes tambem dilatam a pupilla. Muitas vezes, só pelo brilho dos olhos, póde-se ter conhecimento nas creanças, da existencia de ascaris lumbricoides (lombrigas).

RETINA (figs. 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup>). E' a membrana mais importante do globo ocular, por ser a que se destina á percepção visual. E', ella, formada pela expansão do nervo optico que, após passar atravez da esclerotica e atravessar o orificio da choroide, se alarga em calice, apresentando-se assim como um segmento de esphera.

A retina é negra, pela existencia de uma camada pigmentar, sendo as outras camadas perfectamente transparentes. Na obscuridade, nota-se na retina, uma côr avermelhada, devida a um pigmento — a *purpura retiniana* ou *visual* chamada tambem *rhodopsina*.



A retina acha-se, para fóra, em contiguidade com a choroidé, para dentro, com o corpo vitreo sobre o qual se amolda sem a minima adherencia.

Na face interna da retina, aonde divergem as fibras do nervo optico, faz-se notar uma região, a *papilla* ou *ponto cego* (punctum caecum), na qual não existem terminações nervósas (fig. 3<sup>a</sup>).

Exactamente no pólo posterior do olho, para fóra e para dentro, portanto, a papilla, ha uma outra pequena região, esta amarellada — a *mancha amarella* (macula luctea) que representa o mais importante papel na percepção luminosa (fig. 3<sup>a</sup>).

Possúe a *macula luctea* em seu centro uma pequena depressão — a *fovea centralis* — (fosseta central) no fundo da qual se nota um ponto negro (funda foveae) o qual não é mais que a camada pigmentar ahí tornada á evidencia, pelo afastamento dos elementos retinianos.

A bórda anterior da retina, confunde-se com a porção anterior da choroidé propriamente dita, na região conhecida pelo nome de *ora serrata*.

A retina é constituida por elementos nervósos e cellulas da sustentação, que se dispõem em dez camadas regularmente superpóstas.

De fóra para dentro encontramos (fig. 4): 1.<sup>a</sup> — A zona pigmentar; 2.<sup>a</sup> — A camada dos cônes e bastonêtes; 3.<sup>a</sup> — A camada limitante externa; 4.<sup>a</sup> — A camada granular externa; 5.<sup>a</sup> — A camada plexiforme externa; 6.<sup>a</sup> — A camada granular interna; 7.<sup>a</sup> — A camada plexiforme interna; 8.<sup>a</sup> — A camada das cellulas nervósas; 9.<sup>a</sup> — A camada das fibras nervósas; 10.<sup>a</sup> — A camada limitante interna.

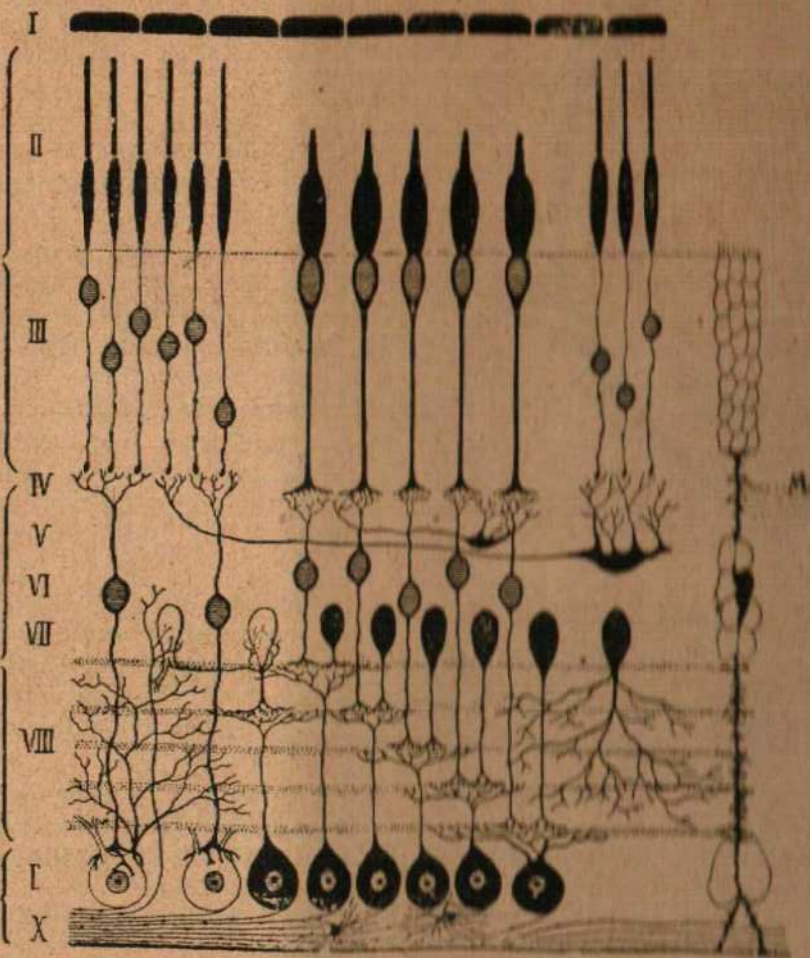


Fig. 4

#### Eschema dos elementos da retina

I — Camada pigmentar — II Camada dos cônes e bastonêtes — III Camada granular externa — IV Camada plexiforme externa — V-VI e VII Camada granular interna (V — cellulas horizontaes VI — cellulas bipolares VII — cellulas unipolares). VII — Camada plexiforme interna (dividida em cinco zonas) IX — Camada das cellulas nervósas. — M — Fibra de Muller (cujas extremidades formam as zonas limitantes externa e interna).

**MEIOS TRANSPARENTES DO GLOBO OCULAR**—Na cavidade constituida pelas tres meias do olho que vimos de estudar, acha-se uma importante formação—o *cristalino* (2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup>). Colocado atraz da iris, ao contorno do qual adhere, divide o *cristalino*, e divide

A zona pigmentar; 2.<sup>a</sup> — A camada dos cônes e bastonêtes; 3.<sup>a</sup> — A camada limitante externa; 4.<sup>a</sup> — A camada granular externa; 5.<sup>a</sup> — A camada plexiforme externa; 6.<sup>a</sup> — A camada granular interna; 7.<sup>a</sup> — A camada plexiforme interna; 8.<sup>a</sup> — A camada das cellulas nervósas; 9.<sup>a</sup> — A camada das fibras nervósas; 10.<sup>a</sup> — A camada limitante interna.

A zona pigmentar conhecida tambem pelo nome de *tapetum retinae* (tápeo retinae) e considerada como constituida da choroidé, é formada de cellulas epiteliaes de forma polygonal, impregnadas de pigmento negro, cuja função, com a cellula plexiforme de se moverem sob a accção da luz.

Esta sustentação destinada á percepção da luz amara a percepção das imagens.

Na camada dos cônes e bastonêtes termina as cellulas nervósas superficiaes, cuja função é receber a impressão luminosa.

No homem são as cellulas em cônes de representam o papel primordial á visão, pois a *avala luctea* (lugar onde se formam as imagens) possui 2.000 destas elementes.

As outras camadas têm o destino de transmitir a impressão luminosa, á vez dos nucleos opticos primarios (o corpo geniculado interno, pulvinar e tuberculo quadrigeameo anterior) até ao cerebro visual do cerebro.



ocular em dois espaços: um anterior ou precristaliniano e outro posterior ou retro-cristaliniano. O primeiro é occupado pelo *humôr aquoso*, o outro pelo *humôr vitreo*.

*Humôr aquoso* (fig. 2<sup>3</sup>). — É um liquido incolôr, limpido como agua de fonte, de cuja densidade pouco differe, produzido por extravasão dos processos ciliares. Originando-se d'ahi é elle sempre renovado por se escoar do espaço anterior do olho, pelo canal de Schlemm e outros pequenos orificios.

*Cristalino* (figs. 2<sup>4</sup> e 3<sup>p</sup>). — O principal elemento da accomodação, apresenta-se como um corpusculo muito elastico com a fôrma de uma pequena lente bi-convexa.

Incolôr e absolutamente transparente na infancia, quando é ainda muito molle, vae o cristalino escurecendo a partir dos 40 annos, para tomar na velhice uma côr semelhante a do ambar, attingindo então a um grão de extrema dureza.

Possúe o cristalino uma capsula o cristaloiide, membrana delgada e transparente que goza da propriedade de regenerar este meio refringente quando se rêtira uma parte d'elle, como se faz na operação de cataracta (opacidade do cristalino).

Envolvido pelo cristaloiide existem um epithelio, uma substancia amorpha e um conjuncto de fibras.

O cristalino é mantido em posição por um systema de membranas cuja reunião fôrma a chamada *zona de Zinn*.

O musculo ciliar, cercando o cristalino á maneira de um anel, faz pela sua contracção augmentar a convexidade da face anterior da lente, representando assim o principal agente da accomodação.

Cessado o motivo da mudança de fôrma do cristalino, as fibras do musculo ciliar (orgão activo da accomodação) se relaxam e volta o cristalino (orgão passivo da accomodação) ao seu primitivo lugar.

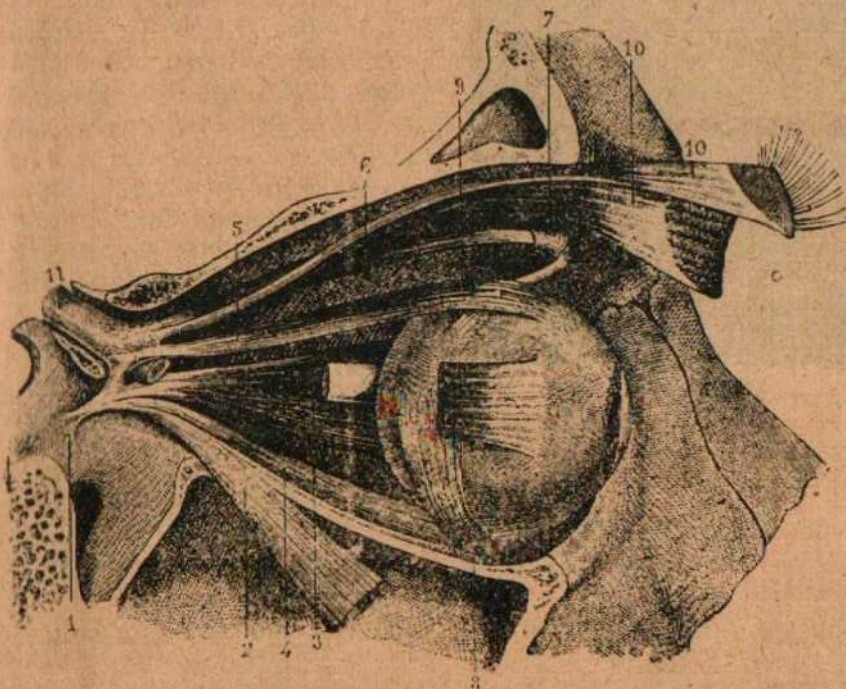


Fig. 5

#### Musculos do olho

1 — Anel de Zinn; 2 — Recto externo; 3 — Recto interno; 4 — Recto inferior; 5 — Recto superior; 6 — Grande obliquo; 7 — Trochlea; 8 — Pequeno obliquo; 9 — Elevador da palpebra; 10 — Palpebral; 11 — Nervos optico.

numero de lojas, disposição de que resulta a grande resistencia que offerece o humôr vitreo, que em sua extremidade anterior apresenta uma depressão — a *fossa patellaris* (fig. 3<sup>y</sup>) destinada a receber a face posterior, convexa, do cristalino.

#### ANNEXOS DO OLHO

**MUSCULOS DA ORBITA** (figs. 2, 5, 6 e 7) — São em numero de sete: o elevador da palpebra superior e seis destinados aos movimentos do globo ocular (quatro musculos rectos e dois obliquos).

O musculo elevador ou levantador da palpebra superior tem uma fôrma triangular, inserindo-se de um lado no apice da orbita, aonde nasce da bainha do nervo optico, e de outro na palpebra. Na acção de elevação da palpebra, é este musculo auxiliado pelo recto superior.

Os musculos rectos do olho, em numero de quatro, são conhecidos pela sua situação relativamente ao globo ocular, tendo assim os nomes de *recto superior*, *recto inferior*, *recto externo* e *recto interno*.

**HUMÔR VITREO** (figs. 2<sup>5</sup> e 3<sup>1</sup>) — Chamado tambem *corpo vitreo*, occupa os quatro quintos da cavidade ocular.

É elle limitado por uma capsula — a *membrana hyaloide* (fig. 3<sup>b</sup>) de onde partem septos, que transformam o espaço posterior em um grande numero de lojas,



Todos se fixam no fundo da órbita, sendo de notar que os rectos externo, interno e inferior, se inserem ahí per intermedio de um tendão commum denominado *anel de Zinn* (fig. 5<sup>1</sup>). Anteriormente os quatro rectos se prendem á esclerótica, ao nível do hemispherio anterior do olho, alguns millimetros para traz da bórda posterior da cornea.

Os musculos obliquos do olho, e os m chamados pela direcção que seguem em relação ao eixo do globo ocular, são em numero de dois: o grande e o pequeno obliquo.

O grande obliquo ou obliquo superior do olho (fig. 5<sup>2</sup>) é o mais extenso dos musculos motores do orgão visual. Elle se destaca do fundo da órbita, seguindo d'ahi

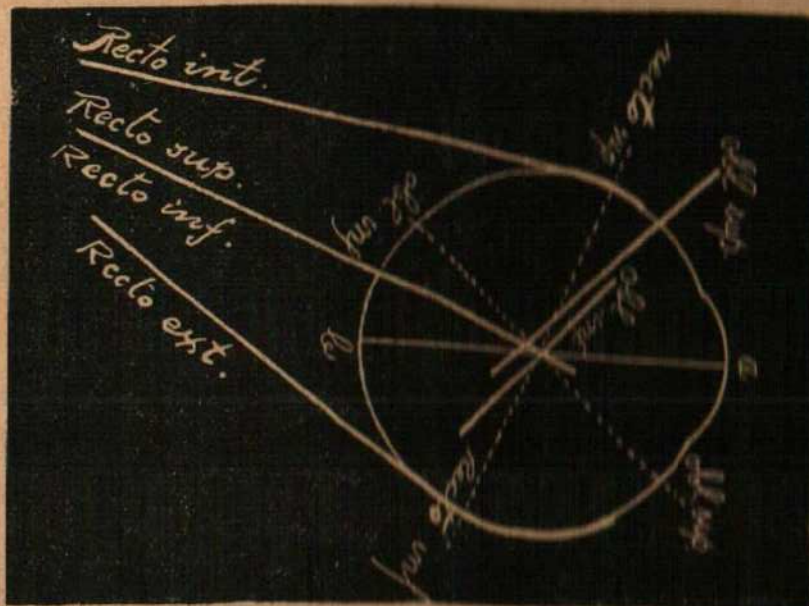


FIG. 6

#### Eschema dos eixos de rotação do olho

Vemos, assim, que este musculo é constituido por duas porções: uma directa, carnosa, outra reflectida, tendinosa, havendo entre as duas um angulo de separação de 45 grãos.

O musculo pequeno obliquo ou obliquo inferior do olho é o mais curto dos musculos do globo ocular.

Differentemente dos outros musculos, este se insere na parte anterior e interna do soalho da órbita, dirigindo-se após, para traz, para cima e para fóra, afim de fixar-se na porção postero-externa da esclerótica.

Todos os musculos do olho são envolvidos por uma cobertura conjunctiva — a *capsula de Tenon* ou *aponévrose orbito-ocular* — ligada á órbita por expansões lateraes.

Este dispositivo serve para manter o globo ocular na mesma posição em relação á órbita, impedindo-o de fazer qualquer movimento de translação. Por este motivo, os movimentos do olho, resumem-se na rotação em torno de seu eixo (fig. 6).

Os musculos rectos imprimem movimentos de rotação para cima (recto superior), para baixo (recto inferior), para dentro (recto interno) e para fóra (recto externo).

O grande obliquo actúa sobre o olho como se a sua inserção fosse na polé de reflexão, impulsinando, por consequencia, o globo ocular para dentro e para cima, fazendo-se a rotação sobre um eixo vertical e não horizontal como fazem os rectos.

O pequeno obliquo exerce sobre o globo ocular uma influencia em sentido opposto á do grande obliquo.

Os movimentos dos dois globos oculares são synergicos, havendo opposição nos movimentos lateraes; assim, quando um olho é dirigido para fóra o outro é arrastado para dentro. Ha, no entanto, homologia nos movimentos verticaes: os dois olhos são levados ao mesmo tempo, para cima ou para baixo.

Os movimentos dos musculos obliquos são tambem associados aos dos rectos, sendo sempre synchronicas as rotações dos dois glóbulos oculares.

Os musculos do olho são innervados por tres pares craneanos: 3.<sup>o</sup> par — motor ocular commum —, para os musculos recto superior, recto interno, recto inferior, pequeno obliquo e elevador da palpebra superior; 4.<sup>o</sup> par — pathetico, para o musculo grande obliquo e 6.<sup>o</sup> par — motor ocular externo, para o musculo recto correspondente.

pelos angulos formado pelas paredes superior e interna da cavidade orbitaria, até proximo á respectiva reborda onde existe, ao nível da apophyse orbitaria interna um dispositivo, que lhe serve de meio de fixação. O musculo, até então carnoso, lança-se, na vizinhança deste ponto, em um tendão cylindrico o qual é sustentado por um anel fibro-cartilaginoso — a *polé de reflexão da grande obliquo ou trochlea* (fig. 5<sup>2</sup>), que se acha localizada, como já referimos, em uma depressão ahí existente — a *fosseta trochlear*. Desta roldana, dirige-se o musculo, já então tendinoso, para fóra e para traz, contorna o globo ocular passando por baixo do recto superior e vem fixar-se na porção supero-externa da esclerótica.



CONJUNCTIVA ou tunica adnata é a membrana que fórra a face anterior da esclerótica e a face interna das palpebras, continuando-se ao nível da borda palpebral, em cima e em baixo, com a pelle.

Existe, assim, uma conjunctiva palpebral e uma outra ocular, havendo entre as duas a formação de um fundo de sacco oculo-palpebral.

A conjunctiva, como todas as mucósas é formada por duas camadas: uma superficial — o *epithelio* e outra profunda — o *chorio*.

Possúe esta membrana grande numero de glandulas, sendo muito rica a sua irrigação, tornando-se muito visiveis os vasos na inflamação da conjunctiva (conjunctivite).

Pela sua innervação, goza esta tunica protectora do globo ocular e das palpebras de grande sensibilidade.

*Palpebras* (fig. 2.<sup>a</sup>) — São duas pregas cutaneo-conjunctivae, destinadas a proteger o globo ocular e facilitar o seu humedecimento.

A disposição das palpebras é variavel com as raças, sendo a mais característica, a dos amarellos que possúe o chamado olho mongol, que é pequeno e obliquo.

As palpebras são moldadas sobre um esqueleto cartilaginoso — as *cartilagens tarsas*, de dimensões maiores na palpebra superior.

As palpebras reunidas pelas suas bordas, formam a *fenda palpebral*, que se transforma no *orificio palpebral*, quando afastadas uma da outra.

Cada palpebra, superior ou inferior, tem uma face anterior ou cutanea, outra posterior ou mucósa e uma borda livre provida de pellos sedócos — os *cilios*, que contribuem egualmente para a protecção do globo ocular (fig. 7).

Na borda ciliar abrem-se pequenos pertuitos, onde extravasam as glandulas de Meibomius, destinadas á lubrificação dos cilios.

Existem nas palpebras sete planos, que são, de deante para traz: 1.<sup>o</sup> a pelle, 2.<sup>o</sup> a camada cellula sub-cutanea, 3.<sup>o</sup> a camada muscular estriada (musculo orbicular das palpebras), 4.<sup>o</sup> a camada cellula sub-muscular, 5.<sup>o</sup> a camada fibrósa, 6.<sup>o</sup> a camada muscular de fibras lisas, 7.<sup>o</sup> a camada mucósa ou conjunctival.

Acima da palpebra superior, em correspondencia com a reborda orbitaria superior, encontram-se os *supercilios*, destinados a proteger a região palpebral, evitando a quédia do suor que poreja da fronte, servindo tambem de anteparo aos raios luminócos do zenith, tornando, assim, a visão mais nitida.

*Glandula lacrymal* (fig. 7) — Destinada a humedecer constantemente a conjunctiva, para favorecer o deslissamento das palpebras e evitar a evaporação do humor aquoso, acha-se esta glandula localisada em uma depressão existente no lado externo da cavidade orbitaria — a *fosseta lacrymal*.

É uma glandula em cacho, de secreção continua, cujo excesso se escóa para as fossas nasaes para irrigar a membrana pituitaria, por intermedio do canal nasal, que se inicia no angulo interno do olho e vae se abrir em baixo no meato inferior das fossas nasaes.

Antes de chegar ao canal nasal o liquido das glandulas lacrimaes, pára em um pequeno reservatorio — o *sacco lacrymal*, que é o encarregado de regular a emissão das lagrimas.

Sob a acção de uma forte emoção, as glandulas lacrimaes, produzem uma abundante secreção, que não podendo, por seu volume, descer para a pituitaria pelo canal nasal, salta dos olhos pelas bórdas das palpebras, constituindo então, o que se conhece vulgarmente, pelo nome de lagrimas.

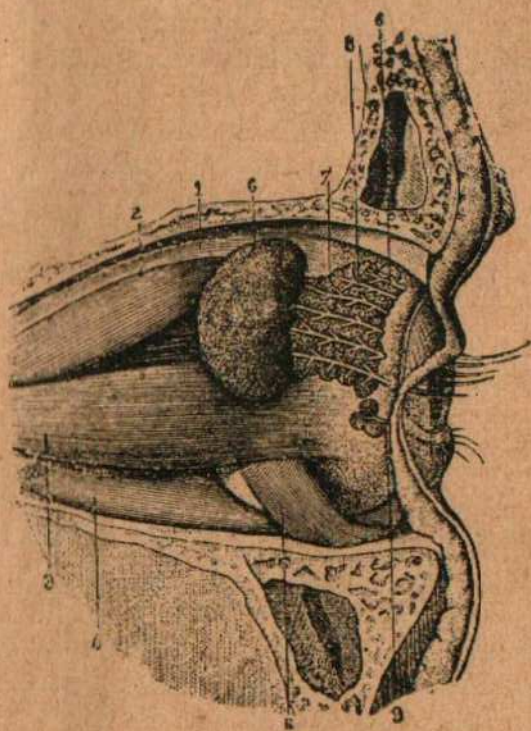


Fig. 7

#### Glandula lacrymal

1 — Musculo elevador da palpebra superior; 2 — Musculo recto superior; 3 — Musculo recto externo; 4 — Musculo recto inferior; 5 — Musculo pequeno obliquo; 6 — Porção orbitaria da glandula lacrymal; 7 — Porção palpebral da mesma glandula, atravessada por seus canaes e canaliculos excretorios; 8 e 9 — Conductos excretorios accessorios.



# Direito usual

Othello Reis

Da Escola Normal e do Collegio  
Pedro II

Comquanto, por incomprehensivel e indesculpavel lapso não estejam actualmente constando do programma de Instrucção Civica da Escola Normal senão vaguissimas noções de Constituição, noções divididas por varios pontos, sem encadeiamento, sem clareza de technica e sem propriedade, entendo concorrer utilmente para a formação mental de nossas alumnas deixando nestas paginas d'A *Escola Normal*, a bem aceita revista que tão de perto vae acompanhando os cursos, algumas noções bem trituradas a respeito de direito civil, assumpto cuja ignorancia não pôde ser admittida, principalmente em moças que se destinam á nobre missão do ensino primario.

## DEFINIÇÃO DO DIREITO

A palavra *direito* é empregada em lingua portugueza com varios sentidos, conforme se pôde ver nos dictionarios. Na accepção em que vae ser empregada aqui, porém, indica apenas o conjuncto de regras escriptas e publicadas, impostas pelos poderes competentes aos individuos humanos que vivem em sociedade.

Observe-se que em materia de definição, nada ha de mais desalentador do que "consultar os autores". Fugam os discipulos de querer achar a "melhor" definição, rebuscando mestres e tratadistas. Basta que comprehendam a coiza; as palavras, nos casos simples, servem para complicar. Para prova ahí está essa noção de *direito*. Todos a possuem; essa, que todos têm, é, mais ou menos, a que vae acima enunciada. Ponhamos os oculos da critica malevolente, e logo lhe descobriremos carradas de defeitos.

Mas concordemos que antes essa do que esta aqui, da penna de um dos maiores mestres e jurisconsultos nacionaes, dos ultimos tempos: — "o conjuncto organico das condições de vida e desenvolvimento do individuo e da sociedade, dependentes da vontade humana e que é necessario sejam garantidas pela força coercitiva do Estado" (PEDRO LESSA, *Phil. do Dir.*). E' definição, depois da qual, com o devido respeito por seu eminente autor, não se pôde deixar de dizer: — *Uff!*

Só como curiosidade citemos duas ou tres: — "E' o processo de adaptação das acções humanas á ordem publica, ao bem estar da communhão politica, ao desenvolvimento geral da sociedade" (TOMAS BARRETO). "E' o complexo das condições existenciaes da sociedade asseguradas por uma coacção exterior, isto é, pelo poder publico" (IHERING). "E' o complexo das condições, creadas pelo espirito das varias épocas, que servem para, limitando o conflicto das liberdades, tornar possível a co-existencia social" (SILVIO ROMERO).

Nada mais desconcertador para o neophyto, do que embarrar nesses obstaculos cerrados, de arame farpado. Passemos de largo.

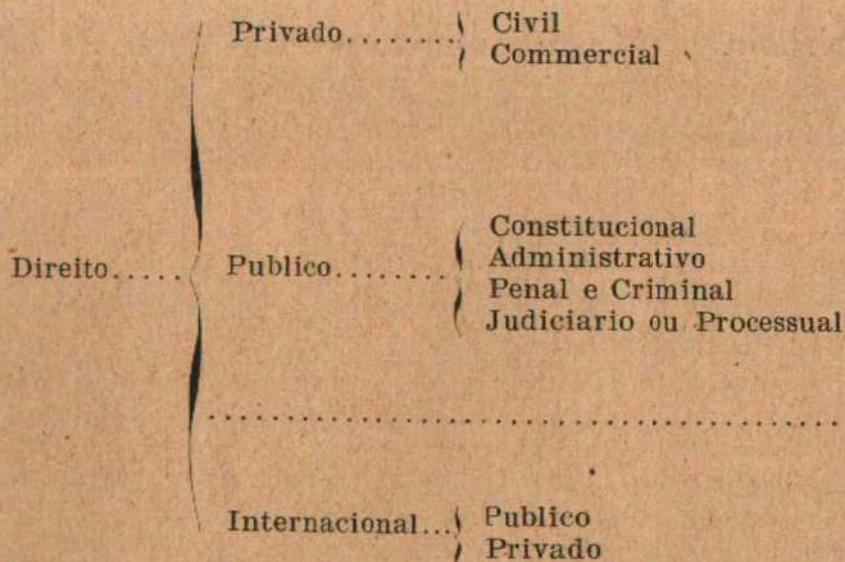
Dir-me-ão, porém, que a entrarmos nos estudos juridicos com aquella accepção tão simplista da palavra *direito* melhor fóra substitui-la por *legislação*. Pois é isso mesmo, ou quasi. O que se quer estudar é o direito positivo, ou direito escripto, ou direito no sentido objectivo, ou legislação, e tudo isso pela rama.

Fique, pois, claro que, o que vamos estudar, e brevemente, é o complexo das leis essenciaes, cujo conhecimento é imprescindivel na vida do cidadão.

## DIVISÃO DO DIREITO

Divide-se o direito em *privado* e *publico*. Tanto um como outro se subdividem. O quadro synoptico abaixo esclarece bastante, e abtemo-nos de definir particularmente cada uma das definições, por motivos que são obvios.





O Direito Internacional tem suscitado sérias divergencias quanto á classificação. Não é aqui opportuno entrar na discussão.

Alguns exemplos nos explicarão, melhor que definições, o ambito daquellas diversas modalidades do direito.

Suscita-se a questão de saber se uma pessoa póde ou não contrahir casamento com outra? Surgem duvidas a respeito da divisão dos bens de alguém que haja fallecido? Quer o esposo separar-se da esposa, ou esta daquelle, e cada um se julga cheio de razão? Ha um menor necessitado de tutor? Um demente necessitado de curador? Pretende alguém ter direito de construir no terreno que é meu? Quer alguém hypothecar seu bem immovel? Assignou alguém um contracto? Prestou fiança? E' a lei *civil* que regula taes actos.

Se, porém, se tratar de actos realizados por negociantes, industriaes, é a lei *comercial* que se invoca.

Quer-se saber a organização politica do paiz? A amplitude das liberdades concedidas ao cidadão ou ao domiciliado? E' o direito constitucional quem nol-o ensina. Trata-se de deveres e direitos de funcionarios do governo? E' o direito administrativo.

Commetteu alguém violencia contra pessoa, ou contra a propriedade de outrem? Enganou, prejudicou dolosamente? Cumpre que soffra um castigo, ou pena, e é o direito penal que se occupa do caso.

E' preciso invocar as autoridades do paiz, para que digam, em um caso, de que lado está a razão, ou para punir os que nos offenderam? Cumpre obedecer a certas normas, que são objecto do direito processual.

Finalmente, suscitam-se duvidas entre um paiz e outro, ou é preciso estudar a situação de um estrangeiro de accordo com as leis de seu proprio paiz? Intervem o direito internacional.

Estes exemplos são elementares, muito elementares mesmo, que não se trata de curso a estudantes de direito, senão de explicações adequadas a quem vae instruir o povo não letrado. Estou que alumnos intelligentes de Escolas Normaes, com a mera inspecção do quadro synoptico tudo de relance comprehenderão.

### LEI

E' o conjuncto das leis que forma, no sentido em que empregamos neste trabalho o vocabulo — *direito*. Mas que é uma lei?

No sentido estricto, juridico, lei é uma regra, ou preceito, estabelecida pelo poder competente, e a que estão sujeitos os cidadãos e em certos casos os estrangeiros domiciliados no paiz. Ao conjuncto das leis chamamos o direito ou a legislação do paiz.

Dividem-se as leis, e subdividem-se, sob varios criterios, mas pouco nos importa aqui o dividil-as ou subdividil-as mais do que pelo criterio do objecto, como está indicado no quadro synoptico dos direitos.

Não nos deteremos tambem em explicar como se fazem as leis, o que é materia extranha ao direito civil, onde temos pressa de entrar.

### CODIGOS

A parte mais importante da legislação brasileira encontra-se compilada em *codigos*. Possuimos o Codigo Civil, o Codigo Commercial, a Constituição, que é um verda-



deiro código de direito constitucional, o Código Penal, o Código do Processo civil e commercial. São os mais importantes. Ao lado desses, existem o Código do Processo Militar, o Código Disciplinar da Armada, e varias leis que são verdadeiros códigos processuaes, como a Consolidação das leis referentes á Justiça federal, a lei da organização da Justiça local do Districto Federal, etc.

O que mais nos interessa por enquanto é o Código Civil.

### CODIGO CIVIL

O Código Civil brasileiro, a cujo estudo desde 1858 vinham dedicando seus esforços os mais eminentes jurisconsultos nacionaes, como Teixeira de Freitas, Nabuco, Felício dos Santos, Lafayette, Ribas, Coelho Rodrigues, Clovis Bevilacqua, Ruy Barbosa, Lacerda de Almeida, Epitácio Pessoa, e alguns outros, só ha poucos annos, a 1.º de Janeiro de 1916, foi promulgado, sendo presidente da Republica o dr. Wenceslao Braz Pereira Gomes.

Monumento juridico em que se consolida a legislação vigente e em que se deu acolhimento a idéas novas e adeantadas, suggeridas pelo exemplo de outros paizes e estudadas pelos nossos jurisconsultos, o nosso Código faz honra ao elevado gráo da cultura brasileira. "Ninguem podia pretender, diz o sr. João Luiz Alves, um dos seus mais autorizados annotadores, um Código que fosse a summa perfeição, nem o é o mais notavel dos monumentos juridicos modernos — o Código Civil Alemão; nem o será a obra humana, qualquer que ella seja. Seria pretender o irrealizavel". Mas é, sem nenhuma duvida, uma das obras mais portentosas da moderna literatura jurídica.

Consta de 1.807 artigos e comprehende a *Introdução*, a *Parte geral* e a *Parte especial*.

A *Introdução*, que consta apenas de 21 artigos, estabelece quaes as condições em que a lei obriga (entende-se a lei brasileira); assegura a garantia do direito adquirido, do acto juridico perfeito e da coisa julgada, contra qualquer nova lei que sobrevenha; firma os principios segundo os quaes se derogam ou revogam as leis; institue regras a respeito da applicação das leis civis nos casos omissos, bem como nas relações de direito internacional.

O que de mais importante ahí se contém vae a seguir indicado:

#### *Em que condições a lei obriga*

A lei obriga no territorio brasileiro, nas suas aguas territoriaes e, ainda, em certas condições, aos brasileiros que se achem em paizes estrangeiros. Quanto ao territorio brasileiro, dentro do qual todos os nacionaes estão sujeitos sempre, e os estrangeiros quasi sempre, ás nossas leis, convem firmar qual o conceito da palavra territorio. Ha o territorio propriamente dito, ou territorio "terrestre", que é a porção do globo geographicamente considerada como o Brasil. Esta porção é limitada: pelo nosso litoral, pela linha de nossas fronteiras terrestres, e pelos contornos de nossas ilhas, quer litoraneas, quer oceanicas. Ha o chamado "territorio" maritimo ou aquoreo, ou mares territoriaes: é uma faixa do oceano, contigua ás nossas costas, desde o cabo Orange até á barra do Chui, com a largura de tres milhas. Esta faixa é reconhecida por um principio de direito internacional, como inherente ao "territorio" de todo paiz que é banhado por mar. Ha ainda, por outro principio de direito internacional, os navios de guerra, ainda mesmo que se achem em porto estrangeiro. Um navio de guerra é como a propria Patria que navegasse: é o territorio "fluctuante". Ha, em alto mar, os navios mercantes brasileiros. Fóra das tres milhas, é o alto mar, que não pertence a ninguem. O navio é então um territorio indicado pela sua bandeira. Ha ainda o "territorio" aereo, mal definido ainda, mas que se entende como o espaço aereo acima do territorio proprio, até á altura necessaria para a segurança do paiz.

Finalmente, vigoram as leis brasileiras ainda, em certos casos, em pleno territorio estrangeiro, em virtude de principios e de convenções internacionaes. Taes casos são especificados pelo Código.

Desde que momento obriga a lei? O Código estabelece que a obrigatoriedade começa no Districto Federal tres dias após a publicação official; nas outras circumscripções do paiz ella só tem começo alguns dias mais tarde, afim de que haja tempo para que chegue ao conhecimento de todo o povo. no Estado do Rio a obrigatoriedade começa 15 dias após a publicação; nos demais Estados maritimos e no de Minas Geraes 30 dias; nos Estados de Amazonas, Goyaz e Matto Grosso e no Territorio do Acre, 100 dias. No estrangeiro, só depois de 4 mezes.

Muito importante é o preceito do art. 5, segundo o qual ninguem se póde excusar allegando ignorar a lei. Todo cidadão deve conhecer as leis de seu paiz ou do paiz em



que está residindo. E' claro que "conhecer as leis" não é ser bacharel formado nem jurisconsulto, mas apenas ter noção do que é licito e illicito e de quaes as obrigações geraes de cada um para com os demais individuos e para com o Estado.

*O que uma lei nova não pode alterar*

O Codigo repete a Constituição Federal no que se refere á irretroactividade das leis: o direito adquirido, o acto acabado, a coisa julgada por sentença definitiva de juiz ou tribunal, não podem ser prejudicados por lei nova. Quer dizer que as leis não são retroactivas. Definir, porém, o que seja exactamente o direito adquirido, ou o acto consummado, ou a coisa julgada, é obra para commentadores autorizados e póde dar margem a divergencias de opinião.

*Revogação e derogação de leis*

Revogar uma lei é extingui-la, fazer que ella não mais vigore; derogar uma lei é fazer que uma parte della não vigore mais. Só se revoga ou deroga uma lei por outra lei, e isso mesmo, obedecendo a condições: uma disposição especial, ou particular, não revoga a disposição geral; nem a disposição geral revoga a especial, senão quando a ella se refere, ou ao seu assumpto. Estas disposições do Codigo têm por fim evitar a confusão e a surpresa.

Dentro deste paragrapho cabe ainda o preceito que diz que as leis de excepção a regras geraes, e as que restringem direitos, só abrangem os casos nellas especificados. E' um principio geral de direito que da excepção, do caso particular, não se induz regra geral; outro principio, este relativo á restricção de direitos, é que as disposições favoraveis se devem ampliar, as desfavoraveis restringir.

*A lei brasileira no estrangeiro e a estrangeira no Brasil*

Os artigos 8 a 21 do Codigo (Introdução) estabelecem as condições em que no estrangeiro se regem por nossas leis os actos brasileiros, bem como aquellas em que no Brasil, os actos de estrangeiros estão submettidos ás leis de seus respectivos paizes. São principios de direito internacional privado, que devem ser observados pelos juizes e tribunaes brasileiros. Elles interessam pouco aos que não se dão aos estudos juridicos. Além disso, sua exposição não póde ser feita em linguagem muito chan, como conviria. Basta saber que taes disposições se applicam principalmente quando se trata de casamento com estrangeiros, realizado no estrangeiro, e quando se trata de successão, isto é, de herança por lei ou por testamento, de pessoa fallecida no estrangeiro.

\* \* \*

Vem a seguir a *Parte geral* do Codigo. Essa parte geral comprehende a exposição de certos principios geraes, imprescindiveis para a applicação do direito civil. Abrangem taes principios: o estudo das *Pessoas*, o estudo dos *Bens*, e o estudo dos *Factos juridicos*. Cada um destes estudos é feito em um livro da parte geral.

Entraremos, a seguir, na parte geral.

## **HYGIENE PARA TODOS**

**DR. BARBOZA VIANNA**

**PREÇO 5\$000**

**— A VENDA NESTA REDACÇÃO —**

**23, Rua S. Christovam, 23**



# A ARTE DA ESCRIPTA

Celso Lmos

Docente de Historia Geral

A escripta teve um desenvolvimento correspondente ao da linguagem e, dando ao pensamento uma expressão permanente, veio coroar o edificio da nossa evolução mental.

O homem, uma vez sahido da vida unicamente material, desde que seu espirito se afinou um tanto, sentiu necessidade de fixar seu pensamento a fim de poder transmitil-o a todos por meio de signaes intelligiveis.

O primeiro meio que encontrou foi o de representar pelo desenho as idéas simples que concebia. Esse primeiro esforço deu logar á pictographia representativa, começando com a representação figurada das cousas naturaes que o rodeavam.

Os primeiros ensaios desta representação remontam á época melithica, quando o homem começou a gravar e a polir a pedra. Têm-se descoberto muitos restos fósseis em que estão esculpidas figuras de animaes e de outros objectos. Ceo, porém, tornando-se esta fórma de escripta ideographica por demais insufficiente para corresponder ás idéas abstractas, até as mais simples, accrescentou-se a figuração convencional, cujos traços assumiram rapidamente uma fórma hieroglyphica.

Graças ao seu desenvolvimento intellectual e aos progressos que cada dia o homem fazia em todos os ramos do pensamento, em breve essa escripta mesma não bastou para as suas necessidades, pois, para certas palavras, não mais encontrou expressão nas figuras de que dispunha. Foi então que desprezando o significado representativo de certos signaes, o homem não lhes emprestou mais que um valor phonetico, do mesmo modo porque nós ainda fazemos as nossas abreviações. Nasceram assim os hieroglyphos propriamente ditos e que são imitações dos objectos materiaes, das imagens de todas as expressões, tomados de empréstimo a todos os reinos da natureza e mesmo á imaginação, seres vivos e figuras phantasticas, produzindo quadros onde se pinta o pensamento. Elles dividem-se em duas classes: os signaes hieroglyphicos representando os sons, aos quaes se chama *phoneticos*, e os signaes figurativos ou determinativos, que se não pronunciam e cujo fim é determinar e precisar a escripta.

O numero dos signaes hieroglyphicos contados em 1872 por J. Brugsch, ultrapassa, incluindo-se nelle as variantes, a cifra de tres mil, comprehendendo os do Egypto, da Chaldéa primitiva, dos Hebreus, da Creta, da China, do Mexico, etc.

Dahi, por transformações successivas dos signaes phoneticos, firmou-se a escripta syllabica: — o chinez, o cuneiforme dos Achemenidas e desses systemas surgiu o alfabeto.

Eis ahi a evolução racional da escripta. Só alguns povos conheceram-lhe todas as phases; mas a seu lado desenvolveu-se em muitas tribus o mamecismo inteiramente convencional, cuja chave se perdeu ao mesmo tempo que desapreciam os homens que empregavam esses meios.

O occidente europeu parece não ter conhecido o hieroglypho. Foi principalmente no oriente, no centro da America e da China, que se desenvolveu esse systema. Encontramos-o estabelecido no Egypto desde os tempos prepharaonicos e para onde teria vindo ao mesmo tempo que o cobre. O occidente não conheceu nenhum systema alphabético antes da escripta hellenica.

Nos paizes chaldéo-elamitas a argilla era a materia sobre a qual escreviam; ora, a argilla não se presta ao desenho das formas curvas e disso resultou que o escriptor, afóra os circulos ou as ellipses, via-se reduzido, quando não empregava senão a ponta triangular de um estylete, a transformar, ás mais das vezes, as partes curvas em poligonos mais ou menos regulares.

No Egypto aconteceu de modo diverso, porque não era mais sobre a argilla que se escrevia, mas sobre a pedra, muito abundante no valle do Nilo.

A escripta hieroglyphica do Egypto continuou até o terceiro seculo da nossa era, pelo menos. Na China, o hieroglypho é a origem dos signaes ainda em uso na maior parte do oriente asiatico. Na America Central manteve-se até os tempos da conquista hespanhola.

Depois, em certas regiões surgiram as escriptas inspiradas pela simplificação dos signaes hieroglyphicos: — a hieratica e a demotica egypcia, entre outras, e talvez tambem as escriptas cretinas.

Os hieroglyphos, portanto, constituiram a primeira linguagem escripta dos primitivos e foram empregados pela maioria dos povos inferiores. A escripta ideographica



não bastou, porém, para transmittir o pensamento, pois se não podia estabelecer nenhuma distincção entre as diversas partes do discurso, entre as flexões proprias dos tempos dos verbos, nem entre os casos e numeros dos nomes.

Esta fórma primitiva da escripta distingue-se da escripta phonética, em que já se não representam os objectos, mas o som das palavras que os expressam.

Alcança depois algumas melhoras, pois em logar de representar a figura inteira, representa a parte da mesma que tivesse uma semelhança mais ou menos expressiva com a cousa que primeiro representava.

Esta evolução realizou-se da maneira mais simples. Embora a maioria dos symbolos não representassem nenhum som, quem os lia devia traduzil-os com as palavras que em sua lingua expressavam estas idéas. Ao fim de certo tempo, estes symbolos não só geraram uma idéa no espirito de quem os via figurados, como tambem a palavra ou palavras a elles correspondentes, uma nova pronunciação.

Daqui derivou o costume de procurar em toda figura ou symbolo uma ou mais pronunciações estaveis, que pouco a pouco fizeram esquecer ao leitor o valor puramente ideographico dos signaes, deixando em seu cerebro a impressáo de um ou mais nomes.

E' interessante notar que o berço da escripta foi a Asia Anterior e que de lá, pelos phenicios e os hellenos, esse conhecimento se espalhou primeiramente pelos paizes mediterraneos, emquanto os povos da Europa e da Asia Central, do occidente europeu e do oriente asiatico estavam privados dessa grande alavanca do progresso.

Não foi senão mui tardiamente, alguns seculos sómente antes da nossa éra, que a escripta se propagou lentamente entre os povos barbaros.

Explica-se assim facilmente que a Chaldéa, a Assyria, o Egypto, as costas e ilhas do Mediterraneo e a Asia Anterior, se tenham conservado durante muitos millennios como pioneiros incontestes da civilisação.



# Da Pratica de Pedagogia na Escola de Applicação

PELOS PEQUENINOS

JARDIM DA INFANCIA

*Joaquina Daltró*

Prof. adj. de 1. classe da  
Escola de Applicação

(Continuação)

Dous são os methodos de ensino no Jardim da Infancia: Froebel e Montessori, assim chamados em homenagem aos seus autores — Frederico Froebel e Maria Montessori.

\*  
\*

Froebel, fundador do systema de educação conhecido por "Kinder-garten", era filho de um pastor protestante e nasceu na Allemanha, em Oberweissbach, Turingia, no anno de 1782.

Orphão de mãe, logo nos primeiros mezes da existencia teve uma infancia bem triste, passando a maior parte do tempo sozinho, sem licença de brincar com as outras crianças. O abandono em que o deixava a madrasta serviu todavia para habitual-o a valer-se de si mesmo, a certa independencia, portanto, e para desenvolver suas faculdades de observação pelo estudo attento das flores e de outros objectos do jardim onde se encontrava frequentemente, pela estreita communicação que fez, emfim, com a natureza.

Aos onze annos seu tio Hoffmann, querendo protegê-lo, offereceu-se para cuidar de sua educação. Numa atmospheria nova, perfumada de amor, bondade e liberdade, ponde adquirir vigoroso desenvolvimento physico e dar expansáo á alma. Quando vol-



tou á casa trazia a esperança de obter do pai permissão para continuar os estudos. Alcançou-a sómente aos dezoito annos, entrando logo para a Universidade de Jena.

Seis mezes depois, apesar de nunca tomar parte em diversões, dedicando-se apenas aos estudos, estava endividado. Escreveu ao pai pedindo dinheiro, mas não foi attendido, de sorte que, não podendo saldar as dividas, foi preso e só recuperou a liberdade mediante renuncia de seus direitos á herança materna. Depois disso foi viver com uns parentes, com quem estudou praticamente a agricultura.

Aos vinte annos conseguiu um emprego de guarda de floresta em Bamberg e depois foi secretario particular de um grande senhor, em Mecklamburg. Seu pai, então, já tinha morrido, abençoando-o, pois afinal comprehendera bem quanto o filho valia.

Em 1805, pela morte do tio, de quem foi herdeiro, abriram-se-lhe novos horizontes. Em Francfort, pretendendo estudar architectura, teve ensejo de fazer relações com o professor Grüner e outros, aos quaes muito agradaram suas idéas sobre educação. A escola de Grüner, calcada no systema de Pestalozzi, causou tão grande impressão no espirito de Froebel que o levou a visitar o grande pedagogo suizo e sua escola para mestres.

Regressando a Francfort, ainda mais entusiasmado com o que viu, encarregou-se da educação de tres crianças. Tinha vinte e cinco annos quando se estabeleceu no campo com seus tres alumnos, consagrando-se inteiramente á educação delles. Seu systema, em virtude das profundas impressões que lhe ficaram da infornada infancia, baseou-se no amor — o amor á propria actividade e o amor á natureza.

Não se esquecendo de Pestalozzi, visitou-o novamente em 1808. Depois frequentou a Universidade de Gotinga; visitou a Universidade de Berlim, onde fez relações com varios professores notaveis; alistou-se no exercito em 1811, por occasião da guerra da independencia allemã, para não fugir ao cumprimento do dever — devê obedecer ao rei, devia auxiliar os irmãos que se batiam como voluntarios, em defesa da patria; foi curador de mineralogia no Museu de Berlim, logar que abandonou dentro em pouco, preferindo, mesmo á custa de duras privações, consagrar todo o tempo á realização de seu ideal: o aperfeiçoamento da educação da infancia, primeiro passo para a regeneração do homem. E para a realização de seu sonho não vacillou em sacrificar a existencia, devotando-se inteiramente á criança: Vivamos para nossos filhos — era uma de suas expressões predilectas.

Fundou a primeira escola em Keilhau e depois outras em varias localidades.

Após alguns annos de experiencia reconheceu a necessidade de applicar seu methodo de ensino na educação das crianças da mais tenra idade. Em 1837 fundou o primeiro Kindergarten, em Blankenberg, Turingia. Mais tarde estabeleceu uma escola para o preparo de mestras de Kindergarten, em Liebeinstein, onde vivia.

E foi assim que Froebel, a despeito de multiplas difficuldades, luctando com a falta de recursos pecuniarios e a antipathia de alguns, inventou os seus jogos, que fazem a felicidade dos pequeninos e preparam o porvir dos grandes.

Froebel morreu em 1852, em Marienthal. Foi sepultado em Schweina. Sobre seu tumulo, em um monumento composto de uma esphera, um cubo e um cylindro, achava-se a inscripção: "Vivamos para nossos filhos".

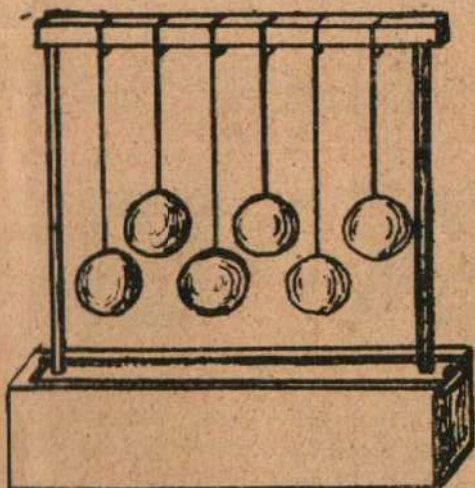
Além de uma serie de pequenos jogos (Causeries de la mère) que saizem á necessidade do movimento physico porque põem em acção todos os musculos, das palmas e canções que acompanham esses jogos, servindo para favorecer o desenvolvimento dos sentimentos affectivos e do gosto esthetico, ao mesmo tempo que exercitam o ouvido e fornecem á criança as primeiras noções de cousas e linguagem; da jardinagem e do trato de animaes, muito importantes especialmente sob o ponto de vista da educação moral — Froebel apresenta ainda em seu systema um conjunto de objectos que, prestando-se á realização dos multiplos caprichos da imaginação infantil facilitando, portanto, a educação sensorial, auxiliam a formação da intelligencia.

São estes objectos os materiaes proprios para *perfurar, coser, bordar, desenhar, colorir, pintar, entrelaçar, cortar, dobrar, collar, modelar* (tupetes, perfuradores, agulhas, lãs, linhas, lapis, aquarellas, pinceis, papeis, tesouras, gamma, pranchetas e massa plastica) e os que se intitulam "*Dons de Froebel*".

Os trabalhos com elles executados chamam-se "Jogos", de modo geral.

O *Primeiro Dom* consta de seis bolas de borracha, revestidas de lã, sendo uma d





munida de bastões que servem para fazer uma armação igual á do Primeiro Dom, em feitiço e applicação.

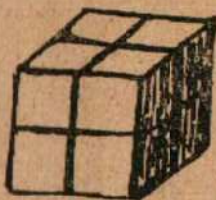
E' comparando os varios objectos que a criança faz a sua aprendizagem com o Segundo Dom.

O *Tercceiro Dom* consiste em uma caixa de madeira contendo um cubo, tambem de madeira, dividido em oito cubos iguaes.

Observando Froebel que a criança não fica plenamente satisfeita enquanto não quebra o brinquedo, não por espirito de destruição, como ainda pensam muitos, mas para melhor conhecê-lo, "para ver o que tem dentro", preparou o cubo dividido, isto é, um brinquedo que ella póde analysar e decompôr para transformar de acôrdo com suas idéas, um corpo que vem ao encontro de sua actividade de investigação e offerece materiaes para as suas energias constructoras.

Por meio deste dom a criança adquire novas idéas de comparação — idéas de tamanho relativo, de logar, etc.

Além disso a quantidade de peças que elle contem proporciona novos recursos para o ensino da numeração.



3.º Dom

Muitas cousas póde a jardineira ensinar a proposito das construcções, notando que o essencial é que o alumno aprenda a exprimir-se com a maior clareza e precisão.

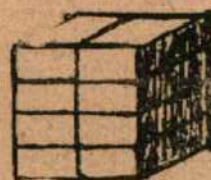
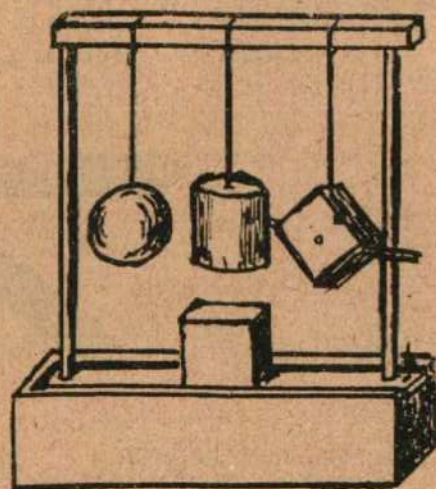
As diferentes figuras que se podem obter com este e os dons seguintes, isolados e combinados uns com os outros, foram classificados por Froebel em: a) formas de vida — as que representam objectos reaes (cadeiras, muros, igrejas, etc.); b) formas de belleza — as que exprimem objectos ideaes (ornatos); c)

formas mathematicas — as que concorrem para o ensino do numero.

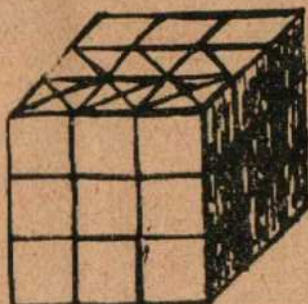
O *Quarto Dom* compõe-se de uma caixa de madeira contendo o cubo dividido em oito prismas iguaes. Este novo brinquedo presta-se melhor ás construcções e, em virtude da desigualdade das faces, obriga a criança a uma comparação e a um calculo previos para obter a harmonia, estabelecer a symetria e manter o equilibrio.

O *Quinto Dom*, contido igualmente numa caixa de madeira, é constituído pelo cubo, maior que os anteriores, dividido em vinte e sete cubos, dos quaes vinte e um estão inteiros, tres divididos em meios e os tres restantes cortados em quartos, feitas todas as divisões no sentido das diagonaes.

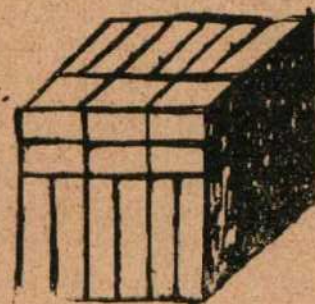
No *Sexto Dom* o cubo, com as mesmas dimensões do Quinto, apparece dividido em vinte e sete prismas, sendo dezoito inteiros, iguaes aos do Quinto, seis divididos ao meio, trans-



4.º Dom



5.º Dom



6.º Dom



versalmente, e tres divididos ao meio, longitudinalmente, contidos todos numa caixa de madeira. O brinquedo se compõe, portanto, de trinta e seis prismas de tres formas differentes.

Consta o *Setimo Dom* de pedaços de madeira, cartão ou papel de formas diver-



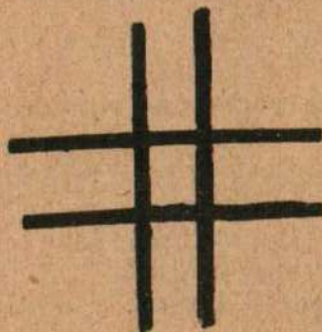
sas — circulares, semi circulares, quadradas, triangulares, etc. Com estes objectos Froebel pretende ir familiarizando a criança com as superficies.

Da observação destas elle procura passar á das linhas. Assim é que apresenta successivamente:

O *Oitavo Dom*, composto de pequenas reguas de madeira, articuladas;



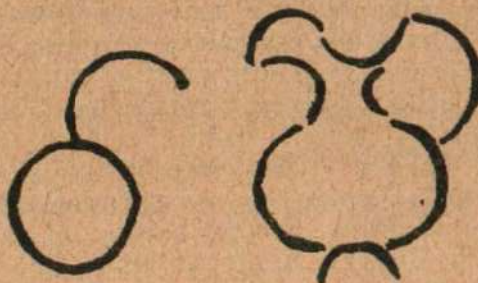
O *Nono Dom*, formado de pequenas reguas tambem de madeira, mas soltas e diversamente coloridas — varetas;



O *Decimo Dom*, que consta de pausinhos coloridos ou não, prismaticos e cylindricos;



O *Undecimo Dom*, constituido de aneis de arame, inteiros e divididos em meios e em quartos,

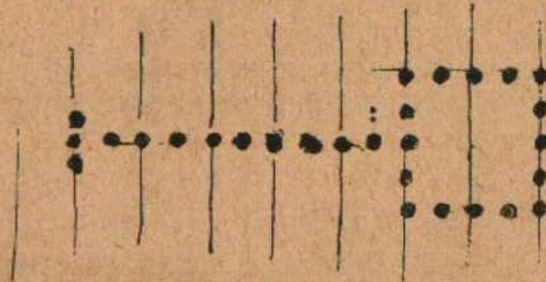




O *Decimo Segundo Dom*, que se compõe de cordões de côres.



O *Decimo Terceiro Dom*, finalmente, comprehende as ervilhas, as cortiças, etc., que têm em vista chamar a atenção da criança para o ponto.



(Continúa).



## Relação da Glottologia com as Sciencias Naturaes

*Francisco Antonio Dias de Abreu*

Docente da Escola Normal

Max Müller, em uma das suas memoraveis prelecções sobre a sciencia da linguagem, faz esta interrogação: "A linguagem é obra da natureza ou obra artificial do homem?"

As diversas linguas do globo tiveram uma origem commum ou origens differentes?

Podemos classificar-as por familias?"

Taes são as questões que se apresentam no terreno da glottologia.

E' evidente que a primeira destas questões não pôde ficar sem solução, embora isso dependa do perfeito conhecimento da natureza e da linguagem.

Max Müller entendia que a linguagem é necessaria ao pensamento, que é um dom natural, uma funcção do organismo, regulada por leis, independentes da vontade humana; portanto, um ramo das sciencias naturaes.

Whitney, que se tornou adversario intransigente desta theoria, entendia que a linguagem não nasceu ao mesmo tempo que o pensamento; porém que foi creada pelos homens como meio de estabelecer entre si certas relações, e sentenciava que não se devia considerar homem de sciencia todo aquelle que classifi- casse a glottologia como um ramo das sciencias naturaes.

Não obstante esta abalisada opinião, outros eminentes glottologos têm sustentado opinião contraria, isto é, que a glottologia pertence ás sciencias naturaes, citando-se entre elles Augusto Schleicher.

E' verdade que muitos empregaram o vocabulo natureza num sentido diverso daquelle que lhe dava Max Müller.

Augusto Schleicher era partidario entusiasta da doutrina darwiniana da evolução, por este motivo só via nos phenomenos da linguagem innumeradas confir-



mações daquela theoria e applicava aos estudos glotticos o mesmo processo experimental das sciencias naturaes.

Muitos glottologos e anthropologos adoptaram este modo de vêr; e, embora uma escola moderna, chefiada por A. H. Sayce, negasse peremptoriamente que se pudesse fallar de *corpo*, *organismo* e *evolução* da linguagem, devemos, entretanto, notar que o uso de taes termos se achava tão arraigado, que até os partidarios da opinião opposta não os deixaram de empregar, apezar de nada observarem de natural na linguagem.

Devemos reflectir um pouco sobre a significação que alguns homens de sciencia têm dado ás palavras *natural* e *historico*.

Denominámos *natural* tudo que provém independentemente da nossa vontade; considerada, quer collectiva, quer individualmente; *historico*, aquillo que tem como causa a vontade humana.

Não devemos empregar a palavra *historia*, no sentido etymologico que elle tem na expressão *historia natural*, *historia das linguas*, etc.

Segundo a sua etymologia, *historia* quer dizer observação.

Uma vez que fixamos a significação da palavra, podemos perguntar si a linguagem é facta natural ou historico, visto como a questão da natureza da linguagem se resume na natureza da propria linguagem.

Si tivéssemos de responder a esta pergunta, seria necessario uma serie de considerações que comprehenderia toda a glottologia; porque o seu verdadeiro fim é o de investigar a natureza da sciencia da linguagem, a sua origem e os phenomenos observados nos diversos periodos de seu desenvolvimento.

A linguagem deve ser considerada como um facta natural, porque tudo nos leva a esta conclusão, maximé quando tratamos não só da sua genese, como tambem da sua evolução.

Em relação á origem temos de salientar as innumeradas vozes e fórmulas de todo o tronco glottico indo-europeu; as quaes, evoluindo, constituíram o valioso patrimonio lexicologico e grammatical de todas as linguas congeneres, isto é, da mesma filiação.

Observamos, entretanto, na evolução da linguagem, que os periodos *historicos* se caracterizaram por tres ordens de phenomenos: transmutações de sons (phenomenos phoneticos); modificações das suppostas raizes primitivas ou dos vocabulos já integrados (phenomenos morphologicos); e modificações do sentido das palavras (phenomenos semanticos).

Não resta a menor duvida que as duas ultimas series de phenomenos dependem da vontade humana, como dèlla dependeu o desenvolvimento progressivo das raizes que constituíram os primeiros nucleos phoneticos. Esses primeiros nucleos phoneticos foram expressos pela voz humana, que devemos considerar como um facta natural. E como sabemos que voz humana é todo o som laryngeal de que se serve o homem para estabelecer relações com seu semelhante.

Concluimos dahi que devemos estudar este som constitutivo da voz humana na parte physica, chamada acustica, e que a linguagem, tendo por expressão a voz humana, é um phenomeno physico; os sons, que a compõem, são vibrações do meio transmissor, regulares ou irregulares, como os sons musicas e os ruidos perceptíveis pelo nosso aparelho auditivo.

A physica estuda o som como vibrações da materia, como um movimento particular desta, o qual realizando-se com certa rapidez, em um tempo determinado, produz uma sensação em nosso orgão auditivo.

Diante das considerações expostas, vemos que a linguagem, não obstante ser objecto da physica, deve ser estudada na physiologia.



Os sons da linguagem são produzidos no aparelho phonador do homem, que não é um aparelho especial, pois serve no todo para o mecanismo da respiração, e em parte pertence ao aparelho digestivo.

Esses sons são o resultado de modificações nos actos respiratorios, tornados possiveis, por adaptação funcional ou anatomica dos órgãos proprios á especie humana, e que achamos semelhantes nas aves, algumas das quaes são capazes de reproduzir a palavra articulada.

A physiologia, baseando-se na anatomia, é a sciencia que estuda o mecanismo da producção dos sons no aparelho phonador.

A zoologia estuda e classifica os animaes sob o ponto de vista de sua conformação anatomica, observando as manifestações de seus estados psychicos, por meio de signaes externos, a expressão das emoções e das representações em toda a serie animal.

Procura determinar os antecedentes da linguagem humana e as condições organicas que permittiram no homem a appareição ou, segundo o modo de ver de alguns, o desenvolvimento particular da linguagem que o caracteriza.

Esses problemas deveriam ser estudados principalmente pela parte da zoologia, que trata do homem — a *anthropologia*.

Segundo a opinião de eminentes anthropologos e glottologos, a linguagem é o verdadeiro caracteristico do homem, só o homem conscientemente fallando tem verdadeira linguagem, porém outros pretendem que a linguagem humana é apenas um desenvolvimento maior das manifestações semicas, que são observadas nos outros animaes.

Estes são os que seguem a doutrina darwiniana da *evolução*, e sustentam que a linguagem é uma sciencia historico-social, quando os factos e os phenomenos observados demonstram ser ella um ramo das sciencias naturaes.

Não ha duvida que houve uma phase de desenvolvimento, que se caracterizou pela transformação de simples monosyllabos ou nucleos phoneticos, que se foram differenciando no tempo e no espaço até constituirem verdadeiras expressões de ideias, concorrendo para formar os diversos periodos historicos.

O primeiro periodo, chamado embryonario ou pathognomico, se caracterizou pela linguagem impropria e imperfeita do homem do periodo quaternario; porém, mesmo admittendo-se a hypothese de que a linguagem primitiva fosse apenas gritos interjeccionaes ou emocionaes, com os quaes o homem foi designando todos os objectos que o cercavam, deixaria, por esta simples supposição ou argumento, de ser a linguagem um facto natural, e, portanto, do dominio das sciencias naturaes?

Certamente que não. Os verdadeiros elementos da linguagem humana não são os vocabulos isolados; porém, as proposições, e estes elementos são exclusivos da linguagem articulada, isto é, da verdadeira linguagem, expressão theorica do pensamento.

Concebemos, porém, que o largo desenvolvimento que ella tomou através os tempos foi e continúa sendo o resultado das locubrações espirituaes, por que passou o homem, resultando dahi alguns glottologos confundirem esta phase de desenvolvimento com o periodo pathognomico, e sustentarem que a glottologia é uma sciencia historica.

A anthropologia busca determinar as condições naturaes da evolução da semica na humanidade. Estas condições consistem especialmente: a) na attitude erecta, que permite a funcção delicada do aparelho respiratorio; b) na perfeição da larynge, em que se nota o desenvolvimento e a perfeita mobilidade das cor-



das vocaes; c) no desenvolvimento do cerebro em geral e especialmente de certas partes que na linguagem têm particular importancia.

Quando observamos o notavel desenvolvimento do aparelho de phonação de muitas aves, a facilidade com que algumas imitam ou reproduzem a palavra humana, é que verificamos que este simples facto não é sufficiente para o desenvolvimento d'uma linguagem entre as mesmas, porque esses animaes possuem o cerebro pouco desenvolvido, não só pelo volume da massa encephalica, como pela falta de circumvoluções corticaes, tão ricas no homem.

E' em virtude desta observação pessoal que sustento a opinião do eminente glottologo Max Müller, de que a glottologia é um ramo das sciencias naturaes.

Um auxiliar poderoso da anthropologia é a psychologia, pois esta sciencia é a complementar da outra no estudo da semica, porque procura determinar as condições psychicas da producção da linguagem, o papel que esta representa no pensamento.



# ESPERANTO

(5.<sup>a</sup> LIÇÃO)

Porto Carreiro Nelo

## PRONOMES PESSOAES

SINGULAR	PLURAL
<i>Mi</i> — Eu.	<i>Ni</i> — Nós.
<i>Ci</i> — Tu.	<i>Vi</i> — Vós.
<i>Li</i> — Elle.	<i>Ili</i> — Elles, ellas
<i>Si</i> — Ella.	
<i>Gi</i> — Elle, ella (neutro)	
<i>Si</i> — Si (reflexo)	

*Ci* — é pouco usado, empregando-se na linguagem familiar ou mesmo nas expressões de desprezo. O commum é usar-se *vi*, não só para uma pessoa, como para muitas, analogamente ao francez *vous*, ao inglez *you*, etc.

Como vemos, ha além do *masculino* e do *feminino*, o genero *neutro*. A este genero pertencem os nomes de *cousas*, isto é, em geral seres *não humanos* — animaes, vegetaes, mineraes — e os de *pessoas*, cujo sexo não importa no momento: *criança*, por exemplo, é *neutro*; referindo-se a uma criança, empregaremos legitimamente *gi*; o mesmo acontece falando-se do *homem*, especie humana: *homo*. Para os animaes, empregue-se *li* ou *si*, si, com effeito, se sabe o sexo: um *gato*, uma *gata*: *li*, no primeiro caso; *si*, no segundo; etc.

*Outro emprego do accusativo* — Dissemos que o portuguez só tem o caso *toninativo*: é uma illusão. As flexões dos pronomes pessoaes são outros *casos* do caso *natural*. *Me*, *mim*, etc., são flexões, casos do pronome *eu*; e assim por diante. Ora, em vez de accumular fórmulas absolutas, o Esperanto adopta o caso accusativo, e se trata de objecto directo. Assim:

*Me* — *min*

Exemplo: — Elle me viu — *Li vidis min*.

Si é objecto indirecto: *Me* — *al mi*.

Elle me deu um livro — *Li donis al mi libron*.

*Nota* — Não existe o problema da collocação dos pronomes obliquos. Ha uma unica regra, e essa nasce da euphonia: o *objecto indirecto de preferencia venha antes do directo*. Nada, porém, obrigatorio!



## ADJECTIVOS E PRONOMES POSSESSIVOS

Adjectivos e pronomes possessivos são eguaes. Formam-se *acrescentando um A a cada um dos pronomes pessoaes*:

<i>Mia</i> — meu, minha	<i>Nia</i> — nosso, nossa.
<i>Cia</i> — teu, tua.	<i>Via</i> — vosso, vossa.
<i>Lia</i> — seu (delle).	<i>Ilia</i> — seu (delles, dellas).
<i>Sia</i> — seu (della).	
<i>Ĝia</i> — seu (delle ou della).	

*Sia* — seu (reflexo)

## OS POSSESSIVOS SE REFEREM AO POSSUIDOR DO OBJECTO:

Exemplos: — Os olhos delle — *Liaj okuloj*.  
Os olhos della — *Siaj okuloj*.  
Os olhos delle (leão) — *Ĝiaj okuloj*.  
Os olhos delles (ou dellas) — *Iliaj okuloj*.

Os cabellos delle são negros, os della são louros — *Liaj haroj estas nigraj, la siaj estas blondaj*.

A criança chora, ella perdeu seu lapis—*La infano ploras, ĝi perdis SIAN krajonon*.  
As crianças escrevem com as suas pennas—*La infanoj skribas per SIAJ plumoj*.

Dou de proposito dous exemplos: um no singular e outro no plural, sobre pronomes reflexos, para mostrar que em ambos se emprega o possessivo correspondente a *si* (reflexo). De accôrdo com a regra acima, emprega-se sempre o possessivo correspondente ao possuidor do objecto: si o possuidor é sujeito da oração, tem-se o caso reflexivo.

*Observações sobre o possessivo reflexo* — Tomemos dous exemplos:

O pai foi com seu filho  
O pai e seu filho foram.

A primeira diz-se: *La patro iris kun SIA filo*.

A segunda, porém, pôde considerar-se, mais justamente, como duas orações: 1) O pai foi; 2) Seu filho foi.

(1) diz-se: *La patro iris*

(2) evidentemente não pôde dizer-se: *sia filo iris*, pois, *sia*, sendo reflexo, pede expresso o nome, a que elle tem de se referir. Portanto, (2) diz-se: *Lia filo iris*.

Juntando as duas:

O pai e seu filho foram — *La patro kaj LIA filo iris*.

Não é, pois, excepção, mas um caso differente.

## O POSSESSIVO REFLEXO NÃO PODE SER SUJEITO

e isto, é regra geral de todas as linguas.

*ONI* — Ainda ha outro pronome pessoal, correspondente ao portuguez *se*, que constitue, com a flexão verbal, os chamados verbos neutros: "vai-se", etc.

Aprende-se facilmente Esperanto — *Oni lernas facile Esperanton*.

O adjectivo possessivo não pôde ser precedido de artigo definido.

O pronome possessivo pôde ser ou não precedido do artigo definido.

O MODO CONDICIONAL TERMINA EM *US*O MODO IMPERATIVO E O PRESENTE DO SUBJUNTIVO TERMINAM EM *U*

Resumindo:

Modo indicativo .....	{ tempo presente — termina em <i>AS</i> " preterito — " " <i>IS</i> " futuro — " " <i>OS</i>	
Modo condicional .....		" " <i>US</i>
Modo imperativo e modo subjuntivo (tempo presente) ..		" " <i>U</i>
Preterito do subjuntivo .....	" " <i>US</i>	
Futuro " " .....	" " <i>OS</i>	



Exemplos:

Si eu tivesse um lapis, escreveria — *Se mi HAVUS krajonon, mi SKRIBUS.*

Si eu tiver um lapis, escreverei — *Se mi HAVOS krajonon, mi SKRIBOS.*

Aprende tu .....	} .....	<i>Lernu</i>
Aprendeis vós .....		
Aprendam os Srs., etc.		

Aprendeis Esperanto — *Lernu Esperanton.*

Eu vos aconselho, que aprendais Esperanto — *Mi konsilas al vi, ke vi lernu Esperanton.*

Para as outras pessoas, 1.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup>, a terminação é a mesma; apenas, si não ha sujeito expresso por nome, se faz preceder á palavra o pronome:

Sejamos bons para as crianças — *Ni estu bonaj por la infanoj.*

Elles trabalham; agora repousam — *Ili laboris; nun ili ripozu.*

*ECO* — Suffixo, que se appõe ao adjectivo, para indicar *qualidade, estado, caracter* (abstracto).

<i>Bona</i>	— Bom, boa.
<i>Boneco</i>	— Bondade (qualidade de ser bom).
<i>Riĉa</i>	— Rico, rica.
<i>Riĉeco</i>	— Riqueza (abstracto, isto é, o estado em que goza o rico).

*AJO* — suffixo, que se appõe ao adjectivo, para indicar *cousa concreta*.

<i>Bona</i>	— Bom, boa.
<i>Bonaĵo</i>	— Uma cousa boa, uma qualidade boa de quem, que tem bondade ( <i>boneco</i> ).

*Malbonaĵo* — Uma cousa má, um defeito.

No entanto, ha os substantivos *bono, riĉo*, etc., correspondentes tambem aos adjectivos, *bona, riĉa*, etc.

Convém distinguir, pois: *bono, boneco, bonaĵo*.

*Bono* — é o *bem*, em si, geral.

*Boneco* — é a *bondade*, a qualidade abstracta, particular a alguém.

*Bonaĵo* — é uma cousa boa, concreta.

Falando em geral: Façamos o bem — *Ni faru la BONO.*

Falando-se sobre a bondade de alguém: A bondade do vosso coração — *La BONECO de via koro.*

Qualidade concreta: Ella tem uma qualidade (cousa) boa: é applicada — *Ŝi havas BONAĴON: ŝi estas diligenta.*

Ella tem uma qualidade boa: sua applicação — *Ŝi havas BONAĴON: ŝia DILIGENTECO.*

Outros exemplos: — Riqueza não é felicidade — *riĉo ne estas feliĉo.*

Trata-se ahí, com effeito, do sentido geral dos termos.

A riqueza do Brasil é grande — *La riĉeco de Brazilio estas granda.*

A virtude é uma riqueza — *La virto estas riĉaĵo.*

Ainda mais:—O acido sulfurico é um acido — *acido*

O vinagre é uma cousa acida — *acidaĵo*

Ambos têm acidez — *acideco*

#### THEMA IV

*Knabo* — Menino, rapazinho.

*Voki* — Chamar.

*Veni* — Vir.

*Ĉar* — Porque (resposta).

*Voli* — Querer.

*Manĝi* — Comer.

*Sed* — Mas.

*Diri* — Dizer.

*Nomo* — Nome.

*Hodiaŭ* — Hoje.

*Vespero* — Tarde.

*Petro* — Pedro.

*Edzo* — Esposo.

*Ankaŭ* — Tambem.

*Ĉapelo* — Chapéu.

*Serĉi* — Procurar.

*Pupo* — Boneca.

Mi legas. Li estas knabo, kaj ŝi estas knabino. Ni estas homoj. Vi estas infanoj. Mi vokas la knabon, kaj li venas. La infano ploras, ĉar ĝi volas manĝi. La infanoj ploras, ĉar ili volas manĝi. Li amas min, sed mi lin ne amas. Diru al mi vian nomon. Venu al mi hodiaŭ vespere. Li estas mia onklo, ĉar mia patro estas lia frato. Ŝajoro



# LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Paulo de Azevedo & C.<sup>ia</sup>

(LIVREIROS EDITORES E IMPORTADORES)

— 166 — Rua do Ouvidor — 166 —

— RIO DE JANEIRO —

END. TELEG. ALVESIA — CAIXA POSTAL N. 658



FILIAES:

Rua Libero Badaró, 129

S. PAULO

Rua da Bahia, 1055

BELLO HORIZONTE

FRAQUEZA GERAL

FALTA DE MEMORIA

CANÇÃO MENTAL

EXGOTAMENTO NERVOSO



# CANDIOLINA

(PREPARAÇÃO ORGANICA DE PHOSPHORO E CALCIO)

DELICIOSOS BONBONS AO CHOCOLATE

Litteratura e Informações: "A CHIMICA INDUSTRIAL "BAYER" - WESKOTT & CIA.

Rio de Janeiro — Travessa Santa Rita, 22-24 — Caixa 560 — Tel. Norte 1372





**Use  
Palm Beach  
e...  
Lombete do  
calor!**

mas...

Use somente o **GENUINO** que traz a marca na orelha:



**THE GENUINE CLOTH**  
MFD. AND TRADE MARK OWNED  
BY GOODALL WORSTED CO.

Cuidado com as imitações que não produzem o efeito desejado.

Novíssimos padrões para o verão de 1924-1925.

Em cores escuras, medias e claras.



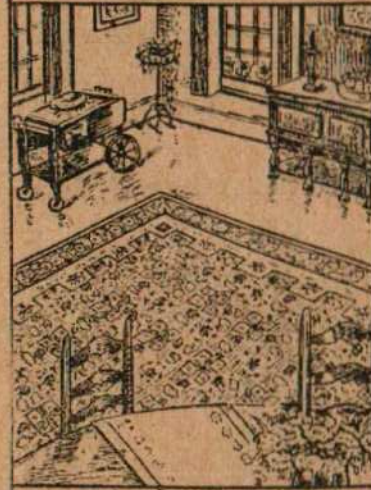
Uma roupa leve e clara, no Verão, refresca as idéas de um bom professor.  
Use Palm Beach genuino.

UNICOS DISTRIBUIDORES PARA O BRASIL:

**SILVA MASCARENHAS & Cia. — Rua da Quitanda 159**

# Certain-tee'd

O verdadeiro linoleum para residencias distintas



Tapetes' possedeiras e para forrações completas

A VENDA SÓMENTE EM CASAS DE 1ª ORDEM

Quereis ser feliz nos vossos amores?  
Quereis ganhar dinheiro e serdes feliz nos vossos negocios?

A vossa vida está atrazada ou os vossos negocios estão correndo mal?  
O vosso noivo ou noiva não vos quer mais?

Emfim, tendes algum embaraço na vida?

E' facil, facilimo, uzae hoje mesmo o grande e infallivel.

## TALISMAN DE JERUSALEM

(DEFUMADOR INDIGENA)

O mais completo

Preço 5\$000, pelo correio 6\$000

Para destruição dos mosquitos e maus cheiros nas casas e camaras mortuarias, etc., etc.

Representante: **A. J. HENRIQUES**

Rua Theophilo Ottoni, 163 — RIO DE JANEIRO

Não acceitai, sobre qualquer pretexto, outro defumador, a não ser o

**Talisman de Jerusalem**

(Defumador indigena)

O unico verdadeiro e que dá resultados.

## GABEÇAS LIMPAS

Acabaram-se os piolhos, as lendias, as parasitas e a quéda dos cabellos

COM O USO DO

## Oleo Indigena

### Perfumado

Este oleo, é um grande tonico do couro cabelludo e combate com effi-cacia não só a quéda do cabelo, como extingue por completo os piolhos, as lendias, a caspa e as parasitas na cabeça das creanças e dos adultos.

Vende-se em todas as drogarias, pharmacias, perfumarias, barbearias, armarinhos e no Parc Royal. Representante geral: **A. J. Henriques**, Rua Theophilo Ottoni, 163 — Rio de Janeiro.

Preço 3\$000, pelo correio 4\$500



Petro kaj lia edzino amas miajn infanojn; mi ankaŭ amas iliajn. Mi jam havas mian ĉapelon; nun serĉu vi vian. La infano serĉis sian pupon. Kie kuŝas ĝia pupo?

## EXERCÍCIO IV

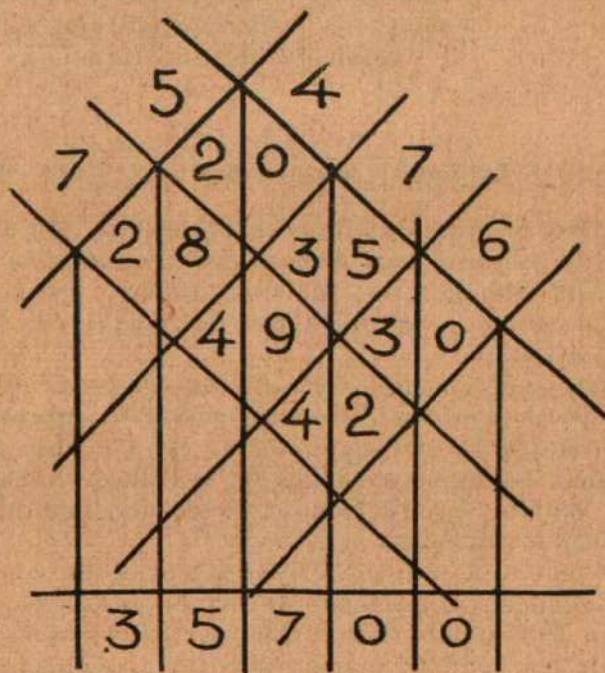
Dei um passaro ao menino. Irei com o vosso irmão. O sogro della tinha um bello cavallo. Si você chorar, eu não lhe darei uma boneca. Si trabalharmos, comeremos. Amemos (a) Deus e aos nossos irmãos: elles são tambem seus filhos (d'Elle). Ama-se geralmente só (*nur*) aos seus amigos (*amikojn*); mas amemos tambem aos nossos inimigos. Ella disse a si mesma (*mem*): "Hoje trabalhei; amanhã repousarei".

*Nota* — O portuguez usa a preposição *a* antes de nomes de pessoas, objectos directos do verbo *amar*; o Esperanto, porém, dispensa essa preposição. Portanto, empregue-se, está visto, o accusativo: "Amar a Deus — *Ami Dion*"; etc.



## MULTIPLICAÇÃO DOS MUSULMANOS

Tio Ratão



Desejamos achar, por exemplo, o producto de 456 por 75. Escrevemos o multiplicando de A para B, e o multiplicador de C para A.

Basta seguir o calculo na figura:

$$\begin{aligned} 5 \times 4 &= 20 \\ 7 \times 4 &= 28 \\ 5 \times 5 &= 25 \\ 7 \times 5 &= 35 \\ 5 \times 6 &= 30 \\ 7 \times 6 &= 42 \end{aligned}$$

Temos assim multiplicado cada ordem do multiplicador por todas as ordens do multiplicando.

Na columna (a,a) acham-se os productos por 5 de todas as ordens do multiplicando. Na columna (b,) acham-se os productos por 7 de todas as ordens do multiplicando.



Sommando os numeros das columnas verticaes, obtemos 34200, que é o producto de 456 por 75, como podemos verificar pelo processo commum.

O processo dos "musulmanos" é pouco conhecido, entretanto, é de grande vantagem para certos rapazes, de *memoria curta*, que nunca se recordam do numero que devem passar para a ordem immediatamente superior.

Dizemos  $7 \times 6 = 42$ , escrevemos 2, e guardamos 4 para a casa seguinte;  $7 \times 5 = 35$ , e mais 4 que tinhamos guardado, o que perfaz 39; escrevemos, e guardamos 3 para a casa seguinte; etc.

Refiro-me a este 4, a este 3,...

No processo aqui mencionado, o tal 4, o tal 3,... se acham escriptos, de fórma que por mais *cançados* que estejam certos estudantes, sempre poderão effectuar o calculo, pois tudo está escripto, logo, nada podem esquecer.



## DA EDUCAÇÃO E DOS EDUCADORES

*Carlos da Silveira*

Director da Escola Normal do Braz

Summario — § 1.º Fins da educação sob o ponto de vista brasileiro. § 2.º Requisitos necessarios a quem se propõe ao trabalho educativo. — Habilitação technica do professor. § 3.º Collaboração da familia no trabalho escolar. § 4.º A medicina pedagogica e sua acção no lar e na escola. — Gabinetes de anthropometria escolar.

### § 1.º — FINS DA EDUCAÇÃO SOB O PONTO DE VISTA BRASILEIRO.

Na Idade Antiga, o alvo ao qual tendiam os trabalhos educativos era o preparo do individuo afim de servir ao Estado, isto é, para as necessidades militares, dominantes, tornando-se de tal arte cada cidadão um soldado, donde o predomínio da cultura physica sob as mais variadas fórmas. A fortaleza do corpo era o meio de consecução do homem-soldado, fim a attingir.

Mais tarde, nos tempos medievaes, o fim ultimo da educação consistia em deixar a criatura humana apta para o alcance do céu, ventura suprema dos que, na Terra, souberam desdenhar a grosseira roupagem material — o corpo —, envoltorio da divina essencia — a alma —, objectivo unico de todos os carinhos. As mortificações, os jejuns, os maus tratos ao corpo enfim, produziram o ascetismo, moral fundada no desprezo do organismo e das sensações physicas.

Entrando a Idade Moderna, a reacção critico-naturalista contra o mysticismo anterior surgiu logo, com a Renascença, trazendo reformas radicaes cujos beneficos effectos ainda hoje se manifestam. Por outro lado Luther, prégando o livre exame, concorreu efficaçamente para diminuir as brumas que envolviam as consciencias, e provocou aspirações novas com a liberdade deixada á exegese dos textos biblicos. A reacção critica, culminando com o "Emilio", deu tambem origem aos impulsos liberaes do ultimo quartel do seculo XVIII, de que a França se tornou o campeão, posto que, ás vezes, excessos houvesse, como no movimento politico-social de 1789. A revolução franceza deu azo a que se precisassem os ideaes educativos daquellas épocas, consistentes no pleno desenvolvimento physico, sensorial, intellectual e moral. Reconhecida, na Idade Contemporanea, a impossibilidade de proseguir esse intento, a educação orientou-se de novo e tomou outro rumo, parecendo que, hoje, a obra educativa pretende dar, a todos os individuos, elementos bastantes que lhes facultem ampla satisfação das necéssidades impostas pela vida actual, augmentando-se, por tal fórma, a riqueza publica com o desenvolver-se á maxima capacidade productiva de cada membro do gremio social. O fim da educação é hoje, portanto, criar o homem productor de riqueza, o cidadão forte para o trabalho, beneficiando-se a si proprio e á collectividade de que é parte.

De que modo e por quantos meios conseguirá a educação o seu fim ultimo, qual o de amoldar criaturas habilitadas para a vida intensa da época presente, capazes de



vencer nas lutas de todos os dias? E' esse um problema assás difficil, todavia penso que se resolverá seguindo-se os caminhos abaixo indicados:

1. Fornecer a todos os individuos o ensino primario (preliminar e complementar); é o ensino gratuito e obrigatorio. Tal ensino, basico, tem um caracter nacional, quero dizer que, durante a sua ministração, se ha de formar e avigorar o civismo na criança;
2. Ensinar a todos um officio, isto é, uma habilidade manual qualquer, permitindo ao individuo, em qualquer emergencia, meios faceis de ganhar a vida. O ensino manual, sobre ser um agente moralizador importante, é ainda um factor de solidariedade humana e de independencia de caracter;
3. Promover para o maior numero possivel, pelo menos para todos os membro das classes dirigentes, a cultura chamada *classica*, os estudos de *humanidade*, como geradores de altruismo. E' facto que as classes dirigentes devem ser preparadas e abnegadas, o que se pôde conseguir, até certo ponto, com os estudos que dizem respeito a todos os homens.

Encarando o problema da finalidade educativa sob o ponto de vista brasileiro, poderei dizer que os fins da educação, entre nós, se dividem em *ultimos* e *proximos*. *Ultimos* são os fins geraes da educação na época actual, acima expostos, e que não de, variar com a marcha evolutiva da humanidade; o que foi dito, relativamente a todos, os povos, cabe aos brasileiros, como parte do genero humano. *Proximos* são os fins existentes em virtude de condições especiaes, transitorias, de nossa Patria; o trabalho educativo deve procurar o mais breve possivel:

1. Criar uma civilização nossa, adaptada ás nossas condições mesologicas, sendo, neste ponto, muito justas as criticas feitas por escriptores varios, entre os quaes Eça de Queiroz, na sua *Ultima carta de Fradique Mendes*, dirigida a Eduardo Prado;
2. Chamar para o convivio social, isto é, instruir e educar como brasileiros que são, consideravel parte da população nacional que vegeta pelo interior do paiz e conhecida pelos differentes nomês de *indios* (?), *bugres*, *caboclos*, *tabareus*, *matutos*, *caipiras*, *jagunços* etc. Convém meditar a este respeito, lendo o capitulo em que o autor dos *Sertões* estuda *O homem*;
3. Promover, para o maior numero possivel, pelo menos para todos os membros das nossa terra, os ideaes proprios de suas patrias de origem, com grave prejuizo para os interesses nacionaes. Reflectamos, aqui, sobre a efficiencia da *escola nacional*, que não temos, e do *trabalho agricola* organizado, que tambem nos falta.

Diversos são os meios de attingirmos os fins proximos da educação, sob o ponto de vista brasileiro. Temos de criar elementos, forças que não existem entre nós, e eliminar entraves, verdadeiras energias negativas.

Os estorvos a supprimir são estes:

1. Analfabetismo (decadencia intellectual);
2. Molestias varias (decadencia physica);
3. Descrença, pessimismo (decadencia moral);
4. Pobreza (decadencia economica).

Todos estes assumptos têm sido ventilados abundantemente, excepto um, o ultimo; illudimo-nos muito quanto ás condições economicas do nosso povo, por termos o mau habito de considerar sómente as grandes cidades do paiz e de aferir, por esse estalão, a zona rural, pobre e desprovida de conforto.

As potencias a criar são:

1. Escolas nacionaes urbanas e, principalmente, RURAES (ensino primario, preliminar e complementar). O problema das escolas ruraes está desafiando a perspicacia dos nossos volaticos: é a questão maxima da pedagogia brasileira. Há necessidade em ampliar a efficiencia ás Escolas Normaes do paiz, pois é nellas que se preparam milhares de pessoas que têm de realizar o que se espera da escola nacional. A' mulher brasileira, principalmente, cabe um importantissimo e insubstituivel papel no ensino preliminar nosso
2. Serviço militar obrigatorio. O serviço militar obrigatorio é a Nação em guarda, sempre prompta para a sua propria defesa. O cidadão-soldado tem civismo, é uma força viva nacional. Mas o serviço militar obrigatorio é considerado, aqui, nas vantagens que apresenta quanto á disciplina individual, na vulgarização dos preceitos hygienicos, relativamente á luta contra o analfabetismo. Os postos militares podem ser verdadeiras escolas espalhadas pelo immenso territorio brasileiro, a exemplo do que já tem sido feito por outros povos. Medite-se sobre o livro de Gustavo Le Bon — *Psychologie de l'éducation* — capitulo ultimo intitulado *L'éducation par l'armée*;



3. Fomento da *iniciativa individual*, por todos os meios possíveis, e de patriotismo sadio, pelo conhecimento do fólklóre nacional, da lingua do Paiz e da nossa literatura e das letras portuguezas, da historia do Brasil, da Geographia patria; e pelo robustecimento das emções cívicas (bandeira nacional e hymnos íticos, festas cívicas, culto dos grandes homens, et caetera). A este respeito con siderar o relevantíssimo serviço que Olavo Bilac estava prestando com o curso da boa imprensa, e o muito que delles esperavam os verdadeiros patriotas.

A Liga de Defesa Nacional está destinada a realizar um papel muito na pela estimulação das nossas energias cívicas e, além disso, por esmerar e flecter o sentimento nacional, sem o que o Brasil jámais cumprirá um destino grandioso.

§ 2.º — REQUISITOS NECESSARIOS A QUEM SE PROPÕE AO TRABALHO EDUCACIONAL.  
HABILITAÇÃO TECHNICA DO PROFESSOR

No sentido restricto, educação é o trabalho feito pelo agente — o educador —, sobre o sujeito — o educando —, para o fim de obter um determinado resultado, por meio de um ensino qualquer — o objecto da educação. Nesta accepção lida há necessidade de distinguir *educação* de *adestramento* e de *criação*.

O trabalho escolar existe desde muitas centenas de annos e por todas partes do mundo, mas a relevancia do seu papel educativo só foi justamente apreciada durante os ultimos tempos, nos quaes importa exhibir o professor, agente que é da educação, bastantes dotes outr'óra nem conjecturados.

Em tempos remotos, em Athenas, chamava-se *pedagogo* o escravo que conduzia crianças á escola. E como, por certo, o guia e companheiro nas idas e vindas, era mais e melhor do que o proprio encarregado disso, passaram a appellidar *pedagogo* o professor e não mais o escravo.

Em Roma reconheceu-se que ao ensinante devia caber uma certa superioridade sobre o educando, donde a palavra *magister* = *mestre* (de *magis*, mais e *toris*): o *magister* tinha de saber, no minimo, tres vezes mais do que o alumno.

Do mestre-escola, cuja figura tem sido assás ridicularizada nos dias q'orrem, e que era o terror da meninice dos nossos maiores, poucos requisitos exi-m-se e esses mesmos mais apparentes do que reaes; é assim que o antigo mestre-es, sobre ser grave, austero, devia conhecer grammatica, saber calligraphia, sem já na solennidade do traje e no rigor das normas disciplinares...

A tendencia é hoje para se requerer do educador uma série de predicações, physicas e intelléctuaes dotando-o de uma autoridade calcada em bases muito superiores ás que, dantes, os costumes prescreviam.

Quanto á conducta, o mestre deve ser encarado como o natural modelo optimo de caracter, apresentado quotidianamente á imitação dos alumnos; sua influencia moral deve derramar-se dentro e fóra da escola, espalhando-se pelo meio social e viver.

Physicamente ha a notar a conveniencia de um organismo robusto e sadio, de um todo agradável, de um metal de voz sympathico. O desleixo no vestio, por exemplo, será banido entre os membros da classe professoral. Defeitos em que incompatibilizam mesmo para o exercicio do magisterio, taes como a falta de um braço, da mão, etc. O capitulo referente a molestias do professor é importante e até faz parte do serviço das inspecções medicas nas escolas.

Sob o ponto de vista da formação mental, para que os professores consigam resultados positivos no trabalho escolar, necessario é que apresentem varias lidades constitutivas, por assim dizer, da sua habilitação technica, da sua competencia professional. Reclamam-se do mestre conhecimentos que o habilitem a desempenhar uma tarefa cuja execução deve satisfazer ás quatro seguintes interrogações: **QUE ENSINAR? A QUEM? COMO? PARA QUE ENSINAR?**

1.ª pergunta — **QUE ENSINAR?** Quanto ás materias a explicar, desde logo verifica-se a obrigação, para o professor, de conhecer mais do que regularmente os grammas das cadeiras das Escolas Normaes, visto como de tal apprendizado tirará as forças a transmittir aos discipulos, conforme o exigirem as ordenanças governamentais.

Ainda quanto ás materias a lecionar, convém pôr em destaque o papel das duas dellas cujo conhecimento faz-se preciso seja bastante sólido, attendendo-se ao caracter nacional característico do ensino primario, e são a Historia Patria e a Geographia do Paiz. Estas disciplinas, bem consideradas, não só augmentam a cultura cívica do professor, como tambem contribuem para fazer da Patria o centro de interesse do alumno, do qual todo o curso elementar será dado, formando de tal arte, o civismo do alumno.

2.ª pergunta — **A QUEM ENSINAR?** — Se encararmos o elemento a ser educado, relativamente pois aos sujeitos da educação, verdadeiros organismos reagentes sobre os quaes vai o educador exercer a sua influencia, claro está que o professor obrigado



absolutamente a conhecê-lo, não só sob os pontos de vista anatomico e physiologico, mas ainda anthropologico e psychologico. E' a este conhecimento completo do corpo e da alma infantil que se dá o nome de *pedologia*, palavra proposta em 1892 pelo pedagogista e psychologo norte-americano, O. Chrisman. A pedologia, por isso, como parte que é da pedagogia, torna-se indispensavel para o exito da funcção educativa.

3.<sup>a</sup> pergunta — COMO ENSINAR? Outro capitulo da pedagogia que se não dispensa ao professor é o da *methodologia*, que lhe fornecerá os meios adequados á boa transmissão, para os cerebros receptores, das noções exigidas pelas necessidades sociaes de que o programma escolar é apenas um reflexo. A methodologia é um ramo tão util da sciencia da educação que, em tôdas as Escolas Normaes, devia haver cadeiras privativas dessa disciplina, regidas por cathedraicos dedicados e investigadores que, a estudos abundantes, reunissem os proveitos de uma longa pratica. E' a methodologia um dos ensinios mais valiosos para a carreira do magisterio e deve constituir uma das grandes preocupações do professor, durante toda a vida escolar.

4.<sup>a</sup> pergunta — PARA QUE ENSINAR? Por ultimo, carece o mestre de adquirir uma bôa orientação philosophica, de valia inestimavel, pelo convivio entre pessoas sensatas, experientes e cultas; pela leitura meditada de livros classicos em materia educativa e em outras; pela reflexão constante a respeito dos graves problemas que preocupam as classes estudiosas e acerca dos fins da educação não só tomada esta no seu sentido mais amplo, por synonyma de civilização, assim como na accepção restricta significando trabalho secolar propriamente dito.

Tal orientação servirá não só para que elle, o mestre, dirija de modo mais perfeito os encargos a se executarem, mas ainda lhe trará, ao lado de certa calma na vida, novo entendimento do valor da propria obra, dignificando-a e concorrendo, afinal, para a melhoria desta e para a elevação do executor della.

Este espirito philosophico é relativamente facil de conseguir e, pelo que tenho observado, os cathedraicos em geral lhe não ligam a importancia merecida, o que de modo evidente não está certo, pois nos bancos escolares, é que o alumno-mestre deverá ser iniciado em observações e meditações tendentes a lhe produzirem a almejada superioridade mental, a intelligencia emancipada, bem diversa, já se vê, do mero repetimento de alheias palavras, indicio claro e seguro de erudição que não de sabedoria.

### § 3.º — COLLABORAÇÃO DA FAMILIA NO TRABALHO ESCOLAR.

Constantemente, no nosso Paiz, attrictos diversos surgem nas escolas e nas familias, em virtude de mal entendidos entre discipulos e mestres. As mais das vezes questões sem a minima importancia provocam lutas que, em certos casos, tornam-se violentas e vão mesmo até ás secções livres dos jornaes, bem como ás cartas denunciatorias ás autoridades superiores do ensino, ou aos officios de queixas contra o professor, com todo o côrtejo de asperezas e agruras proprias a esses factos, tudo concorrendo afinal para o desprestigio dos educadores, contrariedade dos chefes e aborrecimento das familias.

Noutras occasiões, uma palavra mal ouvida, um gesto equivoco, uma expressão infeliz, geram um estado de guerra entre o lar e a escola, o que não é absolutamente edificante. De um lado, a familia a proceder acintósamente, de outro o mestre a fazer pirraças; intervem a politiquice soez em nome dos mais inconfessaveis interesses...: é inutil concluir que só o desproveito geral nasce de semelhantes inconveniencias, muito mais frequentes do que gèralmentê se suppõe. Considere-se que já a simples antipathia é tão pernicioso ao trabalho escolar, quanto mais os successos de môr vulto!

Bem aviados e conhecedores desses acontecimentos, os paizes adiantados em materia de instrucção publica teem dado largos passos no sentido de se favorecer um estado de cousas muito superior ao exposto, trazendo o auxilio das familias e o de todos os cidadãos intelligentes e operosos, ao trabalho da escola, comparticipação essa indispensavel para o progresso dos alumnos e dos proprios ensinantes, tantas vezes malquistados e até mais ou menos peiados nos seus trabalhos, por questões de nonada.

Encarada a escola como o natural prolongamento do lar, numerosas foram as *ligas e associações* de paes e de mães de familia, ou ainda de simples almas caridosas, afim de trazerem seu valioso concurso ao mestre, cuja funcção educativa, importantissima, tanto se reduz, se attendermos ao numero restricto de horas, que o alumno passa na escola, comparado com o durante o qual está na sua casa, ou apenas sob a responsabilidade paterna. Sabemos todos não serem muitas as familias que, tendo os filhos na escola publica, occupam-se em verificar e acoroçar o adiantamento dos mesmos, quer instruindo-os, quer educando-os. E é exactamente neste ponto que reside a principal differença entre a escola publica e a escola particular, qualquer que seja



o credo a que esta se filie. A primeira, mantida com o dinheiro de todos, recebendo crianças de todas as procedencias, não podendo eliminar alumnos por um de côr (como ainda há pouco se verificou) ou por pertencerem a partidos politicos, grupos religiosos diversos, tem uma difficilissima e delicada missão, que não escusa mesmo ao investigador descuidoso. Demais, o facto da familia haver escolhido uma determinada escola para o filho denota, da parte della, certa orientação educativa e manutenção e vigilancia muito favoraveis á obra do educador, segundo observa o pedagogo portuguez Albano Ramalho, no seu livro de impressões de viagem.

A escola privada pôde, pois, seleccionar os alumnos, só mantendo as crianças que convierem aos seus intuitos, por quaesquer motivos, e esse facto, insustentado na apparencia, é a chave do problema da melhor frequencia de taes estabelecimentos, e do **exit**o do trabalho educativo, com relação aos ideaes que se pretenderem criticar e espirito dos alumnos de semelhantes institutos de ensino.

Resulta disso, dessa collaboração muito mais assidua dos paes dos directores das escolas privadas, a apparente superioridade numerica nos resultados das provas, sobre os estabelecimentos de publica instrução, isto é, aquelles mantidos pelo estado e, portanto, obrigados a matricular discipulos de todas as classes sociais e de todos os principios e até os que norma alguma professam. Como bem nota o citado Albano Ramalho, a comparação ha de ser feita não entre numeros brutos, e sim em percentagens, levando-se ainda em conta o que acima foi dito.

De maneira que na Europa (Alemanha, Inglaterra, França, Belgica) e nos Estados Unidos da America do Norte, as instituições, que trazem, á obra escolar, fórmulas variadas de auxilio, estão muito generalizadas e, pelos excellentes serviços prestaos de crêr que proliférem, não só onde já existem, como tambem nas outras partes do mundo ainda não em gozo de tão grandes beneficios.

O concurso é prestado ora sob a fórmula de assistencia medica e dentaria, ora pelos fornecimentos de roupas e alimentação (sôpa escolar, ração supplementar) ora em dádivas de livros, cadernos e mais utensilios escolares necessarios, ora com abertura de bibliothecas escolares infantis e para adolescentes, assim como para outros, ora favorecendo as festas escolares, passeios e mais diversões apropriadas, ainda no soccorro aos paes, afim de que os filhos possam frequentar assiduamente as escolas, etc.

É, porém, sobretudo pelo amparo á formação do caracter, pelo patrocínio no que diz respeito ao fortalecimento da educação moral, que essas ligas e associações prestam um inestimavel serviço.

Sob tres pontos de vista deve ser exercida a cooperação da familia e dos philanthropos na vida da escola: quanto á educação physica, quanto á educação intellectual, quanto á educação moral.

1.º — Relativamente á **EDUCAÇÃO PHYSICA**, vê-se logo que, desde o periodo de gestação, podem as mães concorrer para a efficacia do trabalho escolar futuro cumprindo as regras prescriptas pelos hygienistas; de tal maneira a criança nasce robusta e é dos tempos e da autoria de Juvenal (42-125) o preceito *mens sana in corpore sano*. Depois, na primeira infancia, quantos cuidados a observar no aleitamento, a massagem para a alimentação sólida, no vestuario, na habitação e até nos brinquedos, para fornecer á criança! Cada assumpto destes, que se attenda convenientemente, é um passo immediato para a robustez do corpo, de que dependerá o bom temperamento, o gráo de resistencia á fadiga e ás molestias, a assiduidade ás aulas, a disciplina, a calma na vida do alumno, a alegria de viver, abençoada alegria que jámais existe ao lado de um systema nervoso irritado, ou de um estomago preguiçoso; de musculos flaccidos ou ainda de um sangue pobre.

E os desvelos para que se não estraguem os órgãos dos sentidos, e os cuidados para não se deteriorarem os dentes das crianças! Entretanto, por causas antiplias, a maioria dos paes ignora quasi completamente que nessas pequenas coisas está uma parte da felicidade dos filhos. Muitos paes, olhando a prole enfraquecida por ter crescido ao Deus dará, e porque herdou mazellas dos progenitores, dizem gulhosos, na sua inconsciencia, "os moços de hoje não prestam, são fracos; no meu tempo, sim, é que havia gente forte; eu, com esta idade, ainda tenho mais saúde que os filhos". De quem a culpa, entretanto?!

2.º — Na parte referente á **EDUCAÇÃO INTELLECTUAL**, a ajuda que a familia poderá dispensar, ao professor, é de dupla natureza — ou instruindo simplesmente o alumno, sem a preocupação prejudicial, está claro, de formar pequenos sabios apenas ampliando lentamente as noções compatíveis com a perfeita saúde physica e mental do educando (este trabalho exige muita finura e observação especial da infancia); — ou então exercitando os processos mentaes, que devem ser desenvolvidos, por atrazados. Ha treinos faceis e adequados ao aguçamento das faculdades activas, das conservatorias e das elaborativas, cuja synthese constitue a intelligencia. Talia, como



taes exercicios estão fóra do alcance de muitas pessoas e exigem certas precauções da parte de quem os applica, melhor será que a collaboração, neste capitulo, só se manifeste quando solicitada pelo docente.

3.º — Com referencia á EDUCAÇÃO MORAL, não custa descobrir que é aqui que transcende a valia de cooperarem, mestres e discipulos, nas tarefas escolares, *peri* e *post*-escolares. Tratando-se da escola publica, leiga, os principios são precisam ser apresentados quotidianamente no seio do lar domestico e na continuidade da vida escolar, não só por palavras, o que evidentemente não basta, mas, e de modo necessario, por exemplos, que edifiquem.

Inutil é prégar por palavras, que não por exemplos; não só inefficaz, como prejudicialissima, é a contradicção entre o meio escolar e o meio familiar. Para que os preceitos se gravem no subconsciente do alumno, e só então sirvam como normas de conducta, devem elles ser sempre ouvidos na casa e na escola, em harmonia de vistas; observados na vida de ambas e do meio ambiente; e ainda praticados por imitação dos naturaes modelos (paes e mestres).

Sejam de vez afastados os commentarios deprimentes, os boatos malevolos e inconsistentes, a intriga aviltante, as questiúnculas de intolerancia religiosa, politica e quejandas; congreguem-se todos os esforços no sentido de ser a criança rodeada, no lar e na classe, dos mesmos optimos ensinamentos, dos mesmos elevados ideaes.

Se a familia professa alguma religião, que mande os seus filhos ás igrejas catholicoromanas, aos templos evangelicos, ás synagogas judaicas, ás mesquitas mahometanas, aos templos positivistas, etc., conforme fór o caso, para, nesses meios apropriados, receberem as crianças os ensinamentos dessas crenças. Tal ensino religioso completará o trabalho moralizador da escola, collocando a fé ao lado dos principios universaes e leigos, para a formação dos mais sólidos caractéres; evite a escola ataques ás crenças dos alumnos, abstenham-se os sacerdotes das diversas seitas de referencias desairosas ás escolas publicas, oralmente e por escripto, pois taes conceitos gerarão a anarchia mental, moral e religiosa nas crianças, segundo tenho observado.

Se o professor se esforça por incutir bellos preceitos da mais pura moral christã, como, por exemplo: NÃO FAÇAES A OUTREM AQUILLO QUE NÃO QUIZERDES QUE OS OUTROS VOS FAÇAM, DEVEIS AMAR-VOS UNS AOS OUTROS COMO A VÓS MESMOS, NÃO SE DEVE PERDOAR SÓ SETE VEZES, MAS SETENTA VEZES SETE VEZES, encontrando os discipulos, em casa ou algures, preceitos e praticas contrarias a esses ensinamentos biblicos, claro é que não será, no curto prazo de quatro ou cinco horas de convivencia na escola, que os bellissimos principios de moral ficarão tão intimamente gravados no espirito do alumno, que vão servir de base para sua conducta na vida, porque a escola prepara para a vida (*non scholæ sed vitæ discimus*, já dizia Sêneca).

Pesa-nos, no entanto, declarar que nada temos ainda, no Brasil, a este respeito de collaboração da familia na escola. Indagando bem, percebe-se até uma certa indisposição quanto á escola publica, da parte de numerosos membros da nossa sociedade, má vontade que nada mais é do que a incomprehensão absoluta do alcance social da escola e do papel que ella representa no evoluir da humanidade. Não é menosprezando a escola e muito menos desprestigiando o professor, que se ha de obter, para o Brasil, o que outros povos mais adiantados teem obtido para si. Nunca o desprezo ao mestre primario gerou energias civicas na massa da população de paiz algum: a collaboração effectiva da familia na escola tem, entretanto, operado maravilhas, onde ella se pratica.

Quaes são, porém, os meios de obter a entrada, na tarefa escolar, das familias ou dos philantropos apenas? Varios são elles, e nosso intuito não é apresentar um quadro completo dos expedientes possiveis, e sim, unicamente, dar algumas indicações nesse sentido.

Em primeiro lugar, expurgue-se o magisterio de alguns elementos maus, que porventura possue, e quiçá tolerados por motivos estranhos á pedagogia. Isto levantará o moral da classe e a collocará bem no seio da sociedade. Não nos esqueçamos jamais de que o mestre deve ser o exemplo vivo da moralidade inatacavel.

Depois crie-se o habito, que entre nós não existe, de visitarem as familias por si ou por seus representantes, as escolas locaes, para conhecerem-nas de perto, para saberem como se tratam ahí as crianças, qual o regime disciplinar, qual o methodo do professor, etc. Os professores devem ser os primeiros a querer mostrar a excellencia do trabalho que fazem e procurarão, a bem da propria tranquillidade e bom nome, revelar a vida escolar em toda a intimidade. Desse modo gerarão uma solida confiança no animo dos



interessados — parentes ou quem quer que seja —, confiança que valor real na efficiencia educativa.

Mais uma vantagem que admirá das visitas — o desembaraço do r. Em geral, o professor nosso é acanhado e todos sabemos que o acanhamento é um mau companheiro do mestre.

Crie-se tambem o *livro de apontamentos, caderninho de notas, boletim* ou que outro nome convenha e ahi, para uso exclusivo do educador e regado do *discipulo*, sejam indicadas as faltas commettidas bem como as correções feitas e de que maneira. Esse livrinho, reservado, será escripturado ser, sem espirito prevenido, superiormente, de parte a parte, e por elle os abores desaparecerão.

Não convindo o *livrinho de apontamentos*, o melhor é organizar-se a localidade, independentemente da acção do Governo, uma junta de pessoas interessadas pela causa do ensino, junta essa á qual competirá a solução dos *problemas* entre mestres e paes de alumnos que, assim, perderão o costume de *pedir* a quantas invencionices a criança haja por bem dizer em casa, baseada na *atitude* excessiva dos paes.

Ao espirito inventivo dos enthusistas cabe descobrir outras vias, de com as condições locais, para que seja uma realidade, entre nós, aquillo que os mais civilizados reconheceram, ha muito, como necessario, e que praticam *atras* dignas de uma superior imitação.

§ 4.º — A MEDICINA PEDAGOGICA E SUA ACCÃO NO LAR E NA ESCOLA  
— GABINETES DE ANTHROPOMETRIA ESCOLAR.

Está muito na ordem do dia, nos paizes civilizados, a acção do *medico* sobre as crianças que frequentam escolas.

Com um papel mais ou menos amplo, funcionario publico ou *privado* de algum movimento philanthropico individual ou social, ou ainda investido *em* conta propria, agindo com maior ou menor liberdade, o medico é considerado *em* tempos que correm, indispensavel collaborador á *boa* marcha do *apparelhamento*.

Não causa surpresa, por isso, o facto de alguns tratadistas, eminentes, considerarem, como questões de pedagogia, numerosos pontos de pura *medicina* dando a confusão margem para alguns desvios como, por exemplo, o do *prophylax* nos seus planos de estudo de pedagogia, apenas encarar o lado *prophylax* therapeutico das molestias communs no meio escolar, proprias desse meio ou *infantil*.

De tal pecha não estão isentos alguns cientistas italianos que, *inspiredos* talvez pelos estudos sobre anthropologia criminal, dos quaes nasceu o *Dr. Cesar Lombroso* e outros, enveredaram francamente pela trilha anthropologica, *termino* vêem o ideal da pedagogia do futuro, a pedagogia scientifica que, na *actualidade* apenas ensaia hoje os seus primeiros balbucios.

Para esses pseudo-pedagogistas, a pedagogia não póde ainda existir *ciencia* do ensino, por faltar-lhe conteúdo proprio, sendo uma *arte* sómente, *de* preceitos tirados daqui, dalli, conforme costuma succeder nas demais artes.

Como quer que seja, e deixando de lado numerosas questões *medicas*, que a proposito se poderiam referir, passo a tratar da medicina escolar e *benefica* influencia para o individuo e para a sociedade.

Organizada na Hollanda, em 1865; na Inglaterra, em 1870; na *Italia* 1871; na Belgica, em 1878; na França, em 1879; na Suissa, em 1883; na *Hollanda* 1887; na Noruega, em 1889; estabelecida depois na Allemanha, Austria, nos *Estados Unidos*, na Turquia, Bulgaria e no Japão (onde em 1910 havia 9.000 *escolas*), conforme noticia do Sr. Prof. Dr. Alexandre Lustig, no seu livro *Igig Scuola*, tambem fundada na Argentina e em mais um ou outro paiz *americano* *de* voto do Congresso Internacional de Hygiene de Bruxellas, em 1903; e *entre* nós, no Rio de Janeiro e em S. Paulo, tal instituição ganha terreno *parte* e constantemente vê augmentado o seu já respeitavel prestigio.

Em S. Paulo, onde recente reforma deu origem ao serviço de *escola*, subordinado á Directoria Geral do Ensino, está elle sob a *chefia* *de* Sr. Dr. Vieira de Mello, especialista na materia e autor de *trabalho* sobre o assumpto, entre os quaes o optimo livrinho *A hygiene na escola*, *meia* farta leitura.

O corpo medico-escolar paulista foi instituido para operar exclusivamente *Capital*; no Interior ficou o serviço a cargo das Municipalidades que, ou *contra* recursos bastantes e pagam um funcionario idoneo, ou então deixam a *inspecção* *de* a não ser que algum dedicado patriota se apresse em iniciar ou *obra* *de* tanta monta.



Não é, entretanto, a primeira vez que se tenta organizar a inspecção medico-escolar em S. Paulo. O decreto 2.141, de 14 de Novembro de 1911, nos seus artigos 66, 67 e paragraphos 135 até 158, trata de questões referentes a escolas; a letra g do artigo 556 do mesmo Decreto criou o serviço de inspecção medico-pedagógica no Interior do Estado, a cargo dos Srs. medicos do serviço contra o trachoma. Os resultados, porém, dessa tentativa, creio foram inteiramente falhos. E como não o serem?

"O officio de medico escolar é um officio muito complexo e delicado, para o qual, sómente, podem ser chamadas pessoas de grande tacto, de nobres sentimentos, que demonstrem especiaes vocações para semelhantes occupações e taes estudos, que sintam amor e ternura pelas crianças; mas de nenhum modo, um tal officio deve ser o de um medico clinico, nem estar em antagonismo com a direcção didactica."

Eis umas sabias palavras do Sr. Prof. Dr. Lustig, no seu livro supracitado. Nem é outro o modo de dizer dos tratadistas da materia, e, parece, tudo quanto não esteja aferindo por esse padrão, está mais ou menos errado.

Entre nós, qual deverá ser a acção da medicina pedagogica? Evidentemente o papel de medico escolar, no Brasil, há de ter amplitude e importancia maiores do que as que se notam nos paizes mais adiantados, cujas normas administrativas costumam servir de modelo para a orientação dos nossos homems publicos.

A influencia do medico-escolar, no nosso Paiz, deve se exercer desde a escolha do local onde tenha de ser construido o predio da escola (e só assim serão evitados certos erros nas construcções escolares), até á assistencia domiciliaria ao alumno, que della precise, manifestando-se, portanto, durante o cyclo escolar e procurando criar um ambiente de saúde, de confôrto, de bem estar, que ainda não existe nas nossas terras. Nem é razoavel limitar, entre nós, a inspecção medica a um rapido exame oto-rhino-laryngologico e ao exame opthalmologico, com o accessorio dos cinco dispensarios da Capital, annexos a Grupos, e nos quaes se faz um tratamento odontologico.

O trachoma, a opilação, o paludismo, a syphilis, a tuberculose, o mal de Carlos Chagas, o alcool e toda uma lista negra de agentes morbidos criam, para a quasi totalidade das crianças brasileiras, maximé no Interior do Estado e da Republica, uma desoladora situação.

Paiz sem cultura physica, lavrando neste sentido uma ignorancia bem maior do que a que se suppõe, nelle o olho do medico-pedagogico precisa abranger casos de que muitos povos não cogitam. Que não seja o trabalho de inspecção predeterminado num regulamento minucioso e... falho; em havendo aquelle amor de que fala o Sr. Dr. Lustig, a consciencia do medico e a sua fé scientifica serão a melhor garantia de trabalho util e proveitoso. Mas é um apostolado! dirão, e tudo quanto se approxima desse estado de cousas é tido como idealismo, como utopia; o magisterio, porém, e sua irmã-gemea, medicina-pedagogica, são funcções pesadas, encargos trabalhosos, e não sinecuras condemnaveis como as ha tantas, no Brasil. Tenhamos todos, professores e medicos-escolares, grande energia na acção e demonstremos aos mais incredulos o que valem esforço continuado e confiança na propria obra.

Não seja jámais esquecido que o Paiz é vasto, de população pouco densa; que não ha recursos medicos sufficientes e, em numerosos lugares, nem meios de obtê-los; que o povo se alimenta mal e a mulher brasileira no geral é franzina e tantas vezes incapaz de amamentar os filhos que, criados no regimen de alimentação artificial, crescem com deficiencias organicas mais tarde insuperaveis; nunca olvidamos que nós, brasileiros, somos fracos, afeiados, doentios e tristonhos e que as gerações futuras teem de herdar as taras dos antepassados quasi sempre as aggravando. Lembrem-se todos de que a robustez physica é condição indispensavel para a excellencia das funcções mentaes e dellas, por sua vez, depende a fortaleza do character. Não saia da nossa memoria de bons patriotas que, logo no primeiro sorteio de moços para o serviço militar, cerca de mil rapazes foram recusados por incapacidade physica, o que todavia não os inibirá de, pelo casamento, gerarem degenerada prole.

As investigações feitas nos estabelecimentos de ensino dos paizes da vanguarda da civilização vieram indicar, entre outras cousas dignas de interesse, que as classes favorecidas da fortuna gozam de melhores condições de saúde e robustez que as classes pobres. Reflecta-se agora que o nosso Paiz é de gente mais pobre do que rica e que das classes humildes da sociedade teem de sahir os que vão auxiliar as verdadeiras fontes da riqueza-agricultura, industria e commercio.

Escola brasileira e familia brasileira, ambas superiormente orientadas pelo medico-escolar, são, afinal, o meio com que a Patria conta para, melhorando-se cada dia as condições sanitariás entre nós, ápresentar, dentro de algumas dezenas de annos, uma população, cujo grau de fortaleza physica possa rivalizar com a que existe nos povos que gozam de uma vida higienizada.



Para a determinação das características do typo brasileiro normal para se organizarem quadros pelos quaes seja possível conhecer claramente a evolução somática do nacional, desde as mais tenras idades; afim de se tornarem conhecidas e vulgarizadas as mais frequentes anomalias na primeira infancia e na segunda, (as tres phases da adolescencia (pre-puberdade, puberdade, e post-puberdade), e na juventude, bem como, se possível fôr, as causas efficientes de taes anomalias, um acillar magnifico da escola e da medicina-pedagogica pôde ser encontrado nos gabinetes de anthropometria escolar.

Entendo por *gabinetes de anthropometria escolar* as repartições annexas ás escolas e encarregadas de uma investigação minuciosa e profunda da parte physica da nossa gente, para os fins que a sciencia tem em vista: fins anthropologicos, physiologicos, pedagogicos, sociaes, e politico-administrativos.

Aos "encarregados dos gabinetes de psychologia experimental" das escolas normaes de São Paulo — Praça, Itapetininga e S. Carlos caberia muito naturalmente, por estar dentro da attribuição que lhes compete, á vista da competencia, bõa vontade, espirito de iniciativa, patriotismo e outros predicados proprios dos que devem encarregados desses gabinetes, caberia, repito, promover investigações dessa natureza, qual a de determinar as referidas características, do typo brasileiro normal, indagações aliás muito difficeis entre nós, em virtude da necessidade de analysarse a massa da população e serem attendidas suas partes constitutivas—elemento nacional propriamente, elemento negro e mestiços d'elle, elemento indigena e suas combinações elemento estrangeiro de varias origens e suas misturas. Tomar medidas de conjuncto, deixando de lado esses factores, é empreza inutil por não permittir conclusões mesmo approximadas, e perigosa por induzir em erro.

Não foram mesmo outros os intuitos da lei que criou os imprprioamente chamados "gabinetes de psychologia experimental", nas tres escolas normaes cadas; basta que se examinem as fichas adoptadas entre nós, para se verificar, desde logo, a grande superioridade dos dados puramente somaticos, sobre as indicações de natureza psychologica.

Além disso, quando o M. D. Governo de S. Paulo entendeu coevinha orientar a acção dos professores paulistas para uma pedagogia melhor, mais effiente pelas suas bases psychicas experimentaes, adoptou as normas da tendencia italiana e contratou o Sr. Prof. Dr. Ugo Pizzoli, autor de muitos trabalhos já conhecidos para dirigir um curso de "Pedagogia Scientifica" a mestres primarios e secundarios, directores de escolas, etc., curso esse com chamada diaria, programma, exames faes obrigatorios, notas e diplomas, official portanto.

Ora, os que acompanharam as lições do entusiasta scienista e Milão puderam ver que elle dava um desenvolvimento enorme ao estudo da parte physiologica da criança, — pontos de vista estes que dominavam as aulas, — denominando "psychologia" apenas as questões referentes á educação dos órgãos dos sentidos, e a pouco mais do que isso, facto aliás já notado pelo eminente psychologo italiano Dr. Morselli, conforme se lê em Gaston Richard, *Pédagogie Expérimentale*, 1.<sup>a</sup> edição, 1911, pgs. 2 e 3.



Sedas e roupas brancas  
Antes de comprar ide a

**CASA ISIDOIO**

Rua 7 de Setembro N. 99



# ALGEBRA

*Lacerda Coutinho*

Docente de Algebra

Aplicação do processo de Octacilio de Novaes na resolução da equação do 2.<sup>o</sup> gráo:

$$\frac{x^2}{5} + \frac{3x}{4} = \frac{81}{20}$$

ou

$$4x^2 + 15x = 81$$

Pondo x em evidencia

$$(4x + 15)x = 81 \dots\dots (1)$$

fazendo

$$4x + 15 = y \dots\dots (2)$$

e substituindo em (1)

$$xy = 81 \dots\dots (3)$$

Da egualdade (2) tira-se

$$4x - y = -15 \dots\dots (4)$$

Tomando a expressão  $4x + y$  e elevando ao quadrado

$$(4x + y)^2 = 16x^2 + 8xy + y^2$$

Sommando a ambos os membros a quantidade  $8xy$  tem-se

$$(4x + y)^2 + 8xy = 16x^2 + 8xy + y^2 + 8xy$$

ou

$$(4x + y)^2 = 16x^2 + 8xy + y^2 + 8xy - 8xy$$

ou

$$(4x + y)^2 = 16x^2 - 8xy + y^2 + 16xy$$

por ser

$$16x^2 - 8xy + y^2 = (4x - y)^2$$

tem-se

$$(4x + y)^2 = (4x - y)^2 + 16xy$$

por ser (4) e (3)

$$4x - y = -15 \text{ e } xy = 81$$

tem-se

$$(4x + y)^2 = (-15)^2 + 16 \times 81$$

ou

$$(4x + y)^2 = 225 + 1296$$

ou

$$(4x + y)^2 = 1521$$



Extrahindo a raiz quadrada a ambos os membros.

$$4x + y = \pm \sqrt{1521}$$

Substituindo y (2) por  $4x + 15$  tem-se

$$4x + 4x + 15 = \pm 39$$

ou

$$8x + 15 = \pm 39$$

Dahi

$$x = \frac{-15 \pm 39}{8}$$

e portanto

$$x' = \frac{-15 + 39}{8} = \frac{24}{8} = 3$$

e

$$x'' = \frac{-15 - 39}{8} = \frac{-54}{8} = -\frac{27}{4}$$

## **LIVROS**

editam-se pelo minimo do custo, na

**EMPRESA BRASIL EDITORA - CASTRO MENDONÇA & Cia.**  
RUA SENADOR DANTAS, 105

e vendem-se, um pouco mais caro, na

**LIVRARIA SCIENTIFICA BRASILEIRA - SUSEKIND DE MENDONÇA & Cia.**  
RUA DE S. JOSÉ, 114



BARAO  
PUTKAMER



O presente mais prático:  
uma caixinha de **GERMANIA**  
**PARA TINGIR EM CASA**  
a venda em toda parte em 20 cores



# "A Equitativa dos Estados Unidos do Brazil"

SOCIEDADE DE SEGUROS SOBRE A VIDA

SÉDE SOCIAL: — Avenida Rio Branco 125 — Rio de Janeiro

(Edifício de sua propriedade)

Relação das apolices sorteadas em dinheiro, em vida do segurado

74º SORTEIO — 15 de Janeiro de 1925

132.687 João da Rocha Sotão	Belém — Pará
111.740 Dr. Francisco Burzio	Ponta Grossa — Paraná
144.020 João Goulart Coelho	Vianna — Maranhão
97.418 Ricardo Liebmann	Fortaleza — Ceará
136.228 Helio Rosa	Porto Alegre — R. G. Sul
132.458 Antonio Becacici	Victoria — E. Santo
139.998 Heraclito Lima	Penedo — Alagoas
144.586 Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves	Therezina — Piauhy
126.919 Fortunato Benjamin Saback	São Salvador — Bahia
126.954 José Augusto de Villar	Idem — idem
119.684 Ignacio Jorge Nogueira	Campos — E. do Rio
136.511 Breno Vieira de Rezende	Sto. Anto. Itabapoana — idem
128.528 João N. de Araujo Gama	Entre Rios — idem
102.937 Dr. José Camillo de Castro e Silva	Recife — Pernambuco
102.279 Amarillio Rocha Souza	Idem — idem
136.830 João Francisco de Mello Cavalcanti	Timbauba — idem
120.552 Vicente Augusto Vaz Cerquinho	Recife — idem
143.756 Anselmo Ferreira Coelho	Tiuna — idem
135.757 Dr. Antº. Procopio de Azev. Junqueira (actualmente em Stº. Antº. Alegria, S. Paulo)	P. de Monte Santo — Minas
106.227 João Samuel Mundim	Barbacena — Minas
134.512 Raul Franco d'Almeida	Bello Horizonte — idem
110.546 José Barbosa do Amaral	Palma — idem
124.608 Narciso Dias Rabello	Manhumirim — idem
130.151 Hermenegildo Vieira de Gouvêa	Idem, — idem
123.271 João Rodrigues de Souza	Sant'Anna Manhassú — idem
106.095 Getulio Silva	Bello Horizonte — idem
103.835 Affonso Peixoto	Passagem — idem
104.911 Abilio Machado	Bello Horizonte — idem
106.213 Alfredo Mario Guastini	São Paulo — São Paulo
138.100 Manoel de Barros Loureiro	Idem, — idem
140.760 Roggieri Piero	Idem — idem
131.369 Belmiro Botelho Picerni	Idem — idem
96.744 Dr. Sebastião de Toledo Barros	Limeira — idem
138.904 Ignacio Ungaretti	Araraquara — idem
135.280 Jorge de Sá Rocha	Santos — idem
137.282 Antonio Silva Parada	São Paulo — idem
132.158 Francisco Cezario de Souza	Pindorama — idem
138.145 Luiz Babbini	São Paulo — idem
137.865 Ettore Battiti	Idem — idem
142.865 Antonio Theodoro do Prado	Cerradão R. Preto — idem
130.452 Cesar Lacerda de Vergueiro	Santos — idem
139.327 Octavio Candido Gonçalves	Capital Federal
141.682 João Gonçalves Vianna	Idem
144.501 Nespolo Carmini	Idem
97.802 Domingos Baptista da Gama	Idem
144.040 Domingos Gonçalves da Rocha	Idem
99.761 Antonio Julio Nobrega	Idem
86.598 João da Silva Santos	Idem
139.925 Henrique de Souza Garcia	Idem
95.730 Oscar Amarante Romaguera	Idem
143.700 Rubens Marques, Perdigão	Idem
143.327 Armenio Tristão	Idem
144.044 Albino Lopes d'Almeida	Idem
87.911 Augusto da Silva Neves Filho	Idem
144.861 Arthur Hortencio Bastos	Idem



# ALMA FEITICEIRA DA TROVA

(Conferencia no Curso Angela Vargas)

Adelmar Tavares

De uma feita, a minha alma curiosa levou-me a entrar em uma casa de flôres, á rua Gonçalves Dias. Mãos femininas trabalhavam a confecção de uma *corbeille* de natal. Os cravos abraçavam-se ás angelicas. Pendiam, indolentes, rosas maduras entre cachos de hortensias e amores-perfeitos, e por entre o branco, o rubro, o azul esmaecido, como azas tremulas, aquellas mãos milagrosas collocavam galhos de murta sylvestre em profusão.

A florista comprehendeu os meus olhos interrogadores, e explicou sorrindo: estou a adivinhal-o... Por que esses ramos de murta? Feios, não são?... Verá depois... São precisos para o conjuncto, para que realcem as angelicas, as rosas e as hortensias".

Agora, que por instantes, os rouxinões desse jardim se calaram, ao iniciar esta *causerie*, no salão "Angela Vargas", que é uma *corbeille* litteraria de bom gosto, distincção e elegancia intellectual, lembro nitidamente dos ramos de murtas do *cadeau* natalicio.

A miraculosa florista desta casa, a Senhora Barbosa Vianna, viu bêm que para a *corbeille*, das suas horas de letras, urgia o ramo sylvestre.

Não digo que seja a trova o ramo de murta, mas a palavra do mais inexpressivo dos passionaes da trova brasileira.

A trova brasileira. A cantiga do fundo da nossa alma! Esses quatro versos setesyllabos que dizem mais que os poemas — bogary humilde, pequenino, que rescende o campo inteiro da nossa poesia. As rosas imperiaes dos alexandrinos pompeantes, as begonias dos sonetos de dez syllabas, as camelias das balladas, — ai dellas! — não têm a graça e o cheiro dessas anonymas flôres miúdas da alma popular. Colhel-as é encher as mãos de perfume! E' inebriar-se de aroma! E' ter tonto o coração para cantar! E' sentir que um luar se levanta dentro de nós, e umas cordas mysteriosas soluçam de amor, de saudade, de aneio e de supplica.

"Quem ama para dar provas  
Deve tres cousas cumprir,  
Tocar violão, fazer trovas,  
E havendo luar, não dormir..."

Porque na trova innocente  
Que tanto agrada a mulher,  
A gente canta o que sente,  
A gente diz o que quer!..."

Quando publiquei "Myriam, luz dos meus olhos", a penna dos entendidos, e entre esses resalto Duque Estrada e Mario de Alencar, acharam que o meu pendor de poesia estava na trova brasileira. Era por ahí que eu devia seguir... Pudéra! Não fosse eu pernambucano, filho de uma "Cidade — Veneza", — suspensa das aguas, — a cidade dos trovadores.

Hoje, não sei. Annos já que a não vejo. Dizem-me que o progresso lhe tirou um pouco da poesia nativa; — que o martello transmutou bairros inteiros, e levantou palacios, theatros, praças e bars, e tudo quanto o luxo dos grandes centros exige. Os fios electricos jorram luz em catadupas pelas ruas onde tilintam as campainhas dos Cines sumptuosos, e a lua anda no céu, indifferente... Dizem até que a policia prohibiu as serenatas...

Mas, a minha Recife de estudante! Sem cinemas, sem bars, sem palacios, mas com a nossa vida academica, a nossa alma de trovadores, as nossas tertulias, as nossas seréstas, as nossas *republicas*!

Recife era a Veneza-Canção! Era tão intenso o luar, tão fina a sua luz, que a cidade ficava como envolvida numa luz de sonho... As casas, os telhados, os jardins, as aguas que recortam a urbs, as pontes, os barcos que presos ao cáes adormeciam fatigados das pescas, as igrejas, — tudo era branco, branco de leite, de lyrio, de agucenas, de jasmins, sei lá! — de innocencia. Recife ficava como uma noiva que vae casar... Linda! E nós com a alma dos dezoito annos, a cabeça cheia de sonhos, não



resistíamos: — escancaravamos as janellas. O luar entrava em jorros. Gritavamos de uma para outra *republica*, pois que todas ficavam á rua da Imperatriz e Maciel Pinheiro: *E a noite?! Brayner, Abdon, Estevam, tua flauta?! O violão? Sem prima?... Arranja-se...*

E descíamos a correr as escadas. Marcavamos o ponto, e quando a noite quebrava languida, eramos nós que cantavamos pelas ruas tranquillias as trovas que se desfolhavam em esperanças e melancolias de amor...

“Teus olhos, meu bem amado,  
São dois lagos de ternura,  
São dois cofres onde o fado  
Collocou minha ventura.

São dois pequenos espelhos  
Feitos de luz e negroses,  
Onde se mira de joelhos  
Minh'alma doida de amores!

Quem de amores quizer ter provas,  
Dê tempo ao tempo, porque  
O brilho da lua nova  
Quasi que a gente não vê...

Oh grandes olhos escuros!  
Porque tanta escuridão?  
Foi por serdes tão escuros  
Que eu perdi meu coração!

Eu comparo a minha vida,  
Com a vida de um passarinho,  
Todo coberto de pennas,  
Mas, cantando, coitadinho.

Ando a pensar nesse instante  
Que faça por te agradar,  
Si toco, pedes que eu cante,  
Si canto, pões-te a chorar...

E era Silveira Carvalho, poeta dos mais delicados, hoje austero juiz no Rio Grande, que não tendo voz para cantar, fazia-nos “o ponto” das suas lindas e engraçadas quadrinhas:

“Ando pensando e receio  
Que de pensar, crie ruga,  
De que modo, por que meio  
Deus uma estrella me aluga.

Quero do mundo afastado,  
Gosar a lua de mel...  
— Deus não perturba um noivado  
Para *saber* do aluguel...

E era sempre assim, se havia luar no céu. Só o mez de Novembro não tinha serenatas... Era o mez dos exames, das *bombas*, dos temores, dos sonhos com o Amazonas, o Gondim Filho, o Augusto Vaz. Mas, a não ser em Novembro, havendo luar lá em cima, e violão e flautas cá em baixo, estavamos na rua para alegres intranquillidades das moças recifenses e raivas dos papás severos que davam o desespero:

— *Esses diabos não dormem, nem deixam dormir...* Poetas... Não estudam!

E a fallar em papás severos, quero contar-lhes uma do Sylvio Ramos (deve ser Sylvio Ramos), rapaz do Piauí, magro, uns olhos azues de santo, distincto em todo curso, violonista excellente e uma voz de perturbar as estrellas.

Sylvio tinha um amor *na rua da Aurora*, quasi aos fins da rua, principio de Santo Amaro. Si sahiamos com a serenata, era obrigatoria aquella estação, e havia a esse tempo uma modinha bonita, que começava assim:

“Que estará ella fazendo,  
A esta hora, longe de mim?!”



Era a canção predilecta de Sylvio. Era a serenata chegar á porta do Major... (cala-te bocca!... Não sejas indiscreta...) o Sylvio soltava o canario encantado do seu peito...

— “*Que estará ella fazendo?...*”

Escusado é dizer que a modinha era irresistivel. Uma janella se abria. Dois olhos negros encravados num semblante de lyrio assomavam. Uma flôr cahia da janella para o Romeu trovador...

Mas o papá da Julieta andava pelos cabellos. Rancoroso, de preceitos antigos, achava aquillo um desaforo innominavel. Preparou a tocaia. E uma noite, em que Sylvio Ramos não resistiu ao luar, apanhou do violão e foi sósinho cantar á porta da bem amada a canção predilecta, aos primeiros soluços: — *que estará ella fazendo?* — o velho saltou-lhe em cima, com dois creados latagões, armados a cacete, e respondendo-lhe: — *está dizendo que vá para o diabo que o carregue, refinadissimo canalha!* — desancou o Sylvio a varadas, quebrando-lhe o instrumento e as costellas illustres que já passavam pelos bancos do 4.º anno de Direito.

Oh Saudade! Enfermeira dos tristes! Doce irmã dos que soffrem! Sombra amiga, paira um pouco commigo! Dá-me as tuas mãos consoladoras. Deixa que te olhe bem os olhos para que nunca mais me esqueças, nem te esqueça! Qual a côr dos teus olhos? Negros, como a Noite? Verdes, como das Ondas? Azues, como dos Anjos?... Não sei... Sei apenas que são lindos! Nas arduas lutas da vida, na encruzilhada do Destino, entre os lobos da estrada, és tu, — Saudade da minha primavéra! — a minha sombra de arvore e o meu pão!

Tudo nos mente no mundo, menos o coração. E tu és a filha mais moça do coração, Saudade. Amor, Sonho, Esperança, deixam-nos... partem... Vão-se... Tu, não; ficas... Ficas a cantar, porque dizem que o canto embala as recordações.

Olha; Eu tenho umas cantigas, porque *a alma feiticeira da trova, és tu, Doce Companhia!* — que dizem assim:

Illude as penas quem canta,  
Magoas não valem chorar.  
— Quem canta os males espanta —  
Coração, vamos cantar...

Vou vivendo a minha vida,  
Como Deus quer e consente.  
Sou como a folha cahida  
Levada pela corrente.

O laço de fita preta  
Que ao bandó, prendes, faceira,  
Parece uma borboleta  
Que poisou numa roseira...

Mãe, que os meus versos incensam!...  
Quando eu vim ao mundo, á luz,  
Foi na cruz de tua bençam  
Que eu vi a vida — uma cruz!

As magoas hoje em que estou,  
Disse-as ao sol — fez-se triste.  
Disse-as á noite — chorou...  
Disse-as a ti — e sorriste.

Ardemos na mesma flamma,  
Soffrendo na mesma dôr,  
E é isso que a gente chama  
Felicidade de amôr...



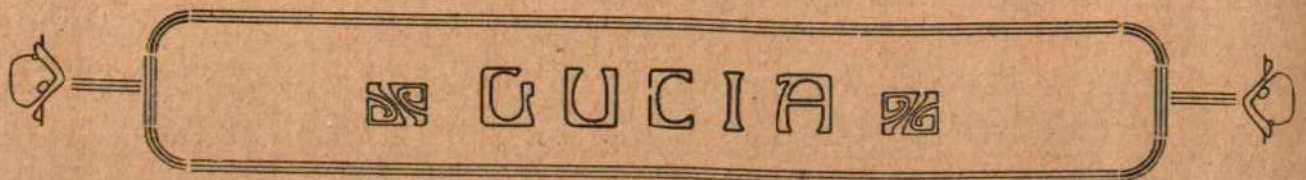
Sou jardineiro imperfeito  
 Pois no jardim da amizade,  
 Quando planto um "amor-perfeito"  
 Nasce sempre uma *saudade*.

Com o teu vestido de *cassa*,  
 Flôr á trança, o porte nobre,  
 E's a rainha da Graça  
 Do meu reinado de pobre.

Para matar as saudades,  
 Fui ver-te, em ancias, correndo!...  
 E eu que fui matar saudades,  
 Vim de saudades morrendo.

"Amar é obra perdida!"  
 Mas, que dissessem, queria,  
 Si não fosse amar, na Vida,  
 A Vida, que valeria?!...

Oh Trovas minhas, sem alma e sem belleza! Abraçai-vos á saudade que é a alma das cantigas, e só por ella, podeis ter a illusão de viver, como o pó das estradas, de que nos falla um dos nossos melhores poetas, pó que os caminhantes levantam do chão, "pó de uma estrada sem povo, que sobe a um raio de luz, vive um minuto doirado, e cae na terra de novo"...



*Luizu Sampaio de Lacerda*

De bons pais, era Lucia unica filha.  
 De vida tinha apenas quinze annos,  
 Sorria á mocidade, a maravilha  
 Duns olhos meigos, puros, soberanos.

Lucia o caminho da existencia trilha,  
 Doença a priva então de bellos planos,  
 A morte a envolve na cruel mantilha,  
 Deixando os pais na dôr dos desenganos.

Foi immenso o pezar daquelle dia,  
 Lamentações do avô, prantos da tia,  
 E entre affagos dos pais, Lucia morreu...

A alma foi entre os anjos para a altura,  
 Abençoada, santa e sempre pura...  
 Emquanto o corpo ao tumulto desceu...



# O BOM JUIZ

*Salin Adibar*



A caravana não partira ainda, por haver surgido uma seria disputa entre dois dos novos donos dos camellos, que se julgavam, cada um, com direito a um certo numero de animaes.

O velho Nassib Becar, ha pouco fallecido, deixara escripta a sua ultima vontade, pela qual queria coubesse a sua fortuna aos seus tres filhos, na proporcão de suas idades.

Os bens da herança consistiam em 17 camellos, que formavam a melhor caravana das que faziam o percurso de Chammar a Damascó.

Caléb, o mais velho, de 25 annos de idade, julgava-se com direito a 9 camellos, querendo entregar 5 ao seu irmão Assif, de 18 annos, e 3 a Ali, o mais novo delles, que contava apenas 6 annos.

Este não protestava, porém Assif julgava-se com direito a 6 camellos, allegando só caberem 8 ao seu primogenito, pois se não podia dividir um delles, nem permittia o testamento de seu pae que houvesse meação de posse sobre qualquer um desses animaes. Havia o fallecido frizado bem, que queria, para evitar contendas, recebesse cada um o seu quinhão, separadamente, devendo o filho mais velho velar pelo lote de Ali, até poder ser elle um bom guia do Deserto, como fôra o seu incansavel pae.

A discussão alongava-se por sete longos dias, com desespero de tres ricos negociantes, que se iam utilizar da caravana para transporte de suas mercadorias, cuja retenção lhes causava incalculavel prejuizo.

No khan, onde se encontravam, chegou, montado em um bello camello, um velho sabio, que estava fazendo pesquisas archeologicas do lugar e que contava partir immediatamente com a caravana, pois não podia sósinho atravessar o deserto de Nefud.

Sabendo da causa que impedia a breve partida, offereceu-se gentilmente para decidir a contenda: — Se não podeis, meus filhos, fazer a divisão de vossos animaes, em obediencia á vontade de vosso honrado pae, que foi um de meus bons amigos, vou offerecer-vos o meu camello. Podereis, assim, cumprir a ultima vontade de vosso querido progenitor, nascida da intenção bondosa de evitar contendas, o que evidentemente não foi por vós comprehendido.

Não queriam os irmãos receber tão generosa dadiva, porém, com a intervenção dos mercadores, que viam assim a solução que os faria, mais depressa,



partir, acceitaram o gesto altruistico, não sem combinarem previamente, os dois mais velhos, que se cotizariam depois, para indemnizar o velho de seu precioso vehiculo.

Delegaram-lhe então poderes para repartir os camellos na proporção exigida pelo seu inesquecivel pae.

Acceitou o sabio, sem relutancia, a honrosa incumbencia e, em presença dos mercadores, procedeu á partilha.

Temos dezoito camellos, disse elle, cabendo nove, conforme a disposição testamentaria, a Caléb.

Todos concordaram com a primeira distribuição.

Si Assif tem 18 annos,  $\frac{2}{3}$ , portanto, da idade de Caleb, competem-lhe seis camellos; e não houve discordancia na attribuição do segundo lote.

Emfim Ali, creança de 6 annos apenas, tem a receber uma quantidade igual a  $\frac{1}{3}$  do quinhão de Assif, pois é esta a proporção de sua idade, tendo assim incontestavel direito a dois camellos.

Caleb, por si e pelo seu tutelado, Assif e os mercadores approvaram cordialmente a partilha, que tinha sido feita rigorosamente de accôrdo com a vontade do velho progenitor.

Vamos agora, concluiu o sabio, fazer a distribuição dos animaes e, com surpresa geral, sobrou um camello, pois a somma dos ruminantes contidos nos tres lotes attingia a 17.

— O que sobrou cabe de direito á Justiça — rematou o sabio, e com alegria geral partiu a caravana, sob a direcção de seus novos guias, indo a ella aggregado, montando o seu excellent camello, o desinteressado juiz.



# Cirurgia Geral e especialmente

DOENÇAS DE SENHORAS

*Dr. Barboza Vianna*

Professor da Faculdade de Medicina  
do Rio de Janeiro

**RUA CHILE 17**

**TEL. CENTRAL 1181**

CONSULTAS DIARIAS

N. B. — Só attende a novos doentes, para consulta ou exame, nas 2.<sup>as</sup>, 4.<sup>as</sup> e 6.<sup>as</sup>, de 4 ás 6.





Do passado có as lembranças  
Inda esta alma se commove:  
Tinhas seis annos, eu nove;  
Eramos duas crianças...

## RECORDAÇÕES

Eramos duas crianças...  
Loiras, travessas, inquietas:  
Tu atraz das borboletas,  
Eu atraz das esperanças!

Nas velhas ruas da quinta  
Que brincar! fazia assombro:  
Tu com a mão sobre o meu hombro,  
Eu com a mão na tua cinta,

Corriamos o arvoredó  
Onde as aves espantadas  
Ao som das nossas risadas  
Fugiam cheias de medo.

Um pintor faria um quadro  
De immensa melancolia  
Ao ver-nos, ao fim do dia,  
Sentados na cruz do adro.

Desse passado a memoria  
Um cypreste hoje define-a:  
Nós tivemos uma historia,  
Como a de Paulo e Virginia!

**GUILHERME BRAGA**





## "A Escola Normal" das alumnas

# O LUXO

*Robertina dos Anjos Lima*

Alumna do 3.<sup>o</sup> anno

O luxo é o superfluo, o excesso no conforto e a commodidade levada além do necessario.

O homem deve usar, mas não abusar da fortuna.

O bom uso consiste em um equilibrio moderado de accordo com as condições e o meio; e o abuso é o requinte extremado na utilização dos bens: é a ostentação, é o fausto.

Ostentar é exhibir os objectos do luxo para obter a admiração ridicula de uns e a inveja malefica de outros.

A vulgaridade se deixa dominar pelos poderosos e o luxo é a manifestação do poder.

A virtude opposta ao luxo é a simplicidade: quanto tem o primeiro de vão e ficticio quanto a segunda de util e verdadeira. Um, é o ornamento das almas vasiaas que nada possuem de si; é a expansão das almas transbordantes de sabedoria, captivando e attrahindo os corações pelo seu proprio merito. E' esta — uma virtude, aquelle — um vicio.

Como virtude, a simplicidade habita os espiritos fortes, ao contrario do luxo, que se aninha nos corações mesquiinhos.

O luxo é o exagero da arte, a simplicidade é a propria natureza.

Esta vive no casal florido dos camponezes; aquelle no solar dos potentados; é o egoismo do rico, que prefere esbanjar inutilmente os seus haveres a repartil-os com os necessitados.

O unico meio de evitar essa entidade perigosa que assola as sociedades, é a esmola, ensinada não só pela natureza, mas tambem pelo Evangelho.

O Nilo, quando cheio, transborda, e com as suas aguas torna fertil uma região que sem elle não passaria de um arido deserto; Christo, pelas palavras e com o exemplo, condemnou o luxo e ensinou a simplicidade.

### Curso Normal de Educação

Preparam-se alumnos para os exames da Escola Normal

Directoras—Zenaiide Guerreiro e Sylvia de Leon Chaireó

Professoras pela E. Normal

Rua S. Christovão, 23

### GRANDE ESTABELECIMENTO GRAPHICO

**JERONYMO SILVA**

Livraria, Papelaria e Encadernação

**ALBERTO SILVA**

Rua da Conceição, 59 - Tel. 60 - NICTHEROV

# GLY

O MELHOR DENTIFRICO  
A QUE MAIS CLARÊA  
A QUE COMBATE O MÁO HALITO  
ENCONTRADA EM TODA PARTE

### PHOTOGRAPHIA

**Carlos Alberto & C.**

RUA DO OUVIDOR, 130-2º andar

TEL. NORTE 5882

- RIO DE JANEIRO -



# DE AGULHA E LINHA

*Gloria Swanson*

Nesta época de cruento calor e infindavel monotonia, pois, longe dos carinhos de nossas caras collegas, nem ao menos podemos gosar as delicias de Petropolis e Therezopolis, a philosophia nos invade.

Sentimos, por isso, difficuldade em redigir o nosso costumeiro artiguete sobre modas, cujo principal lucro tem sido a moda dos maus módos para ommigo, de algumas colleguinhas que se julgam artros da elegancia normal.

De repente uma inspiração recebemos do paizinho dos vestidos (e não do das creanças) para escrever sobre o traje do verão em relação com a hygiene.

Pedindo, com antecedencia, perdão ao nosso excellente mestre Dr. Fontenelle, vamos dizer o que pensamos do vestir carioca nesta afflictiva quadra de lazer e esbrazamento.

Causa afflictção ver-se na cidade cavalheiros de traque preto, braços dados com damas cozidas em longos vestidos escuros, figuras que, só com o verão, sente a gente calor.

Sem querermos injectar, em cada cerebro de nossas colleguinhas, uma lição de calorias, mesmo porque não sabemos bem o que seja isto, desejamos, entretanto, dar-lhes uma prelecção sobre a hygiene da moda.

Como está provado ser o ar um mau conductor de calor, devemos no verão reduzir o numero de peças do vestuario, ao necessario para nos cobrir com o preciso recato.

A não ser quem esteja de luto, não é permittido a gente mettida a sabida, como somos nós normalistas, o uso de roupa preta no verão. O preto chama calor (sabemos isso pelas nossas panellas, pois as de ferro aquecem mais depressa do que as de aluminio), e por isso nesta época deve ser banido. Roupas um pouco collantes em vez de folgadas, nada de mangas, que impedem a circulação, e, em poucas palavras, demos um evangelho inteiro do vestuario.

Perdoem as nossas caras colleguinhas termos abandonado desta vez a agulha, para nos cosermos com a linha, nesta camisa de onze varas tão incompativel com o calor e... com a hygiene.





# CLIMATOLOGIA

(Notas de aula do Professor Barboza Vianna, em 1922.  
quando docente de Hygiene).

Zaira Pagliaro

Professora pela E. Normal

O calor, a luminosidade, a pressão, a humidade, o vento, o estado electrico da atmosphaera, são os elementos metereologicos capazes de exercer uma influencia sanitaria sobre o homem ou melhor sobre todos os seres vivos, pois ha animaes e plantas que não se adaptam em qualquer lugar, dando assim a variabilidade desses elementos, a differencição de clima.

Fonsagrives definiu-o como "fórmula metereologica de um logar"; Proust explicou-o como sendo "a constituição geral da atmosphaera do logar" e outros o representam, tomando em consideração um só factor metereologico, como Joly "o estado electrico", Tyler — "a temperatura e a humidade" e assim muitos outros.

Facil é de comprehender, que só do conjuncto de factores metereologicos, ligados á constituição geologica do sólo, poderá resultar o clima de uma região, pelo que ainda hoje se conserva a lição do velho Hypocrates, "o pae da medicina", que o explicou como sendo "o conjuncto de condições physicas peculiares a um logar", em relação com os seres vivos", definindo a climatologia como "o estudo dos ares, das aguas, dos logares". As estações annuaes assignalam as primeiras phases do clima de um logar, sendo a noção do "tempo que faz": bom, variavel, chuvoso, etc., uma expressão que se applica a uma variação metereologica de curta duração, sendo o tempo predominante que vae constituir a média pela qual se classifica o clima de uma região.

Rochard tomando em consideração unicamente a temperatura, por ser relativamente facil de ser apreciada, dividiu a terra por meio de linhas isothermicas, isto é, passando pelos pontos que têm a mesma média de temperatura annual, em varias zonas, chamando "clima torrido" entre o equador thermico (28°) e o isothermo de 25°, "clima quente" de 25° a 15°, "clima temperado" de 15° a 5°, "clima frio" entre 5° e -5° e clima polar" abaixo de -5°.

Arnould objecta que para chegar-se a uma noção precisa de climatologia de um paiz, necessitar-se-hia de, pelo menos, ter-se conhecimento das *linhas isotéras*, que reúnem os pontos de igual temperatura no verão e das *linhas isochimenas* que representam zonas com a mesma temperatura no inverno.

Mesmo com este criterio, não se consegue pela divisão de Rochard, nem ao menos approximar pontos diversos da terra de mesmo clima, pois este não depende só do factor temperatura que é, ás vezes, o que menos influê na metereologia de um logar.

Para exemplificar podemos citar as cidades de Vera Cruz, no norte do Mexico, á beira-mar, e a capital do Mexico, no planalto de Anahuac, a cidade de Manáus, á beira-rio, e as altas regiões do Perú e Equador, onde as neves eternas dos Andes, dominam; todas no entanto, comprehendidas na zona torrida de Rochard.

Por isso não se pôde fazer divisões de clima, de zonas e sim estudar os climas das localidades que variam com a situação destas, podendo-se fallar de *climas continentaes*, *climas de altitude*, *climas de florestas*, *climas maritimos*, etc.

A variação de temperatura pôde nos dar uma noção mais precisa, de que as médias annuaes, pelo que foram tambem os climas divididos em *constantes*, *variaveis* e *excessivos*, sendo os primeiros de variação maxima de 10°, como Belem e S. Salvador, os outros de 20° no maximo como no Rio de Janeiro, e os ultimos de variação maior de 20° como Nova York.

Alguns hygienistas ainda desdobram estes climas em diversos: *constante*, quando não excede a variação de 5° como a ilha da Madeira; *regular*, quando não passa de 10° como o nordeste brasileiro; *variavel*, quando a differença vae até 20° como Paris; *excessivo*, quando a variação attinge a 30° como Buenos Aires; e *extremo*, como Irkursky na Siberia, onde em 1908 a temperatura no inverno attingiu a -58° e no verão a 42° com uma variação de 100°. Passemos uma rapida revista entre estes varios climas.

O clima torrido, cuja denominação provem de uma velha idéa de Aristoteles, que julgava haver na zona tropical um vulcão, pois a medida que se afastavam os navios da Europa, o calor ia augmentando, deve ser banido de nossa linguagem, pois só o velho preconceito europeu, pôde continuar a manter uma designação tão sem proposito.



Para Rochard o clima torrido é ao mesmo tempo excessivo e uniforme. Arnould o divide em *clima equatorial* e *clima tropical*. Ambos estes climas se caracterizam por terem duas estações do anno, uma chuvosa e outra secca distinguindo-se o primeiro do ultimo, pelas variações nyctimeras de temperatura, que no equatorial são apenas de 2 a 4° e no tropical de 15 a 20° e ás vezes mais.

As differenças notaveis que se notam entre a metereologia das ilhas, das costas e a do interior dos continentes, é um poderoso argumento a favor da inexistencia dessa pretensa zona torrida.

O *clima quente* não tem os ventos incommodos do chamado *clima torrido* dos francezes, já se esboçando uma divisão das estações.

No *clima frio* o verão é curto mantendo-se a temperatura, no inverno abaixo de 0°.

O *clima polar* é notavel pela temperatura baixa com que se apresenta, que segundo Werghaus, é no hemispherio norte de 18°.

O *clima continental* é um clima excessivo, sendo as differenças de temperatura muito grandes.

A existencia das florestas modifica sensivelmente a temperatura, tornando o clima mais regular. No deserto do Sahara pela grande evaporação nocturna, de quantidade enorme de calor absorvido durante o dia, cahe ás vezes geada á noite, quando durante o dia, o calor subiu a 46°.

O *clima maritimo* é de alguma maneira opposto ao precedente, por absorver o mar, muito calor, havendo por isso com a terra, um deslocamento constante de ar, produzindo o terral e a viração que tornam frescas as noites.

O *clima das montanhas* pela diminuição de pressão, e pela maior incidencia dos raios solares, explica a menor humidade do ar e a differença de temperatura entre o sol e a sombra.

Estes diversos climas têm uma influencia sanitaria menor do que se imaginava antigamente, havendo hoje uma tendencia, a não considerar certas doenças como molestias climaticas, a medida que se vão descobrindo as causas das molestias.

O paludismo era um dos typos de doenças climaticas, produzido pelos miasmas, que existem nos pantanos. Hoje se sabe que nas aguas paradas se desenvolvem larvas dos mosquitos anorphelineos, que são os responsaveis pela propagação de doença, independendo assim do clima do logar. E assim todas as outras.

Essa questão de clima é muito importante, entretanto, a de *aclimação* e *aclimamento* não o é menos.

Sobre *aclimação* e *aclimamento* existem varias leis redigidas pelos europeus, leis que não tem razão de ser, e que em nada nos podem servir; no entanto é conveniente cital-as. Antes disso porém, é justo que se estabeleça a differença que ha entre *aclimação* e *aclimamento*.

Quando uma raça inteira está soffrendo a acção do factor metereologico — clima — diz-se que a raça está soffrendo o *aclimamento*. Agora, quando a influencia do factor metereologico se faz em particular sobre cada individuo, diz-se que o individuo está soffrendo a *aclimação*.

O facto do individuo ter supportado a *aclimação*, não quer dizer que toda a raça supporte o *aclimamento*, pôdendo-se dar o facto, aliás, commum, de que o representante de uma raça, só, soffra a *aclimação* e que a raça não soffra o *aclimamento*.

Essa differença que sob o ponto de vista scientifico nada apresenta de importante, encarada sob o aspecto hygienico e economico do paiz offerece um aspecto digno de attenção. Assim, o desenvolvimento do Brasil, depende da immigração, é justo portanto que se saiba, quaes os povos que no nosso paiz melhor se adaptam, isto é, povos que ao fim de duas ou tres gerações se tornam nacionaes, e mais ainda, saber, quaes os preceitos hygienicos que devem seguir. No Brasil se aclimatam excellentemente: os portuguezes em todo o Brasil; italianos em S. Paulo e allemães no sul. Os hespanhoes, que se encontram por toda a America do Sul, não se aclimataram tão bem no Brasil, porque escolheram, de preferencia, os logares onde predomina a sua lingua.

#### LEIS DE ACLIMAMENTO

Como já foi dito, os europeus elaboraram diversas theorias ou leis a que os individuos tinham que seguir para se aclimatarem num logar dado. Uma dellas é a seguinte: — **UM POVO SE ADAPTA BEM NUM PAIZ, QUANDO A LATITUDE DESTA E' EGUAL OU MAIS BAIXA DO QUE A DO SEU PAIZ**, isto quer dizer, que uma raça se aclimata bem, de preferencia, num paiz mais frio. Para exemplo desta regra podem-se citar: os francezes no Canadá e os inglezes nos Estados Unidos; mas, si estas provas são em grande numero, outros existem que não podem constituir simples excepções. Assim por exemplo, os portuguezes que se aclimatam em todos os paizes e



no entanto não ha paiz colonisado por elles com a latitude de Portugal, sendo todos de latitude differente por consequencia de clima differente e o mesmo quanto aos hespanhos em toda a America do Sul; concluindo-se d'ahi a deficiencia desta regra.

Outra regra: — **UM POVO SE ADAPTA TANTO MELHOR, QUANTO MAIS FACILMENTE SE CRUZA COM OS NATURAES DO PAIZ.** Esta, entretanto, tambem é falha porque exemplos existem, que exprimem justamente o contrario do que ella expõe. Assim, os portuguezes que se aclimataram tão bem no Brasil, não se cruzaram com os naturaes do paiz e sim com os negros que tambem eram immigrants como elles; os inglezes que tão bem se implantaram na India e que no entanto não se cruzam com os naturaes d'ahi.

Do que ficou exposto se conclue que temperatura, affinidades de raça, etc., são factores que quasi não influem no aclimamento, para este é sufficiente que os individuos que se queiram adaptar a outro logar differente do que nasceram, sigam as regras hygienicas peculiares ao logar, regras, sobretudo, referentes á alimentação e ao vestuario. De modo que as regras de aclimação e aclimamento se resumem no seguinte: — **ADAPTAÇÃO DO INDIVIDUOS ÀS CONDIÇÕES CLIMATERICAS DO LOGAR,** assim, o individuo que quizer habitar a Patagonia deve alimentar-se de oleo de phoca como os naturaes d'ahi; si d'ahi ha algum tempo, quizer habitar o deserto do Sahara, por certo não poderá seguir o mesmo regimten alimentar, devendo restringir o mais possivel a quantidade de calorias absorvidas, tal como faz o natural d'ahi, que póde passar 2 ou 3 dias contentando-se apenas com uma tamara.

Em conclusão, o problema de aclimamento e aclimação resume-se em elementar preceito hygienico de vestir-se e alimentar-se o individuo, de accôrdo com o clima em que vive.

Póde-se applicar á Hygiêne o conselho: *Em Roma sé romano*, e desaparecerão as dœnças climaticas com todos os preconceitos que têm os europeus tanto gosto em criar contra nós.



## BIBLIOGRAPHIA

### A ESCOLA PRIMARIA

Recebemos o numero de Novembro dessa utilissima revista pedagogica que traz o seguinte summario:

O ensino da tolerancia — Os defeitos da nossa leitura, Oswaldo Orico — Dos complementos numericos, Abilia B. de Alencar — Linguagem (6º e 7º annos), America Xavier Monteiro de Barros — Tres palavrinhas, Mestre Escola — Canção de Despedida, Mello e Souza e A. Rego — Othelo Reis — Educação do homem e de cidadão — Historia, Jonathas Serrano — Geographia, Othelo Reis — Lingua materna, Noemia Eloya e Inah Martini — Arithmetica, Olympia do Coutto.

### PROBLEMAS DE GEOMETRIA

O abalisado Prof. Antonio Ferreira de Abreu, teve a gentileza de nos enviar o seu ultimo livro — *Collecção de Problemas de Geometria*.

A interessante collecção compõe-se de trezentos e tantos problemas dados em provas escriptas na nossa Escola Normal, diversos outros problemas, algumas fórmulas, volume e área de cone equilatero e do cylindro inscripto e circumscripto á esphera, notas relativas aos polygonos regulares e finalment formulas para a cubagem das madeiras em bruto e volume dos toneis usadas na Escola Superior de Commercio do Rio de Janeiro.

Ao illustre professor agradecemos sinceramente a offerta e felicitamol-o por tão proveitosa obra.

Uma assignatura d' "A Escola Normal" custa 20\$000

:: :: Vale por 20 livros :: ::



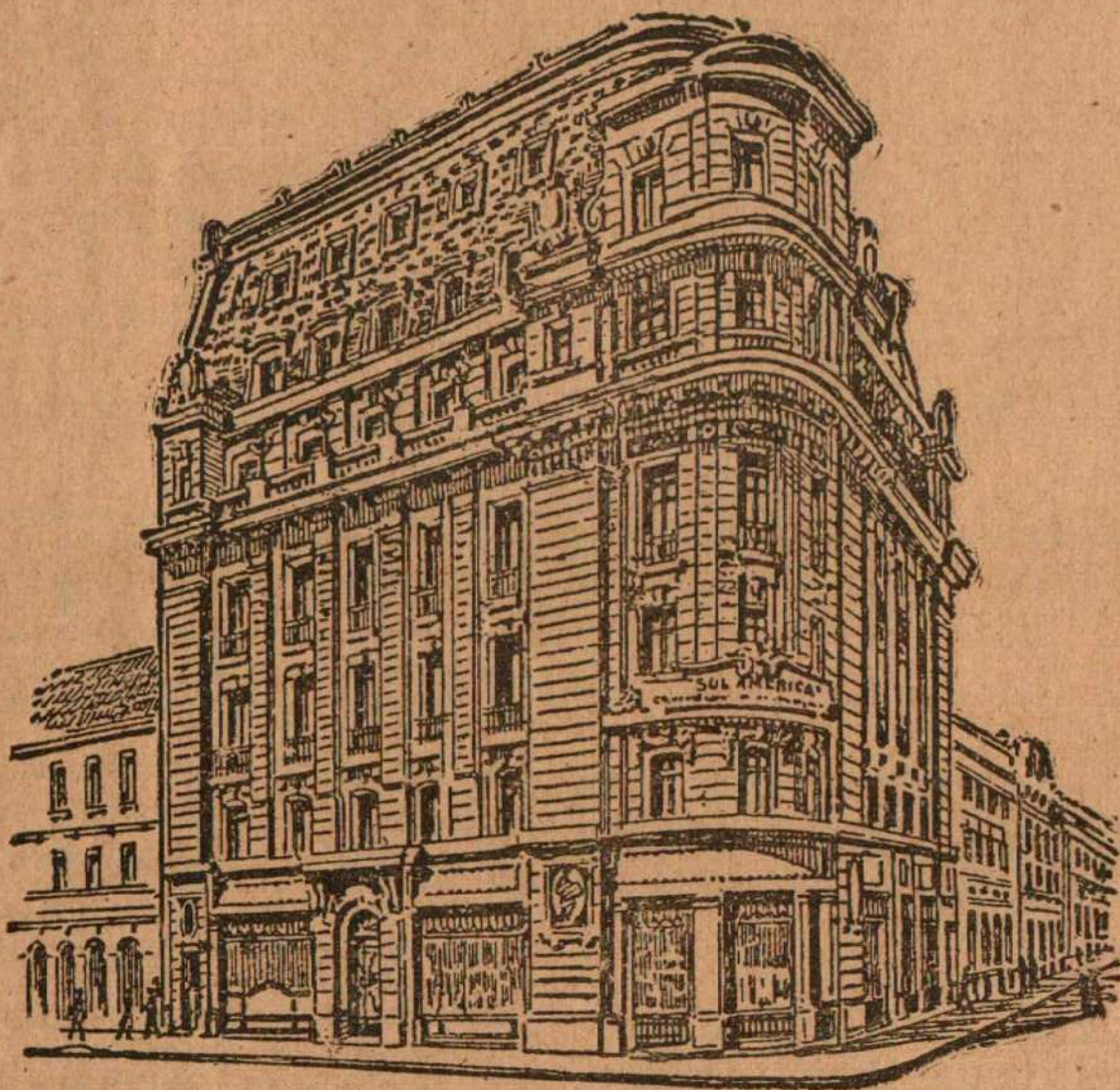
# "SUL AMERICA"

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS

FUNDADA EM 1895

Com a transferencia da carteira brasileira da "New York Life Insurance Company" a "Sul America" terá:

Seguros em vigor, mais de . . . . .	550.000	contos de réis
Fundos accumulados, mais de . . . . .	100.000	" " "
Receita annual, mais de . . . . .	34.000	" "



EDIFICIO EM CONSTRUÇÃO PARA A SÉDE DA "SUL AMERICA" À

## RUA DO OUVIDOR

:: :: :: :: ESQUINA DE QUITANDA :: :: :: ::

Séde Provisoria:

RUA BETHENCOURT DA SILVA, 15

RIO DE JANEIRO



VERMIFUGO IDEAL

# VERMULINA

Não se precisa dieta  
Não se precisa purgante  
Expelle todos os vermes  
E só se toma uma vez.

## CAPAS PARA SENHORAS

SOB MEDIDA  
PREÇOS DA FABRICA

ARTHUR N. GONÇALVES

RUA DO LAVRADIO, 96

1º Andar

Telephone

Central 2127

## O VINHO RAPOSEIRA

é recommendado pelos exmos. medicos

RUA DA QUITANDA, 33

Escritorio tecnico F. K. G.

Projectos de predios, palacetes e BUNGALOWS

Rua da Quitanda, 19, 1º andar.

## A NORMALISTA

J. A. Quirino

RUA DE S. CHRISTOVÃO, 17

CASA ESPECIAL EM

Artigos para desenho, escolares,  
escritorio, miudezas de  
armarinho, perfumarias e grande  
sortimento de brinquedos.

PREÇOS REDUZIDOS

## EMPRESTIMOS

Menores juros — Maior Rapidez

RUA DO CARMO, 71-(1.º andar) Tel. Norte 766

SIQUEIRA CAVALCANTI & C.

(Casa bancaria sob a fiscalização do governo)

Curso Normal de Preparatorios

RUA DO OUVIDOR N. 15-1º andar

Tel. Norte 6713

Rio de Janeiro





## Escola Normal do Districto Federal

PROFESSOR ALFREDO GOMES

Na sala 10, da Escola Normal, precisamente aquella em que o illustre professor Alfredo Gomes dava as suas lições, foi no dia 16 de Dezembro passado, ao meio dia, inaugurado o seu retrato, com uma placa em bronze, com a seguinte legenda: — "Sala Alfredo Gomes". A cerimonia, organizada pelas alumnas da 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> turmas de 3.<sup>o</sup> anno, discipulas no corrente anno do saudoso extinto, associadas ás normalistas do 4.<sup>o</sup> anno, aos professores e á administração do estabelecimento, foi revestida de impressionante solemnidade, achando-se completamente cheio o recinto, com a presença de professores, alumnos, amigos e admiradores do morto, e ainda de pessoal administrativo.

Assumiu a presidência, ladeado pelo professor Thomaz Delphino, orador official, e pela normalista Branca do Espirito Santo, chefe da comissão promotora da homenagem, o Director, Dr. José Rangel, que, após justas referencias feitas aos attributos do Dr. Alfredo Gomes, com a exaltação do seu caracter, amor ao ensino e cumprimento do dever, deu a palavra á normalista Branca do Espirito Santo. Esta, em linguagem singela, disse que ia falar a voz do coração, que reconhecia e admirava a grandeza daquelle outro coração. Relembrou o carinho com que naquella mesma sala o eminente professor, com a palavra autorizada e fluente, conduzia as suas alumnas pelo caminho do ensino. Tudo nelle vibrava, tudo vivia, tal o primor e facilidade de dicção. A par disso resaltavam extrema delicadeza, profundo respeito e perfeito cavalheirismo. Por todos esses attributos, accrescentou a oradora, muito elle se elevou. E' por isso que a sua memoria vive nitida entre suas alumnas e o seu nome passará com veneração ás estudiosas gerações porvindouras.

Seguiu-se com a palavra o professor Thomaz Delphino, que pronunciou analysadora oração dos actos da vida do emerito educador, fazendo minucioso estudo de suas elevadas qualidades. Referiu-se aos traços de seu physico, em harmonia com o moral, ao apuro de suas maneiras, em combinação com a delicadeza de seus sentimentos, ao seu saber, á proficiencia de suas lições, ao entranhado amor pela grammatica e pela pureza da lingua portugueza. Tratou de sua abnegação e desprendimento, salientando a generosidade do seu coração que se desfazia em beneficios para os necessitados. Após considerações outras, terminou affirmando representar aquella homenagem o reconhecimento dos serviços pelo morto prestados ao magisterio, de modo a ser o seu nome perfeitamente lembrado com amor e admiração.

O Dr. Bricio Filho, convidado a falar, disse ser desnecessaria sua presença na tribuna, visto já ter orado no cemiterio na data lugubre do sepultamento, na mesma occasião em que se fizeram ouvir o antigo professor e ex-director daquelle casa, Dr. Abilio Borges, e o professor Balthazar da Silveira, em nome da Sociedade dos Professores da Escola Normal. Além disso, a palavra de Osorio Duque Estrada, no dia da romaria á necropole, já fizera a exaltação da obra do grande mestre. E naquelle momento as vozes do director, da normalista Branca do Espirito Santo e do professor e propagandista Thomaz Delphino, tudo disseram do educador desaparecido. Que restava então ao orador exaltar? O que de moral, de elevado e digno havia naquella homenagem.

Duas cousas impressionaram profundamente o orador, com relação ao passamento do professor Alfredo Gomes. Uma foi quando, salientando á beira da campa de Alfredo Gomes a sua abnegação e o seu desprendimento, distribuindo largamente em seu collegio o ensino a estudantes torturados pela pobreza, viu ali mesmo, no campo santo, assomar a figura de um engenheiro, representante da familia Carneiro, para declarar que elle e mais dois irmãos faziam parte da phalange dos alumnos beneficiados pela generosidade daquelle privilegiado espirito, a cuja bondade deviam a instrucção recebida e a posição occupada no meio social.



Outra impressão a registrar era a daquella homenagem prestada, depois de dois mezes de decorrido o passamento de quem morreu pobre, apesar de haver muito trabalhado, sem deixar representante munido do cofre das graças para conquistar dedicações. Alexandre Dumas, o romancista que tanto se popularisou pela notabilidade das suas obras, fez com que um personagem se admirasse por ver quem se recordasse de um beneficio depois de escoado o praso de oito dias. O orador se sente confortado em ver que após sessenta dias do trespasse do insigne mestre ainda ha quem delle se recorde, inaugurando o seu retrato naquella tão tocante cerimonia.

E' que á delicadeza de sentimentos do distincto professor se adapta perfeitamente o sentir delicado das normalistas naquelle generoso movimento de gratidão. Depois de outras observações, assim terminou o orador:

"Não me proponho, pois, a pronunciar um discurso reconhecedor dos incontestaveis merecimentos do professor Alfredo Gomes. Venho apenas entoar um hymno significativo, expressivo e justo áquillo que entre nós infelizmente já vae rareando, um hymno á gratidão, naquelle momento brilhante e nitidamente representada pelo coração das normalistas da 1.ª e 2.ª turmas do 3.º anno, das do 4.º e de todos quantos se associaram para a impressionante glorificação do nome de quem tanto se fez admirar no magisterio pela elevação de seus sentimentos e pela grandeza de sua sabedoria."

O professor Oswaldo Gomes, filho do Dr. Alfredo Gomes, em nome das familias enlutadas, agradeceu, em expressões frizantes, todas as homenagens dispensadas á memoria do saudoso chefe.

Finalmente, a menina Lilia Gomes, com dois annos de idade, filha do professor Alfredo Gomes, puxou o cordel ligado á bandeira nacional e esta, descendo, deixou ver o retrato do homenageado, com a placa commemorativa.

E assim terminou a tocante cerimonia.

#### O "DIA DAS NORMALISTAS"

Na sessão solemne commemorativa da criação do *Dia das Normalistas*, celebrada a 4 de Dezembro, no salão nobre do Instituto Nacional de Musica, proferiu o Dr. Leoncio Correia, cathedratico de Historia Geral da Escola Normal, o seguinte discurso:

Sr. Director da Escola Normal! Exmas. Senhoras! Senhores!

"Ser moça e bella ser, porque é que lhe não basta?  
Porque tudo o que tem de fresco e virgem, gasta  
E destróe? Porque atraz de uma vaga esperanza,  
Fátua, aérea, fugaz, frenetica se lança  
A voar? a voar?..."

Tambem a borboleta,  
Mal rompe a nympha, o estojo abrindo, ávida e inquieta,  
As antenas agita, ensaia o vôo, adeja;  
O finissimo pó das azas espaneja;  
Pouco habituada á luz, a luz logo a embriaga;  
Boia do sol na morna e rutilante vaga;  
Em grandes doses bebe o azul; tonta, espairose  
No ether; vôa em redor; vae e vem; sóbe e desce;  
Torna a subir e torna a descer, e ora gyra  
Contra as correntes do ar, ora incauta se atira  
Contra o tojo e os sarçaes; nas púas lancinantes  
Em pedaços faz logo as azas scintillantes;  
Da tenue escama de ouro os resquicios mesquinhos  
Presos lhe vão ficando á ponta dos espinhos;  
Uma porção de si deixa onde passa,  
E emquanto ha vida ainda, esvoaça, esvoaça  
Como um leve papel solto á mercê do vento;  
Pousa aqui; vôa além, até vir o momento  
Em que de todo, emfim, se rasga e dilacera..."

O' borboleta, pára! O' mocidade, espera!"



Em vão, pela voz dos seus profundos e maravilhosos versos, o divino poeta das "Symphonias" intima á borboleta que páre e ordena á mocidade que espere... Em vão! que a vida não pára nem a morte espera... Em vão! que dessas duas vertigens, que se atrapalham através dos tempos, nasce a luminosa belleza do mysterio em que se embala a nossa alma angustiosa.

E, aí! da vida, se a mocidade pudesse parar na construcção do edificio que não tem fim! Não gosariamos do requintado prazer espiritual com que ora nos deliciamos nesta festa. Festa de sonhos lindos e de auroras elyseas, que provoca alvoroços e desperta esperanças. Alvoroços de dias melhores, esperança de Patria grande e próspera e rica e feliz... A Patria! Façamol-a, no dizer luminoso do poeta magnifico, "heroica, augusta e grande como a epopeia. Façamol-a nobre como a ode; limpida e ligeira como a canção; ridente e viçosa como a ecloga; pura e christã como a elegia. Sejamos uma nação de alegres marinheiros e de robustos lavradores, vivendo piedosamente a vida simples, irmanando as idéas, nivelando as fortunas, cuidando dos criminosos como enfermos, amparando os invalidos como crianças, marchando no globo, em extase, para a harmonia eterna, para Deus. Criemos uma Patria ideal, vestida de verdade, armada de direito, fulgente de sonho e de belleza. Que as seáras germinem, que os beijos esplendam, e as almas se casem, á luz fecunda de seus olhos. Uma Patria materna e carinhosa, que ensine aos ignorantes, ajude os que trabalham, ameigue os que soffrem, bemdiga os heróes e deixe entrar nos corações, candidamente, a voz alada e luminosa dos passarinhos e dos poetas.

Mas essa Patria, além de bõa e jocunda, eu quero-a estavel e armada de força, além de armada de direito. Quero-a forte para que a respeitem, e siga, livre, avante, com denodo, no caminho do bem e do trabalho. A espingarda defenderá a charrúa, e a bocca negra do canhão o peito alvo da justiça. Quando a arma que mata defende a liberdade, as santas choram, mas não accusam. Por que então a arma da morte criou amor e gerou vida.

A' volta de nós, soffregamente, as cobiças espreitam. Demos á Patria o maximo de resistencia, dando-lhe o maximo de unidade. Unamo-nos todos, e ficará incolumé. Separam-nos idéas e doutrinas? Embora. Cruzemos as linhas divergentes neste ponto commum — o amor da Patria. Façamos variedades harmonicas dos antagonismos destruidores. As idéas e crenças mais oppostas, vivendo-as no fundo do coração com o mesmo espirito de amor, convertem-se em raios de uma estrella, que, discrepando na circumferencia, se casam no centro e se amalgamam."

Essa grandeza harmoniosa da Patria será obra santa da mulher, e, sobretudo, da mulher educadora. Será o fructo celeste da lição e do exemplo, da dedicação e do caminho do professorado primario brasileiro. Dahi, a excelsa importancia da iniciativa do *Dia das Normalistas*. Localizal-o numa cidade, por mais alta que seja a sua importancia social ou politica, commercial ou industrial, e por mais nobre que seja como centro de cultura — é desconhecer o valor e a extensão desta cerimonia, que deve constituir, como a lingua e como a religião, um dos mais fortes laços da unidade nacional. Que ella seja espalhada e celebrada e cantada e exaltada por toda a vastidão do territorio brasileiro. De ora avante, no mesmo dia, todo o Brasil a solemnise como numa liturgia espiritual. Ella representa uma transfusão radiosa de almas, uma irmanação commovida de corações. Ella vae assignalar o cyclo do entendimento na fórmula de saber ser brasileiro. Vae marcar de uma belleza virginal e translucida a superior concepção de Patria. E essa iniciativa seria hoje, na sua inicial expressão concreta, de um jubilo perfeito, de uma alegria absoluta, de um regosijo sem contrastes, se ás suas notas festivas se não casassem as dolencias de um hymno de saudade, brotadas da melancolia immensa com que recordamos, por 4 vezes, em 4 sombrios vãos, este anno, a morte nos levou, separando-nos para sempre do seu convivio pessoal na terra, a Saboya de Alencar e Raul Nilsen, a Leopoldo de Carvalho e Alfredo Gomes! E' que a vida não pára e a morte não espera... Pois se a vida não pára, acompanhemol-a no seu tumulto titanico, embellezando-a com os nossos sonhos, enchendo-a com os nossos cantos, espiritualizando-a com a nossa intelligencia, dignificando-a pela pratica de virtudes austeras, divinizando-a com as doçuras da piedade e com os sorrisos luminosos de Deus. E se a morte não espera, sejamos dignos de marchar para ella como para as promessas de um noivado mystico, cantando o canto do trabalho e rezando a reza do amor. E se a vida não pára e a morte não espera, nobilitemos a vida, preenchendo-a refulgentemente, afim de que não morramos com a morte!

Graciosas donzellas de hoje, sublimes mães de amanhã! Moços ousados do presente, homens experientes do futuro! Cantaes hoje como as aves canoras, mas pregae amanhã, do alto da vossa cathedra, aos discipulos attentos, como do alto de uma humilde montanha pregou, outr'ora, ao mundo, com enlevo e com assombro deste, a mais simples e a mais candida, a mais piedosa e a mais bella, a mais limpida e a mais glo-



riosa, a mais amorosa e a mais perfeita das almas pela voz eterna e pela palavra divina do meigo e doce Jesus!

### ESCOLA DE APPLICAÇÃO

No anno lectivo de 1924, que findou, cada normalista teve, no curso de applicação, 22 lições ou seja um total de 6.300 lições e 30 dias de assistencia em série, na Escola do Jardim de Infancia ao 7º anno complementar.

De um modo geral os normalistas revelaram real aproveitamento pois entre as ultimas lições algumas houve que se destacaram e mereceram altos elogios por parte dos professores da Escola.

Distinguiram-se por terem obtido média dez absoluto (duzentos e vinte pontos nas vinte e duas lições), e ainda algumas com louvor por haverem sido suas aulas, julgadas excellentes as normalistas Anna Pinto do Amaral, Ilza Freire de Aguiar e Laura Nogueira.

## Escolas Normaes de S. Paulo

### ESCOLA NORMAL DE PIRASSUNUNGA

Receberam grão com grande solemnidade no dia 5 do corrente os vinte e tres alumnos formados em 1924, nessa Escola.

Salientaram-se na turma, por terem sido approvadas com distincção em todas as disciplinas do curso, as senhoritas Jandyra Mattoso e Herminia Palma.

## Escolas Normaes da Bahia

Por decreto de 31 de Dezembro do anno findo, o Governo do Estado restaurou a equiparação do Gymnasio S. Salvador á Escola Normal do Estado, nomeando fiscal a Professora D. Beatriz Contreiras.

## Escolas Normaes de Minas Geraes

### ESCOLA NORMAL DE BELLO HORIZONTE

Terminaram o curso na Escola Modelo da Capital, as seguintes alumnas: Helena Falandí, Maria G. de Carvalho, Maria José Guimarães, Irene Magalhães, Aracy Prata Brandão, Carmen Queiroga, Lyra Leste, Elisa Vasconcelles, Maria Xenia C. Rabello, Lelia Prates, Ruth Pinheiro, Helena Mello de Azevedo, Eudoxia Gomes, Elza Gomes, Glaphira Sardes, Iris Lacerda, Elza Carvalho Malheiros, Martha Mattos, Eolinh Mira Santa Rosa, Carmen Campos Andrade, Maria Lourdes Paschoal, Maria da Conceição Elza Severiano Carvalho, Zilda Chagas, Amarylho Cunha, Hercilia Diniz Silveira e Zelia Lopes.

## Escolas Normaes do Espirito Santo

Acham-se abertas pelo prazo de 90 dias, as inscrições para a cadeira de Francez, da E. Normal de Victoria.

Barboza Vianna

HYGIENE PARA TODOS

Encontra-se nesta redacção

Preço : 5\$000





**João de Carvalho**

CONSTRUCTOR

Construção e Reconstrução  
de prédios por  
administração ou empreitada

OFFICINA E ESCRITÓRIO:

Rua Buenos Ayres, 230

Telephone Norte 372

RIO DE JANEIRO

**Salutaris**

A MELHOR AGUA MINERAL NATURAL

A RAINHA

DAS

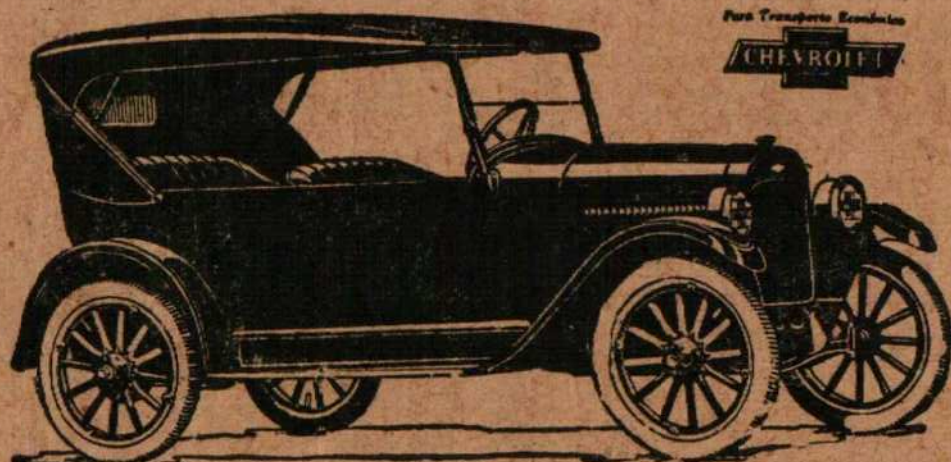
AGUAS DE MESA

A' venda em toda a parte

**O novo Chevrolet 1925.**

MAXIMA QUALIDADE

MINIMO PREÇO



**VENDAS A PRASO LONGO**

Unico+ agentes para todo o Brasil:

Companhia Commercial e Maritima

**AUTO GERAL**

Rua Benedictinos, 1 a 7

Rio de Janeiro



NEURASTHENIA

HYSTERIA

EPILEPSIA — CONVALESCENÇAS

EXGOTAMENTO NERVOSO, ETC.

# OPO-CEREBRINA

Do LABORATORIO CLINICO SILVA ARAUJO  
O melhor tonico do systema nervoso.

DRAGEAS — (extracto cerebral dessecado)

EMPOHAS — (extracto cerebral injectavel)

## O LABORATORIO CLINICO SILVA ARAUJO

encarrega-se de quaesquer pesquisas bacteriologicas subsidiarias ao diagnostico clinico — P. ex.: nos casos de angina diphterica, infecções intestinaes, septicemias, meningites, infecções do aparelho genito-urinario, etc.

## Honroso conceito

de um illustre e conhecido clinico do Rio de Janeiro sobre o preparado **BULGARO-ZYMAZE** :

« Sempre que aspiro impedir as fermentações intestinaes e restituir ao grosso intestino, a sede principal das putrefações alcalinas, o seu dispositivo acido recorro, com a maxima segurança, aos comprimidos de Bulgaro-Zymase fornecidos e preparados pelo Laboratorio Clinico Silva Araujo. »

(assig.) ALEXANDRE CALAZA.

Do « Laboratorio Clinico » n. 5 pags. 1 a 4.

Nas infecções intestinaes, diarrhéas das creanças, fermentações digestivas, doenças da pelle, etc. **BULGARO-ZYMASE** é um remedio soberano — 4 a 6 comprimidos por dia.